



Entrevista

Construção civil Setor retomou o fôlego, mas precisa de cautela, afirma Wagner Breckenfeld. [Página 4](#)

Paraíba

Teste do Pezinho pode evitar desenvolvimento de doenças

Disponibilizado pelo SUS, o exame passará a identificar 50 doenças. Paraíba realiza 38 mil testes anualmente. [Página 6](#)



Sabia disso? Pelé já foi garoto-propaganda do Banco Industrial de Campina Grande na década de 1970. [Página 25](#)

Economia

Os "sem banco" movimentam R\$ 174 bi por ano no Brasil

Em plena era digital, há quem nunca tenha aberto uma conta bancária e prefira "juntar" o dinheiro em casa. [Página 17](#)

Colunas

/// Fica cada vez mais difícil compreender o que se passa na arte sem o mínimo conhecimento de sua história, de seus desdobramentos internos, das características dos estilos, das concepções estéticas hegemônicas. [Página 10](#)

Estevam Dedalus

/// Quando se fala em música cubana 'recente', vem à mente dos apreciadores de uma boa música a repercussão mundial do trabalho realizado pelo Ry Cooder que, juntamente com Wim Wenders, produziu 'Buena Vista Social Club'. [Página 27](#)

Professor Francelino Soares

O MELHOR TIPO DE SANGUE É O SEU!

Campanha de incentivo à doação de sangue

DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!



Em 3 anos, produção de algodão branco cresceu 400% na PB

Volume colhido saltou de 52,8 toneladas, em 2018, para 255,5 toneladas, em 2020; já a colheita de algodão colorido mais que dobrou entre 2019 e 2020. [Página 7](#)



Foto: Arquivo Secom-PB

A Paraíba segue com a tradição algodoeira, que já fez do Estado o maior produtor no Brasil, dando forte impulso à economia local

Esportes

Luana Pinheiro, dos tatames ao octógono

Um perfil da atleta que, após ficar de fora dos Jogos Olímpicos de 2016, trocou o judô pelo MMA e, aos 28 anos, busca um novo estímulo para derrubar as oponentes e alcançar o pódio. [Página 21](#)

Foto: Reprodução/Instagram

Brasileiros fazem turismo pelo mundo em busca de vacina

Criticados por questões éticas, já que privilegiam quem tem dinheiro, pacotes incluem "escala" para quarentena em hotéis de luxo e entrada gratuita em atrações. [Página 19](#)

Foto: Edson Matos

GIRO NOS MUNICÍPIOS Paraíba

Cabaceiras Na terra onde o bode é rei, a caprinocultura movimenta a economia, que também sofre o impacto positivo da indústria cinematográfica. [Página 8](#)

Foto: Teresa Duarte

Walter Galvão analisa obra de Marx em novo livro

Jornalista e ex-editor do Jornal A União contextualiza as ideias socialistas do filósofo alemão em tempos de 'uberização' do trabalho. [Página 9](#)

Editorial

Croquis

O Estado Democrático de Direito, grosso modo, é um edifício cuja fundação é a soberania popular. A razão de sua existência é o bem-estar dos indivíduos, humanizando as relações individuais, de maneira a fazer o conjunto a que se chama sociedade funcionar dentro de padrões os mais harmônicos possíveis. Daí a necessidade de vistorias, concertos e ampliações permanentes, para que a construção não perca a sintonia com a dinâmica da vida.

O Brasil vive a experiência da democracia representativa. Em tese, e de forma genérica, o povo elege seus representantes, para defender seus interesses nas principais instâncias que configuram o Estado. Neste modelo, é fundamental saber escolher, tendo em conta que dar poder a lobos disfarçados de ovelhas pode colocar em desacordo os poderes constituídos, corromper suas finalidades precípuas e, por extensão, aviltar a soberania popular.

Nada na vida resiste à mudança. As formas que apostam na imutabilidade fossilizam-se, e o tempo lhes corrói a estrutura até que nada reste, nem mesmo o pó das assertivas religiosas. Às pessoas autoritárias, que se acham acima do bem e do mal, por exemplo, a sabedoria do povo responde com uma velha máxima: não há couro tão duro que os vermes não roam. Assim são as estruturas sociais; precisam de evolução permanente.

O perigo está no tipo de reforma que se pretende fazer no edifício democrático. Acontece às vezes de, camuflados de melhorias, determinados projetos visarem, na verdade, a implosão do edifício humanitário, com vistas à sua substituição por um imóvel de arquitetura marcial, cujo ambiente estaria mais propício a cultos de personalidade, no melhor estilo do autoritarismo, portanto, menos adequado a dar guarida à alma plural do povo.

Este é o cuidado que se deve ter, a partir do momento em que os ataques ao Estado Democrático de Direito tornam-se constantes. As sucessivas tentativas de desqualificar o ordenamento jurídico devem ser minuciosamente analisadas, para que se saiba qual o resultado final da ofensiva. Se haverá avanços republicanos no conjunto de regras e princípios que regem a nação, ou se a meta a ser alcançada é a capitulação da liberdade.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

A rebeldia de Pedro Gondim

Em quatro de junho de 1968, o presidente Costa Silva sancionava a Lei 5.449 que declarava áreas de interesse da segurança nacional 68 municípios brasileiros, cujos prefeitos passariam a ser nomeados pelo governador do Estado, após prévia consulta ao presidente da República. A notícia, ainda que péssima para todos nós brasileiros, deixava os paraibanos com um certo sentimento de alívio porque entre as cidades alcançadas pela perda de autonomia política e administrativa não se incluía Campina Grande, que vinha sendo seriamente ameaçada desde quando começaram a pensar na adoção dessa medida de força.

O anteprojeto foi considerado aprovado graças a uma manobra da liderança do governo. Como havia uma forte reação de vários parlamentares da Arena, que não desejavam votar a favor do anteprojeto, a alternativa foi orientar a bancada a se ausentar da Câmara, evitando assim que fosse obtido o quórum suficiente para votação. O objetivo foi alcançado. O quórum que se fazia necessário não foi alcançado na sessão da noite do dia vinte e cinco de maio. O projeto então foi aprovado por decorso de prazo, mesmo sem a votação do Poder Legislativo.

Todavia, alguns deputados arenistas descumpriram a orientação da liderança e permaneceram em plenário, entretanto não foram em número bastante para garantir o alcance do quórum exigido. Entre esses parlamentares rebeldes, estava o deputado paraibano Pedro Gondim. Em discurso pronunciado no início de junho na Câmara Federal, o deputado Pedro Gondim assim se manifestou a respeito: "Não endosso os gestos daqueles que atribuem a uns a condição de meros serviçais, com posição fechada, cegamente em obediência à liderança ou ao governo, como também não endosso a tese de que a permanência de outros nesta Casa possa ser considerada um ato de hostilidade à liderança ou por revanchismo contra o governo. De minha parte posso dizer que não tive o ânimo ou objetivo de hostilizar quem quer que seja, mas antes, e acima de tudo, não hostilizar a

mim próprio, ferindo os meus princípios, contrariando a minha vocação democrática e as minhas tradições municipalistas. Não têm razão os que, frente ao episódio, proclamam a necessidade de fechar o Congresso, por considerá-lo um órgão inútil face às pressões do governo. Não vamos pregar o fechamento desta Casa. Antes vamos nos redimir dos erros e nos projetar e nos impor à confiança da nação brasileira. É preciso que o Executivo não se limite a confiar na inteligência dos seus líderes, na dedicação e experiência parlamentar, no devotamento de sua gente, até na predisposição para o sacrifício. É preciso que o Executivo crie condições positivas, ofereça clima e instrumentos de ação para que, assim, a liderança, identificada com a Casa, possa manipular verdadeiras e bonitas vitórias. Nunca fugas táticas.

É necessário que os assuntos talhados à polêmica, assuntos que falam de perto à sensibilidade política de nosso país, sejam precedidos de audiência do Executivo com seus líderes e que eles, pelo simples fato de terem merecido a confiança de nossos votos, não se dispensem da audiência com a bancada e o partido. A cada hora que se sucede, a cada minuto que se passa, ganhamos maior convicção de que farsa maior não poderia se oferecer a este país do que aquela que ontem era uma tentativa e hoje um fato consumado, retirando a autonomia de sessenta e oito municípios brasileiros".

O deputado Pedro Gondim, até ser cassado pelo AI 5, sempre pautou sua atuação parlamentar em defesa da democracia, afastando-se de qualquer posição de submissão. Votando sempre de acordo com sua consciência, sua história política, mesmo que em contrário aos desejos da ditadura, apesar de filiado ao partido que dava sustentação ao governo. Era um dos rebeldes da bancada governista. Na Paraíba, sua postura era acompanhada pelo deputado estadual arenista Francisco Souto. Ambos de forma destemida nunca se curvaram às pressões dos militares que estavam no poder. Honraram nossas tradições políticas de coragem, destemor e bravura.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Perfil da serpente

Ele chegou sem o boné, os cabelos e o bigode ouriçados, voz pálida e arrepiada. Tenho um furo, mas não posso dar disse o colonista Abmael Moraes, as pessoas vão pensar que estou de novo com delirium tremens, e posso até ser expulso dos AA – murmurou o pirata arrepiado pendido do Montilla. Acabou de ver um mostro marinho não identificado – destampou, gaguejante, o sobrevivente.

Foi em Ouro Branco?

Não, em Ouro Branco ainda não tem mar. Faz parte dos meus compromissos de campanha, mas não consegui verbas suficientes para instalar um braço ou perna de mar em Ouro Branco. É um dos pleitos que pretendo levar aos candidatos à Presidência da República. O que me arranjar fundos perdidos para levar o mar ao cariri de Ouro Branco, terá meu apoio com todos os meus currais eleitorais. Quero um mar bem doce como o de Caymmi, para quem quiser morrer numa boa: Sem aquele bicho que vi no Cabo Branco, há poucos minutos.

Quase todas as manhãs, o retirante de Ouro Branco fazia um cooper em marcha lenta, aproveitando o ponto-morto na calçadinha do Cabo Branco. Mas, nesse dia ele correu. Chegou no jornal botando o resto do fígado pela boca.

Você não vai dar furo nenhum, Abmael. O que tangeu você até aqui foi a língua bifida da serpente do Cabo Branco. Só que nunca vi o que você chama de "mostro marinho não identificado". Mas pessoas insuspeitas como Carlos Aranha, Iremar Bronzeado e até o psiquiatra Marcos Wanderley já testemunharam a existência do réptil no mar. Seu colega vereador Francisco Barreto é um dos pesquisadores das aparições.

De fato, como o leitor se recorda, já denunciei várias vezes o que pode ser a grande ameaça do Cabo Branco. Desde muito tempo que escrevia no Correio, venho chamando a atenção das autoridades e da opinião

pública assim como a dos estudiosos para o problema. No entanto, alguns estudiosos têm se dedicado ao assunto. É o caso do pintor Unhandeijara Lisboa. Ele está fazendo uma série de gravuras tentando retratar o monstro que Abmael viu naquele dia. - Você não é um rato, é um foca – argumentei. Tem mesmo que perder o medo e voltar ao local do crime, investigar o fato e reportar para seus leitores. Se você tivesse maior sensibilidade intelectual e lesse minha coluna, já teria algumas informações sobre o que Balduino Lelis garante ser um "fóssil vivo". Outro que pode acrescentar, mais alguma luz sobre as aparições é o confrade Walter Galvão, autor do texto sobre o monstro nas gravuras de Unhandeijara. O silvo que você ouviu já foi reproduzido pelo compositor Carlos Aranha, no seu rock de roda "Super-serpente". Outro dia, o também compositor Fernão Falcão Marinho gravou o silvo da serpente para fazer mixagem no seu disco. Eu ouvi o silvo na fita de Marinho.

O som é realmente estarrecedor. Abmael não estava mentindo. Dessa vez, ele falou a verdade. Fernão Falcão quis repetir a fita e eu não deixei. Foi lá na casa de Everaldo Júnior. Todos estávamos arrepiados. No outro dia, Júnior me telefonou dizendo que não dormiu com o monstro assobiando nos seus pesadelos. Mas Abmael, que além de repórter é vereador da brava terra de Ouro Branco, tem o dever de passar a coisa a limpo.

-Você pode até ganhar o Prêmio Esso de reportagem.

-Prefiro ver, outra vez aquele jacaré do querosene que tanto me perseguiu nas minhas ressacas. A serpente nunca mais. Já fui mordido de cobra quando menino.

Não Abmael não teve uma recaída no delirium. A serpente do Cabo Branco é uma realidade construtora. Quando passar o susto de Abmael, ele, retratista minucioso, poderá fazer um de seus melhores perfis.

Domingos Sávio

savior_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelra
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762



Menor quantidade de informações nas cidades interioranas, bem como a falta de medidas restritivas e cuidados com higiene para evitar a propagação do vírus, foram apontados Secretaria de Saúde como motivos para aumento dos casos

Cresce número de óbitos e casos de covid-19 no interior

Mais de 75% das novas infecções e mortes por covid-19 foram registradas fora da capital paraibana, segundo Consórcio

Ana Flávia Nóbrega
anflavia@epc.pb.gov.br

Com mais de 340 mil casos de pessoas contaminadas pelo novo coronavírus e 7,8 mil falecimentos em decorrência do agravamento da doença, a Paraíba vive um momento de crescimento no número de novos casos

e óbitos no interior do estado. Cerca de 77,82% dos novos casos e 75,86% das mortes aconteceram fora da capital paraibana, movimento percebido e compreendido pelo Comitê Científico do Consórcio Nordeste como interiorização da doença.

A explicação do processo leva em considera-

ção a menor inserção de informações midiáticas em cidades do interior, bem como o abandono de medidas restritivas e de cuidados de higiene para evitar a propagação do vírus, confirmado pela assessoria da Secretaria de Estado da Saúde (SES).

João Pessoa lidera, desde o início da pande-

mia, a lista de casos totais confirmados e acumulados no estado com 87.641 casos e 2.613 mortes ocorridas entre seus residentes. Mesmo com maior concentração, a capital registrou, nos últimos dias, uma queda no número de casos e óbitos em comparativo com as demais cidades do estado.

Desde o último domingo, até a sexta-feira, foram contabilizados 174 mortes, sendo 42 em João Pessoa, resultando em 24,14% dos óbitos totais. Entre os casos, 2.528 dos 11.399 foram confirmados entre os residentes da capital, representando apenas 22,18% dos casos totais.

João Pessoa lidera número total de infectados, mas levantamento aponta interiorização das novas ocorrências

Dados da Secretaria de Saúde apontam alta no número de mortes em CG

A SES divulga, diariamente, números consolidados de novos casos e óbitos em todo o estado. Nos boletins diários, recebem destaque as cinco cidades que acumulam o maior número de novos casos no dia e os municípios de residência de cada vítima da covid-19.

A análise leva em consideração os números divulgados pela SES, a partir de dados referentes ao período de 30 de maio a 4 de junho, desconsiderando o boletim referente ao sábado.

No dia 30 de maio, foram confirmados 28 óbitos. Destes, apenas três ocorreram na capital paraibana. Os demais

25 foram distribuídos entre as 16 cidades que apareceram no boletim, sendo em Campina Grande o maior registro, com 7 óbitos. Entre os 1.178 casos confirmados, apenas 183 foram registrados em João Pessoa, representando 15,53% dos casos e 10,31% entre os óbitos.

No dia seguinte, segunda-

feira, João Pessoa liderou as listas com sete mortes e 147 novas contaminações confirmadas, que representa, de acordo com os números totais diários de 1.016 casos e 27 mortes, 14,47% e 25,93%, respectivamente.

Na terça-feira, a capital apresentou um aumento. Foram 723 casos entre os 1.721

confirmados e 10 mortes entre as 31 registradas. Os números consolidados representaram 41,29% de concentração entre os novos casos e 32,26% entre os falecimentos. A média foi mantida na quarta-feira, com 19,81% dos novos casos, o equivalente a 476 casos entre os 2.403

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FIM DAS COLIGAÇÕES EM 2022: REGRA DEVERÁ PROVOCAR MIGRAÇÃO DE CANDIDATOS PARA OS PARTIDOS MAIORES

A eleição de 2022 será um desafio a mais para partidos e candidatos a deputado federal e estadual. É que será a primeira vez que a disputa por vagas na Câmara Federal e nas Assembleias Legislativas não terá um elemento adotado há décadas: as coligações. No próximo ano, as legendas terão de concorrer em faixa própria, formando suas próprias chapas. Isso deverá gerar um problema para partidos de médio e pequeno portes, que têm menos tempo de televisão e rádio, estrutura menor e recursos idem. Os partidos maiores, assim, se tornariam mais atrativos para os candidatos. A competitividade entre os postulantes a cadeiras nos parlamentos federal e estadual, pois, tenderá a ser maior. Diante dessa nova regra - proibição das coligações proporcionais -, a tendência é que haja uma grande movimentação de troca de partidos, com os candidatos à reeleição ou novos candidatos procurando as legendas maiores. Na Câmara dos Deputados, há uma comissão especial instalada para propor mudanças nas regras eleitorais, entre as quais a implementação do 'distritão', em que são eleitos os candidatos mais votados - atualmente, o sistema é o proporcional, em que são somados os votos dos partidos com os votos nos candidatos e, a partir do quociente eleitoral, é realizado o cálculo para definir as vagas de cada legenda. A deputada Renata Abreu (foto), do Podemos-SP, relatora do colegiado, pretende apresentar relatório em julho, após a realização de seis audiências públicas e cinco reuniões de debates entre os deputados.



Foto: Najara Araújo / C.D.

CONGRESSO TEM PRESSA

O parlamentares têm pressa com o trâmite da reforma eleitoral. Isso porque o Congresso tem até o início de outubro para aprová-la, de modo que sejam válidas para a eleição de 2022. Pela legislação, alterações nas regras eleitorais precisam ser efetivadas até um ano antes da eleição. Se não ocorrer assim, as mudanças só valerão para 2024.

DEFECÇÕES NO PSL

A iminente filiação do presidente Bolsonaro ao Patriota provocará defecções no PSL da Paraíba. É que Cabo Gilberto e Moacir Rodrigues, representantes do partido na ALPB, têm afirmado que seguirão o mesmo destino do presidente. O Patriota é presidido no estado pelo deputado estadual Wallber Virgulino.

SENHA NÚMERO 1

"A senha número 1 do Avante é de Adriano Galdino. Com ele, Campina Grande também estará contemplada, até porque ele foi candidato a prefeito da cidade". Do deputado estadual Júnior Araújo (Avante), defendendo a participação do presidente da ALPB na chapa majoritária a ser encabeçada pelo governador João Azevêdo (Cidadania).

TEMPERATURA MÁXIMA

Nesta próxima semana, a temperatura deve aumentar na CPI da Covid do Senado, como tem ocorrido em outros depoimentos colhidos pelo colegiado. É que na próxima terça-feira os deputados, a maioria da oposição e do chamado bloco independente, irão ouvir novamente o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga.

REUNIÃO CONTROVERSA

A semana na CPI da Covid, de fato, projeta embates entre opositores e a tropa de choque do governo. É que o vice-presidente da comissão, Raulo Rodrigues (Rede), apresentou requerimento para convocar o deputado Osmar Terra (MDB). Ele teria organizado reunião entre médicos e Bolsonaro em que são feitas ressalvas à aplicação de vacinas.

PSOL: NOVO ATO CONTRA BOLSONARO NO DIA 19

Presidente do PSOL na Paraíba, Tarcio Teixeira, confirma que haverá nova manifestação contra Bolsonaro, no próximo dia 19 - o local onde ocorrerá o ato em João Pessoa ainda será definido. O dirigente afirmou que os participantes serão orientados a adotar protocolos preventivos contra a covid-19, como uso de máscara e álcool para higienizar as mãos.

Wagner Breckenfeld,
Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa

“No cenário de incertezas, é natural ter cautela”

Apesar da vacinação, fim da pandemia ainda é incerto e novos investidores da construção civil devem se manter cuidadosos

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Não é novidade para ninguém que a pandemia causada pelo novo coronavírus provocou um verdadeiro rebuliço na economia. Até os setores mais sólidos sentiram o impacto da crise e com a indústria da Construção Civil não foi diferente. A boa notícia é

que em meio às dificuldades o mercado se readaptou, passando inclusive a utilizar mais tecnologia nos processos, e agora retoma o fôlego. De acordo com o IBGE, a indústria brasileira cresceu 0,4% entre final de 2020 e início de 2021 e para a Construção Civil, e toda a cadeia envolvida, o cenário para o segundo semestre pode sim ser con-

siderado animador.

A União conversou com Wagner Antônio Alexandre Breckenfeld, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa, entidade que possui 147 empresas associadas e atua há mais de 40 anos no segmento, contribuindo de forma importante para o desenvolvimento de João Pessoa.



Wagner Breckenfeld destaca que a alta nos preços dos materiais de construção vem trazendo novos desafios ao setor em 2021

A entrevista

Entre os setores que se destacam na economia brasileira está o da construção civil, segundo maior empregador do país. O setor tem conseguido retomar o crescimento?

A construção civil, apesar de fechar o ano de 2020 com queda, conseguiu alcançar um bom desempenho durante o ano, pois manteve elevadas as contratações e seguiu com nível de atividade dentro da média dos anos anteriores, mesmo com uma redução nos lançamentos.

O ano de 2021 tem sido desafiador para o segmento por conta da alta nos preços dos materiais de construção, e em alguns momentos a falta de insumo, tem pressionado os índices de inflação setorial aos mais altos níveis desde o Plano Real.

Que leitura podemos fazer a partir dos dados divulgados pelo IBGE?

A indústria brasileira, assim como os outros setores, sofreu bastante com a pandemia. Obteve uma recuperação no segundo semestre de 2020, mas ainda não retomou o nível de atividade pré-covid, impactado diretamente pelos altos custos dos insumos, bem como as incertezas econômicas.

E como está a indústria hoje na Paraíba, diante dessa crise sanitária?

A Paraíba não é diferente dos outros estados brasileiros. A indústria tem sofrido com a pressão de preços dos insumos e a baixa atividade econômica, impactando na retomada da produção.

Como foi a adaptação a esse momento de pandemia e quais seto-

res mais sofreram com a crise?

A grande adaptação foi a migração de muitas empresas para o formato digital de vendas, para aquelas que ainda não o faziam. Hoje, praticamente todas as empresas operam com atendimento virtual, têm sites e redes sociais em que os clientes podem escolher seu imóvel e fechar contratos de maneira totalmente virtual.

O setor de serviço foi o mais impactado, principalmente aqueles ligados ao turismo e lazer (hotéis, restaurantes, eventos etc), e esse resultado impacta indiretamente na construção. Com menos turistas, possíveis compradores não visitam nossa cidade, acarretando em poucas vendas para pessoas de fora do Estado.

“A construção civil é o segmento responsável pela produção de um dos maiores sonhos do ser humano, que é a moradia. Dessa forma o setor constrói desde casas populares às residências de luxo”

Por falar nisso, como se comporta João Pessoa em relação à venda de imóveis para clientes de outros estados? Qual o perfil desses compradores?

João Pessoa tem muitas características que agradam os clientes de outros estados. Citando algumas:

- Orla urbana extensa, com belas praias e segura;
- Cidade tranquila com proximidade com outras capitais do Nordeste;
- E tem o menor preço

“Um dos dez edifícios mais altos do país está localizado em João Pessoa, mais especificamente no bairro Altiplano, e três das 100 melhores construtoras do país, são associadas ao Sinduscon JP”

médio do metro quadrado de imóveis entre as capitais monitoradas pela Fipe/Zap.

Com relação a vendas e ao perfil dos compradores, o Sinduscon-JP ainda não tem uma pesquisa que mostre com exatidão as características desses clientes, pois muitas informações sobre esse tema são de domínio privado das empresas, sendo cumpridoras da Lei de Proteção de Dados.

É um momento bom para investir?

Com relação aos investimentos, o período é de cautela. Embora a vacinação seja uma realidade, ainda estamos em um ritmo muito lento para uma retomada segura dos investimentos, quando comparado com outros países.

Detalhe um pouco mais sobre ‘cautela na hora de investir’, como o senhor sugeriu.

A pandemia trouxe uma série de questionamentos sobre o futuro: como serão os negócios pós-covid? Quando toda população estará vacinada? Quando os grandes eventos vão poder ter público? Entre outras. Em um cenário como esse é natural os empresários esperarem mais um pouco antes de voltarem a investir, pois ainda não têm, claro, uma situação confortável para retomarem sua produção, principalmente na construção civil, que o volume financeiro empregado em uma obra é muito elevado,

e em um cenário de incertezas, é “natural ter cautela”.

Quais as perspectivas para o segundo semestre?

As expectativas para o segundo semestre estão melhorando a cada dia. Embora a pandemia ainda esteja atingindo fortemente a economia, os indicadores mostram um quadro favorável tanto na atividade econômica, quanto na geração de emprego.

Basta observar os dados divulgados pelo Banco Central através do IBC-Br, que servem como uma prévia do PIB, que subiu 2,3% no primeiro trimestre, mostrando uma melhora na atividade econômica do país. Bem como os empregos, que, só em abril, foram gerados 120 mil novos postos com carteira assinada, segundo o Caged.

Em quais setores da Indústria da Construção Civil a Paraíba se destaca?

As edificações são o segmento de maior destaque do nosso setor. Basta olhar para cima para perceber o quanto a cidade se desenvolveu nos últimos anos.

Vale destacar que nossas empresas e empreendimentos são destaques a nível nacional. Um dos dez edifícios mais altos do país está localizado em João Pessoa, mais especificamente no bairro Altiplano, e três das 100 melhores construtoras do país, são associadas ao Sinduscon JP.

Discorra sobre a importância do setor da Construção Civil para o desenvolvimento do mercado imobiliário e econômico da região Metropolitana de João Pessoa.

A construção civil é o segmento responsável pela produção de um dos maiores sonhos do ser humano, que é a moradia. Dessa forma o setor constrói desde casas populares às residências de luxo, e isso impacta diretamente o desenvolvimento local, pois além de contratar muitas pessoas para trabalhar nas obras, também gera renda para os trabalhadores empregados, e isso movimenta a economia das cidades.

Para se ter uma ideia do tamanho do segmento na capital paraibana, o setor entregou quase 100 novas unidades habitacionais entre 2013 e 2020, segundo dados de Habite-se da Prefeitura de João Pessoa.

“O Sinduscon-JP tem como seu maior compromisso defender os interesses dos associados. De forma ética e responsável tem lutado e defendido várias causas”

Como o SindusconJP atua?

O Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon/JP), fundado em 23 de maio de 1979, surgiu da união de vários empresários do segmento, buscando união e fortalecimento do setor na capital paraibana. Ao longo de todo esse tempo,

a entidade cresceu e se fortaleceu junto à Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), que na última semana completou seus 42 anos.

O Sinduscon-JP tem como seu maior compromisso defender os interesses dos associados. De forma ética e responsável tem lutado e defendido várias causas. A exemplo das conquistas na área tributária; resolução de problemas com órgãos oficiais e/ou autarquias da administração direta e indireta relacionados com o setor; criação da Cooperativa da Construção Civil; expansão do relacionamento com instituições financeiras de crédito; aproximação com o meio acadêmico e com instituições oficiais de ensino e de apoio à indústria, entre outros. Tudo isso contribuiu de forma positiva com o segmento, tendo como consequência, a redução de custos e o desenvolvimento técnico e profissional dos Associados e da cadeia produtiva. A entidade sempre teve uma gestão com espírito empreendedor, que busca atender aos interesses dos grandes, médios e pequenos construtores.

Vale ressaltar que a entidade tem como um dos seus pilares zelar pela cidade e pelo patrimônio histórico, proporcionando uma melhor qualidade de vida para os moradores, preservando nossa cultura, acolhendo os turistas em nossa rede hoteleira (que também faz parte dos filiados do Sinduscon-JP), demonstrando de alguma forma nosso agradecimento por participar da construção desta linda capital que é João Pessoa.



Foto: Bruna Dias/Divulgação

Jornalista Walter Galvão lança livro sobre a obra de Karl Marx

Publicação contextualiza as ideias socialistas do filósofo alemão em tempos de 'uberização' do trabalho

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

1971. O Brasil atravessa o período de ditadura militar sob o governo de Emílio Garrastazu Médici (1905-1985). A violência, a tortura e o assassinato estão institucionalizados. Nesse mesmo ano, um decreto-lei torna ainda mais rígida a censura à imprensa. São criados o Departamento de Operações Internas (DOI) e o Centro de Operação da Defesa Interna (CODI). Carlos Lamarca, militante da VPR, é morto em emboscada. Stuart Angel é preso aos 25 anos. Ele é torturado e amarrado, pela boca, no cano de escapamento de um jipe e então arrastado pela Base Aérea do Galeão. Seu corpo nunca foi encontrado. O inimigo dos que tomaram o poder é o comunismo. Seu maior ideólogo: Karl Marx (1818-1883).

Há cinco décadas, o jornalista e escritor Walter Galvão estava no Ensino Médio e buscava informações para entender o ódio ao comunismo pregado pela ditadura que, em nome deste, cassava e matava políticos e estudantes. "Assisti em horário nobre da TV pessoas com o rosto deformado por espancamento confessando crimes que não haviam cometido, conhecia famílias em que pessoas tinham sido desaparecidas pela ditadura", lembra o paraibano.

Não demorou muito para que esse contexto levasse o então jovem de 15 anos a se deparar com os pensamentos do filósofo alemão. "Entre os estudantes circulavam textos de Che Guevara, Giap, Luiz Carlos Prestes e Giocondo Dias que remetiam a Marx e ao comunismo. Ouvíamos em emissoras internacionais, escondidos, pronunciamentos de lideranças brasileiras", recorda ele. Depois de décadas de estudos e no momento em que o mesmo discurso anticomunista é usado pela extrema-direita que chega ao poder no Brasil, Walter Galvão lança o livro *Máximas de Marx - introdução ao multiverso do pensar crítico*, pela editora Ideia.

A edição se apresenta como manual introdutório a uma obra de importante densidade científica que revisou conceitos clássicos no âmbito da economia, da política, da sociologia e da filosofia. Os textos não decorrem de pesquisa sistemática com metodologia específica, mas evocam de forma leve e em formato de crônica jornalística momentos da obra e da vida de um dos revolucionários mais perseguidos, espionados e censurados da história moderna.

Na obra, são destacados doze conceitos presentes na obra do autor de *O Capital* que discutem os diversos contextos para pensar sobre o seu legado. "A fixação em 12 máximas e 12 conceitos é porque o manual propõe uma imersão de um ano não só nos textos, mas também numa bibliografia contemporânea que discute desde o fechamento das grandes fábricas de automóveis, a *uberização* da mão de obra até a volatilidade do capital transnacional. É uma proposta bem definida, um roteiro de estudo ao término do qual acredito que quem lê estará familiarizado com aspectos significativos", explica.

O interesse de Walter Galvão por esse estudo não é algo novo nem estranho à sua pesquisa. O atual presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) é autor de ensaios sobre arte e cultura, livros de poesia, crônicas e roteirista de histórias em quadrinhos. Também já atuou como repórter, redator e exerceu cargos de coordenação, gerência e direção em veículos de rádio, jornal, revista e TV. Galvão fundou o jornal mensal *Folha Socialista*, em parceria com Sérgio Botelho e Washington Rocha, e publicou, entre outros livros, *A batalha dos renegados* (Editora A União) e *Maio - 1968, vanguardas, revoluções* (Editora UFPB).

Máximas de Marx chega ao público em um momento de tensionamento entre as classes sociais agravado por uma crise sanitária que aprofunda ainda mais as desigualdades de direitos e de acesso às políticas públicas. Os traba-

lhadores e os donos dos meios de produção talvez jamais estiveram em posições tão antagônicas como agora. "Acredito que a classe trabalhadora tomou consciência há tempos de que há uma mobilização dos donos do dinheiro, na perspectiva da obra de Marx, de caráter global, da supressão de direitos, da flexibilização dos contratos, do cancelamento das instâncias de seguridade, da desregulamentação que concede segurança mínima para uma renda indispensável, da precarização geral", aponta o jornalista.

Em suas análises, Walter Galvão deixa claro que toda essa desigualdade não é meramente casual: ela é planejada e Marx ajuda a entender como se dão tais fenômenos. O início de um processo de saída para esse estado de exploração é encontrado nas próprias ideias do filósofo e está claro na mensagem presente no *Manifesto Comunista*: trabalhadores do mundo, uni-vos. "Como operar isso, no entanto, quem pode dizer são os especialistas da própria classe. Contra esse rebaixamento da força de trabalho acredito que o principal desafio será estabelecer uma resistência através de organizações globais", considera ele.

Crítica comum dos que refutam os ideais comunistas, como a necessidade de supressão dos direitos individuais e os diversos regimes que foram influenciados pelo ideário político-ideológico do Marxismo, como a União Soviética, o regime castrista de Cuba e as chamadas "repúblicas vermelhas" do Sudeste Asiático, Galvão admite cultivar a utopia da igualdade com liberdade por meio de um comunismo não despótico. "Rejeito o despotismo da extrema-esquerda e suas ditaduras sanguinárias originárias das deturpações do comunismo. A União Soviética caiu de poder", assevera ele, complementando que acredita que a contestação é sempre importante para extrair da leitura dos textos qualquer interpretação canônica, de verdade definitiva.



Foto: Arquivo A União

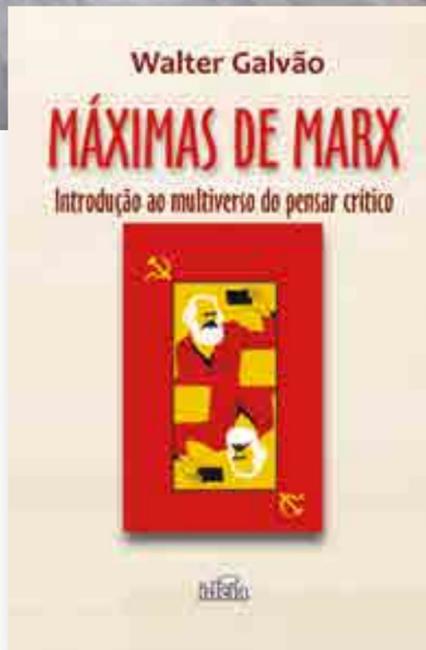
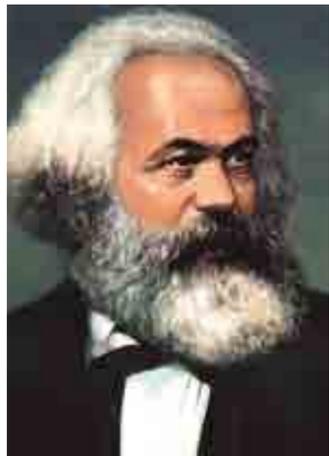


Imagem: Divulgação

Fora de um campo de pesquisa sistemática com metodologia específica, de forma leve e em formato de crônica jornalística, o livro se apresenta como manual introdutório a uma obra de importante densidade científica que revisou conceitos clássicos no âmbito da economia, da política, da sociologia e da filosofia



Imagem: Divulgação



Nos países governados pela extrema-direita, há o enlace entre o discurso político e o religioso, relação criticada por Marx (imagem acima)

Marxismo visto em tempos de extrema-direita no Brasil

Através do lançamento de *Máximas de Marx - introdução ao multiverso do pensar crítico* (Editora Ideia), o escritor e jornalista Walter Galvão aproveita a pertinência das ideias do filósofo alemão para analisar a conjuntura política brasileira no momento em que o país lançou na presidência um governo de extrema-direita.

"Eu diria que é uma reivindicação modesta de reconhecimento da importância do pensamento de esquerda no sentido de operar uma crítica ao pensamento de extrema-direita que prega e pratica a homofobia, o racismo,

o machismo, a xenofobia, o feminicídio, a necropolítica, que ataca a ciência, que considera a democracia irrelevante, que patrocina e homenageia milicianos", explica Galvão.

Para o escritor, as bases da organização do governo brasileiro que dá vazão aos discursos anticomunistas, autoritários e nacionalistas extremos possuem como norte os Estados Unidos. "O adocimento de extrema-direita sofrido agora pelo Brasil remete ao caso Donald Trump. Trump e Bolsonaro são abortos históricos a serem revogados pela História. É necessário lembrar que a evo-

lução social não acontece numa só direção, e que tudo é possível de acontecer. Evolução é só movimento. Em qualquer direção. Mas até agora, a defesa incontestada do capital tem gerado mais capitalismo", atesta.

Assim como nos Estados Unidos e em outros países onde a extrema-direita logrou êxito, existe uma associação do discurso político ao discurso religioso, o qual Karl Marx também era crítico. "Acredito que em Marx há questões concretas que envolvem a religiosidade. Elas partem da necessidade de um Estado laico, em que todas as pessoas tenham

acesso a serviços e proteção independente do fato de acreditarem ou não numa divindade, até a consciência de que não será com fotos de santos nem os feijões bentos do pastor Valdemiro Santiago que será possível curar a covid-19", relaciona Galvão.

Para o autor, as ideias marxistas podem iluminar esse campo no contexto no qual vivemos através das questões filosóficas relacionadas à consciência da natureza humana, se podemos definir nosso destino ou se somos comandados pelo sobrenatural, se há céu e inferno e se somos providos de alma imortal ou não.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Beatles, Bourdieu e valores estéticos

Vi no cinema o filme *Yesterday* (2019), do diretor britânico Danny Boyle, o mesmo que dirigiu *Quem quer ser um milionário?* O filme é uma espécie de comédia romântica do tipo “Sessão da Tarde”. A personagem principal chama-se Jack Malik, um jovem músico inglês que sonha ser estrela do rock. Sua obra musical, no entanto, é de qualidade duvidosa. A falta de reconhecimento o leva a se sentir um fracassado.

As coisas começam a mudar quando ele é atropelado por um ônibus. O evento, não se sabe bem por que, desencadeia um efeito mágico que faz com que as músicas dos Beatles sejam apagadas da história. Jack começa a se dar conta disso quando toca a canção ‘Yesterday’ para um grupo de amigos depois de receber alta no hospital (espantosamente ninguém conhecia). Em casa, Jack pesquisa no Google sobre os Beatles e não encontra absolutamente nada. Por sorte, ele se lembra de várias músicas de cabeça e começa a escrevê-las para não esquecer. Pra encurtar a história, Jack apresenta publicamente as músicas dos Beatles como se fossem suas criações. Em pouquíssimo tempo, ele se transforma num enorme sucesso, no novo grande astro da música pop mundial.

Um dos argumentos subtendidos na narrativa é o de que a obra artística tem um valor em si, o que poderia ser demonstrado pelo fato de um músico com pouco talento como Jack Malik alcançar o estrelato com as canções dos Beatles. Tenho sérias dúvidas quanto a essa asserção. O valor estético de uma obra de arte tem um caráter arbitrário, não pode ser entendido fora de um determinado campo de poder e de referentes culturais. O que é bom ou ruim, em arte, tende a variar historicamente. Nomes que hoje figuram no panteão dos “deuses da arte” já tiveram sua qualidade contestada.

Vejamos: a obra de Paul Cézanne não teve inicialmente uma boa recepção. Demorou um pouco para que o artista tivesse reconhecimento. Tal problema atingiu os pintores pós-impressionistas Van Gogh e Paul Gauguin. Os exemplos se multiplicam: um dos grandes artistas do Renascimento, Rafael, teve o valor de sua obra contestado no século passado. Dizia-se que ela era “comum”. O inverso também é uma verdade. Guido Reni, que gozava de um prestígio similar ao de Michelangelo, perdeu a sua importância. Esse é apenas um caso entre muitos. Estilos artísticos estão sujeitos a mesma fortuna. A história da arte é repleta de alterações de perspectivas estéticas e de conflitos.

Essa discussão nos leva a Pierre Bourdieu e sua crítica à existência de um “olhar puro” sobre a arte. O tal “olhar puro”, segundo o sociólogo, não passaria de uma criação histórica que só seria possível na Modernidade com o surgimento da produção artística dentro de um campo autônomo. Bourdieu diz que o “olho é um

produto da história reproduzido pela educação”. A consequência do argumento, penso, é que a arte não teria valor em si, apenas para si. Somos nós que atribuímos o seu valor e isso não ocorre de maneira harmônica, mas através de uma disputa entre artistas, críticos, consumidores de arte e classes sociais.

Além do mais, é o acesso a códigos culturais específicos que permitiriam a apreensão artística. Bourdieu fala de um sistema que envolve esquemas de apreciação e percepção que “constitui a cultura pictórica ou musical” e “é a condição dissimulada desta forma elementar de conhecimento que é o reconhecimento dos estilos”. A não obtenção desses códigos deixa o apreciador “confuso” em relação à obra de arte. Como disse Bourdieu: “o espectador desprovido do código específico sente-se submerso, ‘afogado’, diante do que lhe parece ser um caos de sons e de ritmos”.

É preciso destacar que o processo de autonomização da arte como um campo socialmente distinto se aprofundou de forma radical. Em outras palavras, fica cada vez mais difícil compreender o que se passa na arte sem o mínimo conhecimento de sua história, de seus desdobramentos internos, das características dos estilos, das concepções estéticas hegemônicas. A arte se fechou numa linguagem autorreferente. Não é a realidade externa ou linguagem figurativa que predomina, mas, como pensa Bourdieu, “o universo das obras de arte do passado e do presente”.

Isso nos apresenta a outra questão colocada em xeque por Bourdieu: à crença de que o gosto é algo exclusivamente individual, uma espécie de dom natural. Uma metafísica bastante popular. Essa concepção pode ser confrontada com a observação científica. O acesso a bens culturais e o tipo de educação que recebemos são fundamentais para a formação do gosto. O interesse por artes plásticas, literatura, a frequência a museus, cinemas e o hábito de leitura estão associados à escolaridade, à educação familiar e à classe social à qual pertencemos.

Existe uma hierarquia social entre as artes. Julgamos que alguns estilos são mais nobres e sofisticados, enquanto que a outros tratamos como bregas e ultrapassados. Falamos em alta e baixa cultura. Em bom e mau gosto. Classificações que não podem ser vistas como verdades universais. Elas refletem o mundo concreto e suas relações de poder. Geralmente funcionam como marcadores sociais de distinção, legitimando simbolicamente hierarquias e formas de dominação.

Mesmo sendo fã dos Beatles, não acredito que suas músicas seriam um “sucesso”, como no filme *Yesterday*, caso elas aparecessem hoje. São muitos os fatores que levaram os garotos de Liverpool à fama. Sem dúvida, a “qualidade musical” é um deles, mas não podemos deixar de lado o contexto histórico e cultural.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ciência, tecnologia e sociedade

Relacionar ciência, tecnologia e sociedade é necessário conceituar esses temas, a fim de contextualizá-los com as necessidades do cidadão e transformações da sociedade para construir o bem comum. Um dos desafios dessa construção é a unicidade entre esses conceitos e priorizar a dignidade humana. O “núcleo duro” desse desafio está em manter a participação da sociedade através do diálogo inteligente e técnico diante das tensas discussões.

A ciência é uma linguagem criada a partir de métodos lógicos e fundamentos epistemológicos, que faz com que ela seja clara e objetiva. Diante disso, a ciência deve manter o princípio da simplicidade e de ser acessível a todos, a fim de preservar os seus objetivos para com a dignidade humana. A ciência apresenta singularidade e é cumulativa, ela não se costuma descartar informações ou dados obtidos; a ciência também é computável por permitir o registro de informação se é irrevogável. Em relação a aplicação da ciência ao bem comum, ela se utiliza de diversos métodos para atender as necessidades da sociedade e preservar à vida de todos cidadãos. Essa relação se dá através do método científico, que é um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais entre os “fenômenos”. As relações de causas estabelecem um conjunto de regras práticas que permitem garantir a qualidade da correspondência entre a representação científica e realidade. O método científico deve cumprir etapas que visam diminuir a distância entre a cientificidade do conhecimento e a proposta de explicação desse conhecimento. Nesse contexto, o físico Roland Omnès (1931), no seu livro *Filosofia da Ciência Contemporânea* (1996), apresenta quatro etapas do método científico, são estas: análise dos fatos e determinação de regras baseadas na experiência; apropriação de conceitos e criação de princípios; indicação das consequências dos princípios; aprovação das hipóteses cientificamente comprovadas.

A tecnologia é a aplicação dos conhecimentos científicos à criação de



Foto: Divulgação

Dignidade está no bem ao outro ser humano

produtos com o objetivo de uso prático, a fim de melhorar a qualidade de vida do cidadão e harmonia social. Essa tecnologia apresenta uma linguagem direcionada a um determinado conhecimento teórico ou prático; também, é o conjunto dos processos de fabricação a uma determinada indústria. A complexidade surge quando analisamos a tecnologia do ponto de vista técnico. Nesse desafio, deve-se incluir a atuação da atividade humana e a ética do bem comum ao aproveitamento dos resultados tecnológicos, que deverão ser de acordo com o objetivo para o qual foi desenvolvida, porque a técnica está enraizada entre a natureza e o ser humano. Nos dias atuais, é impossível separar a tecnologia das necessidades materiais do cidadão e da construção da harmonia em sociedade. Inserir a harmonia social entre ciência e tecnologia, faz-se necessário aproximar as prioridades de Estado e a ciência política às ações relacionadas à sobreposição das ciências humanas às ciências da natureza, e de forma especial, deve estar direcionada ao ambiente escolar. Nesse processo, é necessário entender a sociedade como agente integrante e mediador de todos esses processos, porque o fazer ciência e tecnologia sempre agem em cadeia com a finalidade de construir a dignidade humana.

A sociedade é parte integrante de todo o processo relacionado à tecnologia.

Diante do contexto político, econômico, social, cultural, ambiental e ambiente escolar, faz-se necessário compreender o impacto do bem comum gerado através da ciência e tecnologia. Escolher o que seja de benefício e definir a prioridade nesse impacto, exige-se competência e o respeito para com a ética do diálogo, porque o “núcleo duro” da ciência humana sempre será a diversidade de suas contribuições de pressupostos metodológicos e epistemológicos. Diante disso, deve-se considerar estas quatro características da sociedade: ele é um “organismo dinâmico”; ela está presa num ciclo histórico e sempre inicia e finaliza esse ciclo; ela apresenta as próprias mudanças através dos conflitos; ela é impulsionada as próprias transformações quando é movida pela consciência do cientista ou tecnocrata; às vezes, a sociedade é influenciada as mudanças quando existe um cidadão que considera-se independente de tudo e de todos, a fim de adaptar o ‘mundo’ em torno de si mesmo e cumprir somente as próprias ações.

A harmonia entre sociedade, ciência e tecnologia não deve considerar que a ciência tem a razão sobre tudo e todos. Deve-se considerar que o desenvolvimento social é apenas consequência do desenvolvimento proposto pela ciência, que, por sua vez, gera o desenvolvimento tecnológico especial. Isso deve-se iniciar na formação de jovens no ambiente escolar, a partir de projeto de pesquisa básica com a finalidade prática e de contribui na construção da harmonia social através do impacto social no bairro que reside. A criatividade da ciência e inovação da tecnologia estão nas espontaneidades e sensibilidades dos jovens.

■ Sinta-se convidado a audição do 321º Domingo Sinfônico, deste dia 6, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do compositor russo Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971). Irei comentar as contribuições de Stravinsky para superar a crise do método científico diante da arte e ciência no início do século 20.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A volta
de Jurandy

Eis Jurandy Moura, a presença, o instante, sua poesia, um poder de iluminuras na linguagem, em transe de gozo falante. Se houvesse tempo, eu declamava seus poemas, mas a pandemia bruta e líquida não me deixa.

Eis Jurandy Moura, a própria palavra em estado de soltura, o sol semântico iluminando as páginas do seu livro, *Iluminuras e outros poemas*, numa edição estilo datilografada, que tem o selo da Editora União.

A primeira pessoa a me falar de Jurandy foi sua mulher Carminha Moura, talentosa Carminha, que comigo caminhava no mar, que me trazia todas as noites do Casarão da Justiça, onde trabalhamos juntos. Carminha falava da pessoa viva de Jurandy, jamais como se diz: “conforme foi dito acima”.

A segunda pessoa que me lembrou Jurandy Moura foi Raul Córdula, o pai da minha mulher. Raul abria os braços para me contar histórias incríveis de Jurandy Moura, que eu não conhecia. Acho que o vi de longe, uma única vez, passando pelo estopim provinciano do Ponto de Cem Réis.

A terceira pessoa a me contar sobre Jurandy Moura foi o jornalista Silvio Osias, que o viu na pedra, morto. Eram amigos e Silvio lembrou o Jurandy presença essencial na redação do Jornal *A União*. Osias escreveu um belo texto sobre ele e o livro.

Nada sóbrio em termos formais, *Iluminuras*, segue a uma distribuição suave dos poemas, que leva a pensar em sua obra como uma gestação. É um grande livro.

No poema *A Volta*, página 135, Jurandy antecede a paixão pela casa: “A casa é a mesma. E quem o teu chamado espera atrás da porta? Aqui o mesmo batente que range e os teus passos, os mesmos. Os objetos dispostos para o mesmo uso, a velha cadeira, o trailer, o leito”.

A palavra casa, que poderia ser o título do poema, abre em portas e chaminés, até a intimidade com a mobília: “É possível o sono, o sonho? É a mesma, a casa, e as mesmas, as tuas vestes, só este silêncio é diferente e rompe e polpa dos frutos do antigo pomar”.

Isso dele dizer o antigo pomar, desperta, desde logo, outras imagens, sendo a mais intensa – aquela que acaba por advir de outras casas, outras dores, na repetição e na imitação da vida.

Jurandy Moura está de volta, sua poesia como um cordão umbilical, algo que é sugerido no poema *Quietude. Canto Verão*. “A sombra das árvores cristal das cigarras”, que encenam um parto no cantar, repercutido posteriormente nos pequenos poemas distribuídos por números de algarismo romanos. São tão belos e tão tristes.

Ímpares de uma cena inaugural, a vida, o coração, sangue, sopro, útero, pulmões, raízes. Não andaremos longe da verdade desse mundo destruído ao nos situarmos na poesia de Jurandy Moura.

Com a própria natureza do poema, ou o poema da natureza, Jurandy é hospedeiro de uma intimidade e de uma identidade que resultam da relação apaixonada entre quem escreve e quem lê.

Enfim, conheci Jurandy Moura, pela singularidade de outros cordões, pelo qual me chega nitidamente enquanto elo ao assombro de estar vivo nesses tempos pandêmicos, lendo seus poemas.

O Jurandy espantoso, sua forma de ver as coisas, uma sacada que acaba celebrada nestes poemas num tempo obnubilado pela morte de todo dia.

A Editora União fez justiça, trazendo os “miolos”, que servem para lembrar que ainda temos que ler e conhecer muito da arte JM.

O movimento sincopado de um coração, o de Carminha Moura, bate mais alegre, assim como o de Eduardo e Clarice, ao ver o pai vivo na beleza de uma musicalidade que reverbera uma excelente seleção verbal, do Jurandy Moura, que só conheci agora, em 2021.

Kapetadas

- 1 - Acho sexy comer japonês. Os Sushi são uma gracinha.
- 2 - O estado não é laico, o estado é louco. Total.
- 3 - Som na caixa: “E atravessou a rua com seu passo tímido”, Chico Buarque.

Foto: Divulgação



Jornalista, poeta e cineasta paraibano Jurandy Moura (1940-1980)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O cinema como ferramenta na educação não é novidade

Reconhecida é a validade de qualquer iniciativa visando a melhoria da educação de crianças e adolescentes. Sobretudo, com ferramenta que motive um maior interesse dos alunos. Digo isso com base na experiência que assisti de perto, observando o esforço de João Córdula, que sempre foi uma espécie de guardião do Cinema Educativo da Paraíba. Órgão do Governo do Estado, criado pelo governador José Américo de Almeida, em dezembro de 1955, mas só funcionando a partir do início dos anos 60, no governo de Pedro Gondim.

A Paraíba sempre teve uma tradição rica de cinema. Seja no incentivo à sua cultura, através dos cineclubes (veja-se José Rafael de Menezes), pelo uso de espaços na imprensa escrita e falada, como na própria produção fílmica. E o Cinema Educativo foi fundamental para tudo isso, inclusive com sua função na socialização educativa junto às escolas estaduais, sobretudo na capital e na Grande João Pessoa.

Todos esses fatos estão em nosso livro *Cinema & Revisionismo*, obra publicada em maio de 1982 pela Editora A União, dentro das celebrações dos 25 anos do Cinema Educativo da Paraíba. Efeméride que causaria, ainda, a realização de um outro evento, de curta-metragem *Cinema Inacabado*, que dirigi, em bitola 16mm e cores, para homenagear o fotógrafo e cineasta João Córdula, diretor vitalício do CEPB. Córdula que, inclusive, é patrono cadeira 14 da Academia Paraibana de Cinema (APC), hoje ocupada pelo professor João de Lima.

Sempre me foi preocupação, ainda mais agora, o sério resgate histórico do cinema paraibano, na sua essência. Sua rica trajetória ancestral, por vezes esquecida pelos *voyeurs* "internéticos", também pelos atuais *videomakers*. E isso, sem demérito



Foto: Divulgação

Governador Pedro Gondim assinando nomeação de João Córdula (em pé, de terno escuro) para dirigir o Cinema Educativo da Paraíba

algum àqueles que, saídos dos bancos acadêmicos (ou não) ainda buscam saber, em profundidade, sobre as tradições e as raízes do cinema paraibano. Embora alguns continuem ignorando (ou desdenhando) da nossa *movie art*.

A reflexão acima tem a finalidade de registrar nossa simpatia ao projeto da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (Fundac). Mérito também para a sua direção, quando reconhece: "...O Cine Transformar não faz nada de novo ou inédito no que tange à exibição de filmes para público sem acesso, os socioeducandos". E isso nos leva a crer – mesmo que reticente, por parte dos organizadores do

projeto – da importância do Cinema Educativo da Paraíba, no passado.

E gostaria de finalizar este artigo com uma declaração do nosso saudoso amigo Barretinho (Antonio Barreto Neto), na Apresentação do meu saltério, quando afirma: "Há mais de oito anos militando na crítica e na realização cinematográfica, e adotando em ambos os fronts, a mesma postura (digamos) política, Alex Santos tem a autoridade que lhe confere essa experiência para falar com desembaraço, quando escreveu *Cinema & Revisionismo*(...) e pela contribuição de João Córdula no Cinema Educativo." – Veja mais "coisas de cinema", em nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC se reúne visando a nova diretoria

A Academia Paraibana de Cinema (APC) reuniu, na quarta-feira passada, alguns de seus integrantes para traçar a programação da eleição da nova diretoria da entidade. A presidente da Academia, a atriz Zezita Matos, e o vice, o professor João de Lima, foram assessores juridicamente, pelo também professor e cineasta Alex Santos, membro da entidade, na revisão de alguns pontos do Estatuto e do Regimento Interno da APC.

Com um certo atraso, em razão do atual momento de pandemia, as eleições da Academia devem acontecer ainda este mês. A forma está sendo discutida, mas já são aventadas duas possibilidades: virtual e por postagem nos Correios.

Série no Instagram traz entrevistas sobre histórias de orgulho LGBTQIA+

Agência Estado

O sonho de todo indivíduo é ser quem é de verdade, sem precisar ficar refém de estereótipos ou do julgamento alheio. Com o propósito de trazer histórias inspiradoras de criadores integrantes da comunidade LGBTQIA+, o Instagram lança a série *Compartilhe com Orgulho*.

Eduardo Camargo e Filipe Oliveira, do canal *Diva Depressão*, comanda diversas entrevistas com pessoas que estão desafiando os padrões sociais para ocupar cada vez mais diferentes espaços sendo quem realmente são.

A série, no IGTV do *Diva Depressão* tem seis episódios, lançados semanalmente em junho, mês do Orgulho LGBTQIA+. Entre os entrevistados estão a cantora Ana Gabriela, a humorista Babu Carreira, a historiadora Giovanna Heliodoro, a multiartista Pati Rigon, o comunicador Raphael Dumaresq e o advogado Stefan Costa.

"Poder contar as histórias de todos esses criadores incríveis com quem conversamos na série é uma forma



Eduardo Camargo (E) e Filipe Oliveira (D) comandam o 'Diva Depressão': seis episódios lançados semanalmente neste mês

de mostrar que nós, pessoas LGBTQIA+, podemos e vamos ocupar todos os lugares que quisermos", afirma Eduardo Camargo, do *Diva Depressão*. "Cada jovem LGBTQIA+ que conseguirmos inspirar com esse tipo de conteúdo, mostrando que é possível trilharmos um caminho de sucesso em diferentes áreas sendo quem somos, já faz todos nossos esforços valerem a pena", acrescenta Filipe Oliveira.

O primeiro episódio traz um bate-papo descontraído da dupla com a humorista Babu Carreira, que conta como ela consegue navegar pelo universo da comédia sendo uma mulher bissexual, usando o humor para combater o preconceito. A série também conta com o apoio de ONGs que lutam pelos direitos LGBTQIA+ no Brasil, como Todxs e Aliança Nacional LGBTQIA+.



Através do QR Code acima, acesse o perfil no Instagram do 'Diva da Depressão'

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Elmano/Lizziane

Já lia Elmano Menezes no *Correio das Artes* dos anos 1980. Chegamos (eu, Wellington Pereira e Marcos Nicolau) a publicar os seus poemas num dos números da revista *Ler*. Desde então, sentia o peso de sua poesia, a solidez de sua dicção grave e sempre atenta aos temas permanentes, avessa, portanto, ao canto de sereia dos falsos experimentalismos por onde tantos se perderam. Não é com surpresa, portanto, que o vejo, agora, estreitar em livro, passados tantos anos, com a publicação de *O feudo do morto* (Cajazeiras: Arribaça, 2021). Elmano Menezes não se apressou, não cometeu o equívoco dos plúmitivos contaminados pelo vão desejo das pequeninas glórias. Soube maturar seu tempo e, à margem das rodas literárias, soube explorar, no silêncio e "longe do estéril turbilhão das ruas", as virtualidades poéticas da palavra. Seu pequeno, porém, denso, livro me parece um sucinto tratado sobre o tema dos temas, a morte, mesclada a outros motivos da lírica apalpada a partir de um olhar que procura atravessar a medula das coisas. Seu lirismo, como já se preanunciava, tem o tom reflexivo de um poeta que pensa, muito embora não dispense o fluxo emotivo, controlado e bem medido, que faz do poema um artefato ao mesmo tempo fechado e aberto, geométrico e flexível, esférico e preciso. Em *Escrita bárbara*, texto que escolhe para expor na contracapa, exercita o verso como que numa frase única, inteira, completa, em que ritmo, ideia e imagem se interpenetram numa simbiose de intensas irradiações estéticas. Transcrevo o poema: "estou sentado no terraço / e o vento que me acolhe / traz o cheiro da morte / das flores e dos cravos da morte / e o que me resta é a visão clara / de teu corpo na água / enquanto a manhã se vai / pela sombra da casa / e por fora teu corpo é agora/pais de sombras afluente mais próximo / do mercado de prazer à espera do bárbaro / e não há como não se perder / nessa paisagem de mortos / que nada nos ensina senão / que se pode morrer / na próxima esquina". Cada poema, sempre encimado por uma epígrafe a testemunhar as "afinidades eletivas" do poeta, possui sua autonomia significativa, o que não impede, não obstante, de lermos os textos como um só poema, apenas seccionado em seus compassos melódicos e nas suas sugestões sinfônicas de motivações variadas. A morte rege o andamento da concepção que, enformada pela luz e pelo rigor de sua realização expressiva, não abdica de tocar os acíves dos precipícios, as cavernas mais sombrias que se abrem na geografia da alma humana. O livro de Elmano já nasce maduro, como bem percebe outro poeta de Jaguaribe e seu amigo de infância, Águia Mendes, em sugestiva nota de orelha. Elmano Menezes é campinense, mas logo cedo se radicou em João Pessoa. Formado em Letras, participou do grupo Jaguaribe Carne e iniciou sua trajetória literária no *Correio das Artes*.

É meu primeiro contato com a poesia de Lizziane Azevedo, materializada numa coletânea de haicais, intitulada *Panapaná* (Itabuna, BA: Mondrongo, 2020), integrando a Série Missangas dessa ousada e seletiva editora que tem, na poesia, seu epicentro artístico e cultural. O haikai de Luzziane segue a aventura libertária do haikai à brasileira, pois, se o termo panapaná nomeia um bando de borboletas formando nuvens no céu, portanto trazendo um elemento da natureza para a cena do verso, seu espectro temático é bem mais vasto e bem mais diversificado. O cotidiano, o erotismo, a especulação filosófica, os estados de alma, os sentimentos, as ideias, a poesia, a palavra, enfim, uma quantidade de tópicos são abordados sempre numa perspectiva sensível, reflexiva, medular e em consonância com o olhar luminoso que beira o *insight* e a epifania. O haikai é, por excelência, uma forma poética sucinta, uma verificação perceptual dotada de sutileza, inteligência e originalidade. Diria mesmo que o haikai, em sua rápida e aderente tomada, funciona como aquela "metafísica instantânea" de que fala Gaston Bachelard, ao examinar a natureza essencial da poesia. Adito, ainda, que é uma maneira surpreendente de tocar o nervo das coisas, tornando visível o lado escondido dos objetos e das experiências vividas. O haikai eterniza o frugal, assegura durabilidade ao que perece, descortina o mistério que habita a rotina do mundo. A prática poética de Lizziane nos demonstra isso na severa leveza de seu minimalismo poético. "Postes de rua. / Acesos à noite / apagam a lua"; "O verso suado. / O poeta na praia / sonhava acordado"; "Terror noturno. / Sonhar com as ruas / cheias de tudo"; "Mensagem cifrada. / Meteoros nos falam / coisas iluminadas". Sim, seus haicais, seja no viés da metalinguagem, seja no flash irônico, seja nas camadas da meditação, seja na oração amorosa, fluem e brilham como esses meteoros inesperados. A Paraíba já começa a consolidar uma certa tradição de diálogo com o modelo nipônico. Eduardo Martins deu o pontapé inicial e, por isso mesmo, deveria ser mais conhecido em meio às novas gerações. Alguns nomes precisam ser lidos, uma vez que, cada um a seu modo e dentro de seu timbre poético peculiar, vem contribuindo para o enriquecimento do legado de Baschô. Otavio Sitônio Pinto, Fransued do Vale, Vera de Medeiros, Saulo Mendonça Marques, Paulo Sérgio e outros que não me ocorrem agora são nomes que respondem pelo melhor dessa tradição. A autora de *Panapaná* vem se juntar a ela. Advogada, natural de Monteiro (PB), Lizziane Azevedo publicou: *A vírgula e outros pontos* (Penalux); *Lançamento das pedras* (Edupepb) e *O Tejo entojado* (Edição da Autora).

Foto: Bruna Dias/Divulgação



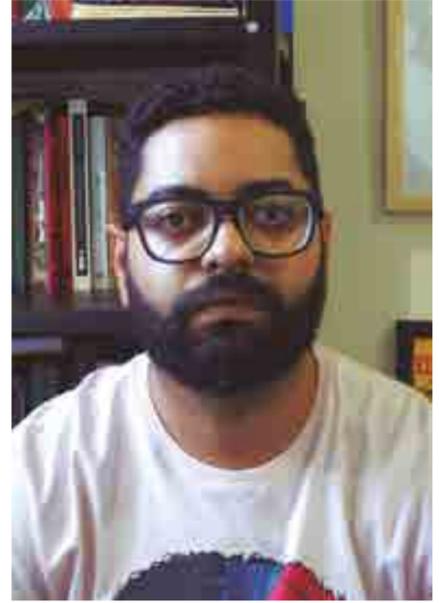
Foto: Caroline Macedo/Divulgação



Foto: Caroline Macedo/Divulgação



Foto: Divulgação



Da esq. para dir.: mediado pela escritora e editora Débora Gil Pantaleão (PB), oficina terá como convidados as escritoras e professoras Danielle Sousa e Maira Dal'Maz (ambas de RN) e o escritor e professor Thiago Oliveira (RJ)

Oficina virtual desvenda os processos criativos

Neste domingo, autoras e autores compartilham suas experiências sobre a produção literária

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um dos questionamentos mais recorrentes que os artistas costumam responder ao público em geral é sobre seus processos criativos. É uma dúvida tão sincera quanto a de um amador diante de um produto artístico que move seus sentimentos, mas não percebe claramente como isso foi provocado. Como parte das comemorações dos quatro anos da editora independente Escaleras, uma conversa sobre escrita criativa é realizada hoje às 16h, no canal do YouTube da editora.

Participam do papo o escritor e professor carioca Thiago Oliveira, a também escritora e professora de Natal Danielle Sousa, onde também mora a terceira convidada: Maira Dal'Maz, poeta e professora. Mediando a apresentação, a paraibana escritora que possui oito livros publicados, e editora na Escaleras, Débora Gil Pantaleão.

Apesar da subjetividade do tema, muito pode ser ensinada sobre processos criativos e experiências com-

partilhadas. Entre os procedimentos que podem ser repassados, Débora Gil Pantaleão destaca as técnicas objetivas de construção do pensamento, as estratégias nas formas de organização do trabalho e a incitação por uma investigação íntima sobre os temas e os formatos que são mais instigantes para cada um. "A coisa principal é: 'quem é você?', 'no que você acredita?', porque isso vai aparecer no seu trabalho" sobre seus processos individuais. "Do mesmo jeito que é possível ensinar a construir uma redação ou a correr e jogar futebol, dá para ensinar sobre escrita", acrescenta.

Uma forma de ampliar o conhecimento sobre essas técnicas é exatamente ouvindo o que cada escritor já falou sobre seus processos individuais. Débora Gil, que atua na área de escrita criativa desde o ano de 2017 com oficinas e cursos voltados para escritores, dramaturgos, roteiristas e curiosos, dá algumas dicas exemplificando com os ensinamentos sobre contos do escritor argentino Ricardo Piglia (1941-2017).

Em um texto chamado *Teses sobre o conto*, o autor traz duas proposições que desenvolve a partir de uma anedota apontada pelo dramaturgo russo Anton Tchekhov (1860-1904). Considerado um dos maiores contistas da história, ele declara o que seria o esboço de um conto: "Em Montecarlo, um homem vai ao cassino, ganha um milhão, retorna à sua casa e suicida". Piglia utiliza-se desse trecho para formular a tese de que o conto sempre conta duas histórias. O argentino afirma que existe uma história visível e outra oculta, e esta última é narrada de forma enigmática. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície.

"Têm sacadas de estruturas que muitas pessoas já pensaram e que você pode seguir aquilo, digamos assim. A partir do momento que alguém te ensina o que Piglia pensa sobre o conto, você pode acreditar que o conto para você é isso também e seguir essa forma. Ou talvez você possa tentar

escrever como algo mais na pegada da Conceição Evaristo, da 'escrivência', exemplifica Débora Gil.

A 'escrivência' é um termo cunhado pela escritora mineira e doutora em Literatura Comparada Conceição Evaristo no qual ela afirma que sua escrita conta muito de sua história. A palavra revela um duplo aspecto: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta. Para Débora Gil, ter acesso a esse tipo de conhecimento amplia o repertório e as possibilidades criativas dos escritores. "Essa é uma das formas que a gente aprende muito: ouvindo quem faz aquilo. Não que você vá concordar com tudo que dizem, mas algo pode te provocar ali de alguma forma, causando *insights* e ajudando a escrever no fim das contas", atesta a editora.

Algo que costuma atrapalhar as pessoas que pretendem se debruçar em torno de uma escrita criativa é justamente o que elas pensam ser a fonte de sua produção literária: a inspi-

ração. Isso em conjunto com a sacralização do que já foi produzido, como conta Débora Gil Pantaleão. "Eu fazia a grande besteira de achar que escrever era inspiração. Então, não queria mexer nos meus primeiros poemas", confessa a escritora, que já possui quatro livros publicados de poesia. Os processos criativos se diferenciam entre as pessoas e também modificam-se diante do que o texto exige. E também mudam conforme o tempo e a maturidade de cada escritor, mas é preciso estar sempre alerta aos sinais que o cotidiano oferece diariamente.

"As ideias aparecem a qualquer momento do dia e eu preciso ter sempre um caderno por perto ou mandar uma mensagem para mim mesma através do celular. Isso pode vir através da leitura de um livro teórico de psicanálise ou quando estou no supermercado e vejo uma cena interessante", revela ela, que diz se sentir permanentemente atenta para o seu modo literário. "Acredito que isso é algo do 'ser escritora', quando você está observando

o mundo e tem uma antena sempre ligada".

Mesmo seguindo todas essas técnicas e estratégias de organização do pensamento, o temido 'branco' ou período de baixa produção de ideias criativas atinge vários escritores indistintamente. E isso tem ocorrido inclusive com a mediadora da conversa de hoje. Débora Gil Pantaleão percebe incomodada que esse não é o momento para desenvolver sua poesia, apesar de estar enfrentando isso com tranquilidade. A facilidade que as redes sociais têm convertido mesmo as desgraças em piadas está no cerne desse tolhimento criativo.

"O que sinto hoje em dia é que eu escrevo um poema e ele facilmente pode parecer um meme. Isso me incomoda terrivelmente. Posso entender a seriedade daquele poema, mas eu me imagino postando aquilo nas redes e alguém já sabendo a piada que vai soltar", confidencia a autora que, contudo, entende que esta é também uma forma de resistência, para que não sofra tanto com a realidade. "Mas isso cansa também", finaliza.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Editora Escaleras no YouTube

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Pela política de fusão da saudade com a modernidade

Verde que te quero verde. Federico Garcia Lorca cá nunca esteve. *Como era verde meu vale*. Nem John Ford.

Apesar de, segundo um dia me disse um americano cujo nome não lembro, este céu ser mais azul que o da Califórnia.

Não temos Beverly Hills. Aqui ficam o Altiplano do Cabo Branco, o Varadouro e as ladeiras de São Francisco e da Borborema.

Sem poetas fuzilados pelo franquismo, na Espanha, nem compositores assassina-dos por ordem de Pinochet, no Chile, nossas mortes foram outras, como as de Branca Dias e Anayde Beiriz.

Nossas fugas, também. Basta lembrar Augusto e todos os outros anjos que fizeram lar em Brasília (Vladimir Carvalho, Paulo Melo, Cleodato Porto, Zonda Bez, o saudoso Manfredo Caldas...), São Paulo (José Nêumanne, Jarbas Mariz, Assis Ângelo, Amundsen Limeira...), Rio de Janeiro (são tantos... é onde há mais artistas paraibanos, bem mais que em São Paulo, a exemplo de Elba, Zé Ramalho, Ipojuca Pontes).

Temos poetas vivos, que transitam em seus domicílios. Sérgio de Castro Pinto, Marcos Tavares, Jomar Souto, Walter Galvão, Linaldo Guedes, o importado a esta altura mais paraibano que gaúcho, Lau Si-

queira – sem esquecer Hildeberto Barbosa Filho, José Leite Guerra, Antônio Mariano, Bruno Gaudêncio, Eunice Boreal, pel'ái... São muitos. Não daria para listar aqui. Lembrando ainda os gaúcho-paraibanos, temos o mais paraibano que potiguar, o também compositor Gustavo Magno, com seu livro de poemas *Um*.

Ainda: o que hoje faz Marcus Vinícius de Andrade, o mais paraibanos dos poetas e compositores paraibanos a morar em São Paulo?

Não posso deixar de citar os novos, como Leo Barbosa, Guga Limeira, Manassés. E se eu citasse os autores de letras para compositores paraibanos, aí, meu Deus do Céu, daria a bexiga tapoca do estopô balaio!

Talvez somente um poeta, um músico, um ator, um escritor, um filósofo, um humanista – ou todos eles e talvez um pouco mais – pudessem salvar as nossas festas populares quando recheadas de cultura.

Essas festas inóculas, como o São João e a de Nossa Senhora das Neves, transformando-as num aglomerado de politiqueros e esquisitices que não chegam a ser um *kitsch*.

A tal da aventura da modernidade levou Marshall Berman a misturar Goethe, Marx, Baudelaire, Dostoiévski e a contemporaneidade, para a aventura de escrever o fantástico *Tudo que é sólido desmancha no ar*, citação obrigatória de rolantes cabeças pensantes desde o meio dos anos 1980. Fiquei, madrugada dessas em que o sono só chega com o Sol, entre o surrealismo de *Nossa cidade*, peça de Thornton Wilder (*ilustração*), e a releitura de *Tudo que é sólido desmancha no ar*.

Tudo bem, hoje estou somente sangrando, num vínculo enorme comigo mesmo, nosso país, nossa cidade, nossa saudade, nossa modernidade.

Para ser moderno, não é preciso rico ser. Basta ser contemporâneo e ver como a fome, o desemprego, a doença, a prostituição fazem parte da contemporaneidade – assim como nos governos de Lula, Dilma Rousseff, Michel Temer e agora de Jair Bolsonaro. De repente, pouco a pouco, nossa política não avança nem sequer fica igual ao nosso país, à nossa cidade.

Não precisamos ser surrealistas como o teatro de Thornton Wilder nem críticos agudos como Marshall Berman para isso

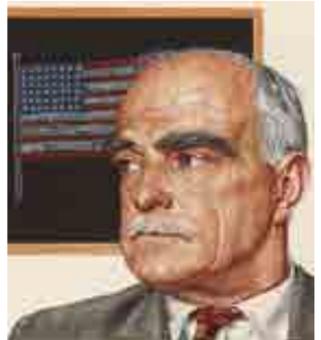
entender. Basta sentimentos como os de Carlos Drummond e Caetano Veloso. Sentimentos que podem ser afinados à contemporaneidade de uma barraca à beira da avenida Cruz das Armas, bebendo conhaque, cervejinha, ou um uísque tão falsificado quanto os de Jaguaribe e da Torre, além dos quiosques à beira-mar do Cabo Branco e Tambaú.

Retorno a Marshall Berman, um dos ensaístas a lembrar que um dos temas centrais na cultura dos anos 1970 foi a reabilitação da história e da memória, como parte vital da identidade pessoal. Neste século, que Berman experimentou tão proximamente prever, continuamos a precisar de memória e história.

Apesar de conflitos entre o Centro Histórico e o litoral, queremos mesmo é a política da fusão da saudade com a modernidade.

Nunca a da mediocridade.

Imagem: Divulgação



Parte da verba do orçamento secreto revelado pelo jornal Estadão foi parar nos cofres de empresas ligadas a políticos e também de firmas que já figuraram nas páginas de outro escândalo, a 'Operação Lava Jato'. Página 14



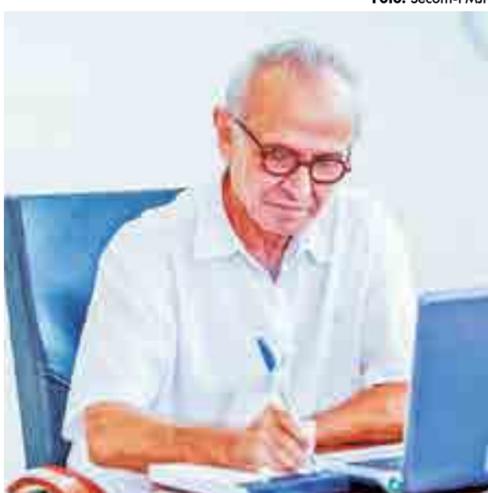
Combate à covid-19 movimentou as regiões metropolitanas da PB

Trabalhos das 12 RMs têm também participação de associações e da Federação das Associações dos Municípios da Paraíba

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Ações conjuntas de combate à covid-19 e várias reuniões que articulam, entre outras coisas, a elaboração e criação de estatutos. Esses são alguns dos encaminhamentos nestes primeiros cinco meses de 2021 que têm movimentado as 12 regiões metropolitanas (RMs) da Paraíba, conforme banco de dados da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), onde elas são formalmente discutidas e criadas.

“No nosso caso, a próxima etapa é a discussão do estatuto”, comentou recentemente o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (Progressistas), ao tratar da criação do Consórcio Metro+ que está em fase final de implantação oficial e que incluirá todos os 12 municípios participantes da Região Metropolitana de João Pessoa, todos eles com suas leis inclusive já aprovadas pelas respecti-



Prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, coordena a criação do Consórcio Metro+; George Coelho, ao centro, preside a Famup; e Léa Toscano foi autora da proposta que criou a RM de Guarabira

vas Câmaras Municipais.

Os trabalhos em algumas regiões têm também a participação da Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), cujo presidente, George Coelho, faz questão de destacar a busca de entrosamento das RMs e dos municípios em geral nas ações conjuntas de combate à

pandemia da covid-19.

“Cada prefeitura está trazendo sua experiência de gestão e colocando à disposição dos demais consorciados. Isso é fundamental para que possamos alcançar nossos objetivos, identificar problemas e encontrar soluções”, afirma Cícero, ao contextualizar exatamente o

maior e mais importante da união dos municípios em regiões metropolitanas.

“Além disso, achamos que aqueles municípios com doses disponíveis, possam ofertar para outro que tenha déficit até uma próxima remessa”, completa George Coelho em relação ao estoque de vacinas anticovid, ao

salientar que idênticas iniciativas também são discutidas e trabalhadas pela Famup junto a sete entidades de municípios existentes no Estado.

Essas entidades são a Amasp (Associação do Alto Sertão paraibano, com 24 municípios), Amlinorte (Associação do Litoral Norte,

com 18), Amvap (Associação do Vale do Piancó, 20 cidades), Amcap (Associação do Cariri paraibano, com 46), Amves (Associação do Vales Espinharas e Sabugi, com 18), Amsec (Associação do Seridó e Curimataú, com 13) e Asmep (Associação do Médio Piranhas, com 16 municípios).



+ Utilidade e critérios de criação das RMs

Além das datas de criação e dos municípios que integram cada uma, a Secretaria Legislativa da Assembleia Legislativa também registra dados sobre para que servem as regiões metropolitanas e quais os critérios básicos exigidos pela legislação para criação delas.

As RMs consistem em mecanismos de sistematização do funcionamento do poder público, tendo em vista a presença de aspectos comuns entre municípios limítrofes, permitindo, assim, ações conjuntas e coordenadas acerca de temas que são do seu interesse, como saneamento básico, transporte público, limpeza urbana, entre outros. Em resumo, de acordo com o artigo 25 da Constituição Federal, é a busca da integração, organização, planejamento e execução de funções

públicas de interesse comum aos municípios envolvidos.

E de acordo com o mesmo artigo 25, cada Estado pode, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões. E segundo o artigo 24 da Constituição do Estado da Paraíba, faz-se necessário também lei complementar e oitiva dos municípios a serem integrados.

A competência para estabelecer disposições gerais sobre regiões metropolitanas, de acordo com a Constituição Federal, cabe à União, ou seja, ao Congresso Nacional, tendo em vista a necessidade de uniformização do assunto em todo o território nacional. Nesse sentido, citam-se, por exemplo, a Lei 10.257/2001 (Estatuto das

Cidades) e a Lei 13.089/2015.

É do artigo 24 ao artigo 28 da Constituição do Estado da Paraíba onde estão todos os critérios para a criação de regiões metropolitanas, de acordo com a Constituição Federal. Ademais, a lei que institui determinada região metropolitana dispõe ainda sobre a criação de instâncias comuns de deliberação e outros assuntos que sejam concernentes ao seu funcionamento.

Todos os detalhes e todas as informações sobre criação, significado, utilidade e funcionamento das regiões metropolitanas, especialmente sobre as 12 já existentes na Paraíba, podem ser encontrados no Sistema de Acompanhamento do Processo Legislativo (SAPL) da Assembleia Legislativa da Paraíba.

Maior e primeira da Paraíba

Pelos dados repassados pelo secretário legislativo da Assembleia paraibana, Guilherme Benício, hoje as regiões metropolitanas da Paraíba totalizam 12 e a primeira a ser criada foi a da Grande João Pessoa, que também é a maior delas, engloba 12 municípios e cerca de 1,2 milhão de habitantes, conforme o último censo.

As outras são as de Campina Grande, Guarabira, Patos, Cajazeiras, Esperança, Barra de Santa Rosa, Vale do Piancó, Vale do Mamanguape, Sousa, Itabaiana e Araruna. Décima oitava do Brasil, a Grande João Pessoa foi criada pela Lei Complementar Estadual 59 de 2003 e, inicialmente, era composta somente pelos municípios de Bayeux, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa, Lucena, Mamanguape, Rio Tinto e Santa Rita.

Seis anos depois, no entanto, foi ampliada pela Lei Complementar Estadual 90/2009, incluindo os municípios de Alhandra, Pitimbu e Caaporã e, naquele mesmo ano, novamente ampliada pela Lei Complementar Estadual 93/2009, que incluiu o município de Pedras de Fogo. Com a criação da Região Metropolitana do Vale do Mamanguape, em 2013, Mamanguape foi excluída da Grande João Pessoa.

A Região Metropolitana de Campina Grande (RMCG) foi a segunda criada na Paraíba, através da Lei Complementar Estadual 92 de 2009. A matéria foi aprovada pela Assembleia no dia 17 de novembro de 2009 e sancionada no dia 11 de dezembro do mesmo ano pelo Governo do Estado. Inicialmente composta de 27 municípios, teve esse número reduzido para dezessete, pois seis municípios foram desagregados e agregados para formar uma nova Região Metropolitana, a de Esperança.

A RMCG terminou composta por apenas 19 municípios, isso devido aos municípios de Ingá e Riachão do Bacamarte terem passado a integrar a Região Metropolitana de Itabaiana. No último levantamento do IBGE, ela possuía cerca de 600 mil habitantes, sendo a segunda mais populosa da Paraíba.

A Região Metropolitana de Guarabira nasceu de umas de uma proposta da ex-deputada estadual Léa Toscano (PSDB) e através da Lei Complementar Estadual 101/2011. Inicialmente, incluía 18 municípios, mas passou a somar 17 depois da criação da Região Metropolitana de Araruna, que tomou o município de Dona Inês. Posteriormente, ela ganhou Arara, Bananeiras e Solânea e, a partir da Lei Complementar 138, de 12 de abril de 2016, passou a totalizar 20 municípios. No censo de 2010, somou cerca de 200 mil habitantes.

A terceira maior Região Metropolitana do Estado é a de Patos. Tem mais de 220 mil habitantes, é a 7ª maior do interior do Nordeste e a 3ª maior do Sertão do Nordeste. Foi criada pela Lei Complementar Estadual 11/2011.

Quem integra cada Região Metropolitana

Região Metropolitana de João Pessoa: Bayeux, Cabedelo, Conde, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa, Lucena, Rio Tinto, Santa Rita, Alhandra, Caaporã, Pitimbu e Pedras de Fogo.

Região Metropolitana de Campina Grande: Aroeiras, Barra de Santana, Boa Vista, Boqueirão, Campina Grande, Caturité, Fagundes, Gado Bravo, Itatuba, Lagoa Seca, Massaranduba, Matinhas, Poço Redondo, Puxinanã, Queimadas, Serra Redonda, Alcantil, Natuba, Santa Cecília e Umbuzeiro.

Região Metropolitana de Guarabira: Alagoinha, Araçagi, Belém, Borborema, Caiçara, Cuitégi, Dona Inês, Duas Estradas, Guarabira, Lago de Dentro, Logradouro, Mulungu, Pilões, Pilõeszinhas, Pirpirituba, Serra da Raiz, Sertãozinho e Serraria.

Região Metropolitana de Patos: Quixaba, Passagem, Patos, Areia de Baraúnas, Salgadinho, Junco do Seridó, Santa Luzia, São José do Sabugi, Várzea, São Mamede, Cacimba de Areia, Desterro, Teixeira, São José do Bonfim, Matureia, Mãe D'Água, Santa Terezinha, Catingueira, Emas, Condado, São José de Espinharas e Vista Serrana.

Região Metropolitana de Cajazeiras: Bernardino Batista, Bom Jesus, Bonito de Santa Fé, Cajazeiras, Cachoeira dos Índios, Carrapateira, Joca Claudino, Monte Horebe, Poço Dantas, Poço José de Moura, Santa Helena, São João do Rio do Peixe, São José de Piranhas, Triunfo e Uiraúna.

Região Metropolitana de Esperança: Alagoa Nova, Algodão de Jandaíra, Areia, Areal, Esperança, Montadas, Pocinhos, Remígio e São Sebastião de Lagoa de Roça.

Região Metropolitana de Barra de Santa Rosa: Frei Martinho, Nova Palmeira, Baraúna, Barra de Santa Rosa, Cuité, Nova Floresta, Picuí e Sossego.

Região Metropolitana do Vale do Piancó: Conceição, Itaporanga, Piancó, Coremas, Aguiar, Catingueira, Igaracy, Nova Olinda, Santana dos Garrotes, Boa Ventura, Diamante, Curral Velho, São José de Caiana, Serra Grande, Ibiara, Santa Inês e Santana de Mangueira.

Região Metropolitana do Vale do Mamanguape: Baía da Traição, Mamanguape, Marcação, Mataraca, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima, Pedro Régis, Jacaraú e Itapororoca.

Região Metropolitana de Sousa: Aparecida, São Francisco, Santa Cruz, Lastro, Vieirópolis, São José de Lagoa Tapada, Sousa, Nazarezinho e Marizópolis.

Região Metropolitana de Itabaiana: Juarez Távora, Juripiranga, Gurinhém, Itabaiana, Salgado de São Félix, Mogeiro, São José dos Ramos, São Miguel do Taipu, Pilar, Caldas Brandão, Ingá e Riachão do Bacamarte.

Região Metropolitana de Araruna: Tacima, Cacimba de Dentro, Araruna, Riachão, Damião e Dona Inês.

Orçamento secreto beneficia empresas ligadas a políticos

Análise da destinação do dinheiro mostra firmas caseiras fechando contratos de dezenas de milhões de reais

**André Shalders,
Breno Pires e
Vinícius Valfré**
Agência Estado

Parte da verba do orçamento secreto revelado pelo Estadão foi parar nos cofres de empresas ligadas a políticos e também de firmas que já figuraram nas páginas de outro escândalo, a Operação Lava Jato. Uma análise da destinação do dinheiro mostra estabelecimentos caseiros fechando contratos de dezenas de milhões de reais para compra de maquinário pesado.

No dia 19 de maio, o subprocurador-geral da República junto ao Tribunal de Contas da União (TCU) Lucas Furtado formulou uma representação para que sejam apuradas possíveis irregularidades envolvendo as em-

presas contratadas com esses recursos. O assunto será agora investigado pela área técnica.

“É óbvio - deve ser registrado por dever de ofício - que nem todas as empresas tenham atuado de forma ilícita na obtenção dos contratos. Cabe, contudo, ao controle externo, identificar padrões de atuação”, escreveu Furtado na representação.

O esquema do orçamento secreto foi criado pelo presidente Jair Bolsonaro e operado com verba do Ministério do Desenvolvimento Regional, uma pasta loteada pelo Centrão. Com o aval do Planalto, um grupo de deputados e senadores pôde impor o que seria feito com ao menos R\$ 3 bilhões. Toda negociação foi sigilosa e fere a lei orçamentária, o que pode levar o presidente a responder por crime de responsabilidade.

A pasta comandada pelo ministro Rogério Marinho recebeu a maior parte dos recursos em 2020: R\$ 8,3 dos 20,1 bilhões. O dinheiro foi usado pela própria pasta e por órgãos ligados a ela, como o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca e a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, a Codevasf.

Uma das empresas na mira do TCU é a JND Representações. Ela fechou três contratos com a Codevasf no fim de 2020 para fornecer maquinário pesado, totalizando R\$ 11,04 milhões. Um feito e tanto para uma microempresa aberta em 2018, sediada em um apartamento residencial e comandada por um jovem de 29 anos. A JND tem capital social de R\$ 50 mil - ou seja, este é o valor do investimento inicial.



Empresas que fazem parte do orçamento secreto estão na mira da investigação do Tribunal de Contas da União

Verba chega a R\$ 2 bi

No bolo de R\$ 2 bilhões do orçamento secreto destinados às empresas, há ainda outras firmas ligadas a políticos. Uma delas é a empreiteira Ética Construtora, sediada em Goiânia (GO) e que pertence à família do ex-deputado federal Marcos Abrão (Cidadania-GO).

A Ética foi contratada pela Codevasf para realizar serviços no Piauí com recursos direcionados pelo presidente nacional do PP, o senador Ciro Nogueira (PI), e pelo governador de Brasília, Ibaneis Rocha (MDB). O dinheiro empenhado (isto é, reservado pelo governo) para a firma chega a R\$ 22 milhões. Ciro Nogueira também está relacionado à outra empresa que recebeu recursos do orçamento secreto. A agência de viagens Open Tour, de Teresina (PI), pertence a Ermelinda Jacob. Ela é casada com Roberto Théophile Jacob, padrinho de casamento do senador. Questionado pela reportagem, Ciro Nogueira não respondeu.

A Open-Tour recebeu em 2020 R\$ 104 mil da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), empresa pública ligada ao Desenvolvimento Regional. Ao a, a CBTU disse que a firma venceu uma licitação em agosto de 2019, da qual participaram 23 empresas.

Construtoras que já foram investigadas na Lava Jato também receberam do orçamento secreto. É o caso da Queiroz Galvão e da Ferreira Guedes SA. O Ministério do Desenvolvimento Regional afirma que “realiza processos licitatórios que são submetidos às normas e leis brasileiras”. E que não pode impedir as empresas de participar de licitações por terem sido alvo de investigação, sem que tenham sido proibidas pela Justiça.

O orçamento secreto é um esquema montado por Jair Bolsonaro em 2020 para ganhar apoio político. Deputados e senadores fecharam acordos com o governo para escolher, naquele ano, o destino de ao menos R\$ 3 bilhões do Ministério do Desenvolvimento Regional.

+ Contratos tiveram indicação de Alcolumbre

Os contratos foram fechados em uma indicação do ex-presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP).

Segundo o Fisco, as microempresas como a JND devem ter receita bruta anual que não ultrapasse R\$ 360 mil - valor bem inferior aos contratos da JND com a Codevasf. No caso desses contratos, a JND sagrou-se vencedora dentro da cota destinada a pequenas empresas. A sigla “JND” faz referência ao nome do dono. Jonathan Allison Dias é um engenheiro civil de 29 anos e de origem mineira. Sua empresa parece ser especialista em licitações da Codevasf: foram onze desde agosto de 2020. A firma não participou de outras licitações do governo.

Em um dos certames, a Codevasf arrematou da JND seis motoniveladoras de 193 cavalos de potência e 17 toneladas de peso, por R\$ 656,5 mil cada uma. O valor total é de R\$ 3,9 milhões. No outro edital, a JND vendeu 11 escavadeiras hidráulicas por R\$ 6,6 milhões. Em ambos os casos, os equipamentos foram comprados “com vistas a atender o Estado do Amapá”.

Questionado pela reportagem, Jonathan Allison afirmou não ter qualquer conhecimento sobre a

indicação de Alcolumbre e que sequer o conhece. “Minha empresa cumpre com todos os requisitos de qualificação exigidos pelo edital.” A Codevasf informou que os contratos vencidos pela JND “foram realizados no site oficial de Compras do Governo Federal, onde ficam registrados todos os atos praticados pelo pregoeiro responsável”.

A empresa baiana Liga Engenharia Ltda não tinha contrato com o Governo Federal até setembro de 2019. Foi quando começou a ganhar uma série de licitações na Codevasf e no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), órgãos aparelhados pelo Centrão. Em 1 ano e 3 meses firmou oito contratos com valores somados de R\$ 58 milhões, dos quais já recebeu R\$ 53 milhões.

Um sócio da empresa é cunhado de um sobrinho do senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE). Foi um Termo de Execução Descentralizada indicado pelo senador, em 2019, antes da criação do orçamento secreto, que representou o primeiro grande aporte na empresa, de R\$ 28 milhões. A maior parte foi para serviço de pavimentação asfáltica em vias urbanas e rurais de municípios na região de atuação da

3ª Superintendência Regional da Codevasf, em Petrolina-PE. O chefe da superintendência, Aurivalter Cordeiro, é ex-assessor de Bezerra Coelho.

Do orçamento secreto, a empresa deve receber R\$ 18 milhões da Codevasf por novos contratos. São os valores previstos em uma licitação que a empresa venceu, mas que a área técnica do TCU quer suspender. A Liga foi uma das deztoit empresas a ganhar licitações consideradas irregulares por auditores para obras de pavimentação.

O TCU deve retomar a análise do caso nesta quarta-feira. No caso da Liga, esses R\$ 18 milhões devem ser bancados por transferências feitas pelo ministério para a Codevasf por indicações do senador Fernando Bezerra Coelho e do seu filho, deputado Fernando Filho (DEM-PE), bem como do presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL).

Procurada, a Codevasf disse que “relações sociais ou familiares de sócios de empresas participantes desses procedimentos são desconhecidas e não integram o rol de critérios de classificação ou desclassificação”. Procurados, os parlamentares e a empresa não deram retorno.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Em memória de minha avó Joana e outros santos anônimos

No dia de Santa Joana D'Arc, fiz uma associação dessa francesa com a vida e obra de minha avó materna, dona Joana Cândida, que hoje dá nome a uma rua de sua cidade, Itabaiana do Norte. Longe deste escriba a intenção de canonizar sua avó Joana, conforme fez o nobre russo Vladimir, neto da princesa Olga, uma criatura perversa com atitudes de dominância desmedida. Essa princesa matava seus inimigos, queimava-os, mandava enterrar vivos, fazia o diabo, como se diz. Depois, converteu-se ao catolicismo e seu neto, Vladimir, assumindo o poder, instituiu um culto à avó, com direito a festa litúrgica. Olga foi a primeira santa da Rússia.

As vidas de Santa Joana D'Arc e de minha avó Joana não têm quase nenhuma equivalência. Aos treze anos, Joana D'Arc ouviu vozes de São Miguel e de Santa Catarina, mandando-a salvar a França. Quando Joana completou trinta anos, pegou uma bandeira com a imagem de Jesus e de Maria e foi expulsar os ingleses de Orleans. Ela se tornou um soldado, vivenciou muitos triunfos militares, deve ter eliminado inúmeros soldados inimigos. Capturada pelos ingleses, foi acusada de mentirosa, exploradora do povo, blasfemadora de Deus,

idólatra, invocadora do diabo e herege. Foi queimada e jogaram suas cinzas no rio Sena. A história da Igreja Católica diz que ela comandava um exército de cinco mil soldados e ganhava as batalhas sem derramar uma única gota de sangue. Mandava os soldados trucidarem os inimigos, mas, pessoalmente só rezava. Em 1920, Joana D'Arc foi canonizada pelo Papa Bento XV.

Minha avó Joana não sabia ler, mas gostava da poesia da literatura de cordel. Mandava comprar folhetos de cordel na feira de Itabaiana e juntava os parentes e vizinhos, todas as noites, na calçada da sua casinha, para leitura dos livrinhos que ela apreciava. Aquelas tertúlias me motivaram para aprender a ler. Fui alfabetizado através dos folhetos de feira, passei a ser o leitor oficial dos folhetos de vó Joana. Isso me abriu as portas da arte e da literatura. Esse milagre do encantamento cultural faz de minha avó muito mais meritória do que a Joana francesa. Pelo menos do ponto de vista do neto.

Avó Joana nunca derramou sangue de gente, em nenhum momento humilhou as pessoas por fanatismo nacionalista ou religioso, jamais usou religião para fanatizar e dividir o povo, para eliminar vidas em nome

de Deus ou de qualquer ideologia. Só um detalhe na vida dessas duas Joanas é igual: a santa morreu queimada e minha avó também. Joana D'Arc pereceu na fogueira dos ingleses e minha avó Joana foi deitar, esqueceu de apagar o cachimbinho, a brasa caiu na mala onde ela guardava os folhetos e incendiou a casinha onde morava só.

Minha avó, milagrosamente, salvou muita gente da ignorância com seus folhetos, mesmo sem saber ler. A pessoa que participa de uma roda de difusão cultural, qualquer expressão que seja, tem chance de abrir os olhos e ver mais claramente as coisas da vida e ter uma existência mais proveitosa. Muitos garotos e garotas iguais a mim foram encantados pela cultura com os folhetos de minha avó Joana.

Registro aqui o desaparecimento de outra figura da cultura popular, o meu amigo Mestre Camilo de Sapé. Militante do movimento de rádios livres e comunitárias, Camilo foi palhaço bedegueba de pastoril profano, locutor, cantor, compositor, publicitário, carnavalesco e radialista. O brincante Camilo de Lellis talvez tenha sido o último palhaço de pastoril, manifestação cultural praticamente extinta.

Seminário debate educação, ciência e a obra de Zé Lins

Evento contou com a participação de Leandro Karnal, Luiza Trajano, além da filha e da neta do autor de "Menino de Engenho"

Renato Félix e Márcia Dementshuk
Especial para A União

Os desafios da educação, da ciência e da tecnologia se multiplicaram do ano passado para cá, por causa da pandemia da covid-19. Primeiro, ela interrompeu as aulas em vários países. Depois, fez com que as aulas remotas tivessem que entrar no cotidiano dos estudantes, uma mudança de rotina para os alunos e também para os professores. Os passos da educação para o futuro, no trabalho em si e também na filosofia, foi o tema do I Seminário Transformação Digital na Educação e na Ciência e Tecnologia: Práticas Inovadoras e Criativas, realizado durante três dias, com convidados como o filósofo Leandro Karnal, a empresária Luiza Trajano e duas descendentes do escritor José Lins do Rego: a filha, Maria Christina Lins do Rego Veras, e a neta, Valéria Veras.

No primeiro dia, terça, o evento teve como palestrante Leandro Karnal e, como participante, o governador João Azevêdo. No segundo,

Luiza Trajano e a médica Karina Barros Calife Batista. No terceiro, a filha e a neta de Zé Lins, além do professor e artista visual Christus Nóbrega, que falaram sobre a reconstrução do acervo biográfico do escritor e as comemorações dos 90 anos de "Menino de Engenho", no ano que vem.

O seminário foi uma realização do Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (Seect-PB), em parceria com o Sebrae Paraíba e com a Undime Paraíba, e foi transmitido pelo canal da Seect-PB (<https://www.youtube.com/channel/UC0ms-ChcxUcrS3vcKVSct1bA>). A transmissão foi ao vivo, mas os vídeos continuam disponíveis para serem assistidos.

O seminário foi uma realização do Governo do Estado da Paraíba, por meio Seect-PB, em parceria com o Sebrae Paraíba e com a Undime Paraíba



Foto: Divulgação

O Seminário Transformação Digital na Educação e na Ciência e Tecnologia: Práticas Inovadoras e Criativas aconteceu durante três dias com vários convidados

Karnal: 'Ser protagonista é fazer parte da solução'

O historiador Leandro Karnal foi o responsável pela principal palestra do primeiro dia, com o tema "Criatividade e sala de aula". Ele ponderou a respeito da crise atual, dos desafios e de uma coisa nova nos obriga a pensar. "Decisões que as coordenações, direções, as secretarias de educação, o Sebrae, que nós tomarmos hoje vão marcar os próximos anos", afirma. "O presente é sempre um espaço de sementeira para essa transformação nos próximos anos".

Para ele, a crise exige protagonistas. "É aquela pessoa que entende que, independente do problema,

ela tem que fazer parte da solução", explica. "Por isso que o protagonista não reclama, ele apenas critica. A reclamação não leva a nada: só mostra que eu estou insatisfeito, não dá uma solução". Essa visão é aplicada pedagogicamente no ensino das escolas públicas estaduais, juntamente com a formulação de objetivos de vida de cada estudante, a partir da descoberta de seu próprio sonho.

Ele também apontou caminhos para a educação em um cenário onde profissões mudam constantemente e técnicas vão ficando superadas cada vez mais rápido.

"Hoje, acima de tudo, o professor tem que saber que a memória é importante, mas que hoje a memória está arquivada em máquinas. Isso é ruim? É bom? Não sei, é um debate. Mas a minha memória tem que estar livre para aprender conceitos novos", diz. "A educação não pode ser para ensinar um procedimento técnico que vai desaparecer. Ela tem que ser para buscar, pesquisar. O mais importante é ensinar aos alunos a pesquisar, aprender a distinguir verdades de fake news, oferecer aos alunos mais perguntas, mais problemas para se resolver".

Inclusão digital

"Esse é o nosso desafio na gestão pública: fazer com que a escola acompanhe o mesmo ritmo de inovação ao qual nossas crianças passaram a ter acesso nos últimos anos", disse o governador João Azevedo, na abertura do seminário, terça-feira. Ele lembrou que mais de 54 milhões de estudantes em todo o Brasil foram retirados das salas de aula, enquanto se buscavam soluções digitais enquanto se permitisse a continuidade do ensino.

Ele anunciou o lançamento de dois programas. O "Programa Paulo Freire - Conectando Saberes" pretende estimular a inclusão digital dos educadores da Rede Estadual de Ensino. Os professores na ativa receberão um abono de R\$ 3 mil para aquisição de um computador portátil. De acordo com o edital, são 17.209 professores aptos a participar do programa e o investimento previsto é de R\$ 51.627.000,00.

Já o "Progr{ame}-se: Programa Meninas na Ciência e Tecnologia" irá incentivar nas escolas a presença das meninas nas ciências, exatas, tecnologias e engenharias, a fim de fomentar projetos de pesquisa, tecnologia e inovação.

O professor Cláudio Furtado, secretário da Educação, Ciência e Tecnologia, também falou no primeiro dia, apontando que a pandemia será um divisor de águas para a educação, um momento histórico. "Essa pandemia, em termos de tecnologias para a educação, foi a queda de Constantinopla: a escola não será mais a mesma, essas ferramentas serão utilizadas e temos que pensar sempre, como falou nosso governador, em dar melhores condições para os professores para continuar com essa revolução na educação".

O secretário executivo de Ciência e Tecnologia, Rubens Freire, falou na quarta-feira e enfatizou ações que estão em andamento na secretaria. Entre elas, a construção de uma rede de fibra óptica de alto desempenho para levar internet de qualidade às instituições de ensino e pesquisa em todo o estado e também a implantação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação e apoio tecnológico à atividade da agricultura familiar. E reforçou a importância da ciência nesses tempos. "Os quase 500 mil mortos são frutos da negação da ciência. Isso é inegável", afirma.

Luiza Trajano: 'O nível de consciência aumentou'

A empresária Luiza Trajano iniciou sua fala parabenizando o Programa Primeira Chance, que proporciona aos estudantes e egressos da Rede Pública Estadual Técnica uma experiência profissional. Para ela, depois da pandemia o mundo não será mais o mesmo. Apesar da tristeza de estar-se vivenciando uma doença que causa morte, com a pandemia o consumidor assumiu o Brasil como sendo dele.

"Estamos descobrindo o nosso país. Aumento do nível de consciência e que devemos assumir

o Brasil que é nosso. A cultura da doação também aumentou. Nunca vi tanta gente se oferecendo para ajudar com relação à vacina". Luiza falou do Grupo Mulheres do Brasil e do quanto as empresas devem estar atentas a ampliar a diversidade em seus quadros profissionais, não apenas na questão da inserção das mulheres, mas também dos negros.

Médica

A médica Karina Barros Calife Batista, doutora em medicina preventiva e membro da Rede

Brasileira de Mulheres Cientistas, trouxe dados que demonstram que as mulheres que se propõem a seguir uma carreira na ciência encontram um afunilamento brutal para alcançar os níveis mais altos como pesquisadoras e que o Brasil tem uma das maiores taxas de mortalidade materna no mundo.

"As mulheres devem participar da elaboração das políticas públicas no Brasil de forma a equilibrar e trazer visões e soluções diferenciadas aos problemas sociais", defendeu.

Filha do escritor quer vir à PB para homenagem

O terceiro dia foi dedicado ao escritor José Lins do Rego, com a presença da escritora Maria Christina Lins do Rego Veras, filha caçula do autor de "Menino de Engenho"; a arquiteta Valéria Veras, neta do escritor e responsável pela reconstrução de acervo biográfico de Zé Lins; e o paraibano Christus Nóbrega, artista e professor de artes da Universidade de Brasília.

Maria Christina falou do relacionamento próximo com o pai e de como só conseguiu ela mesma se tornar escritora depois que ele havia morrido e depois de uma visita à Paraíba. O resultado foi "Cartas para Alice", primeiro de seus cinco livros de contos.

"Tenho paixão pela Paraíba. Por João Pessoa, pelos engenhos...", disse ela. "Quando criança eu brincava com a filha de Sa-

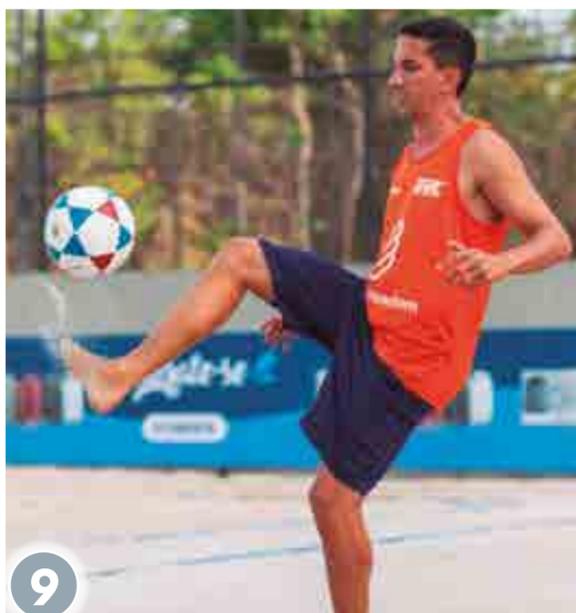
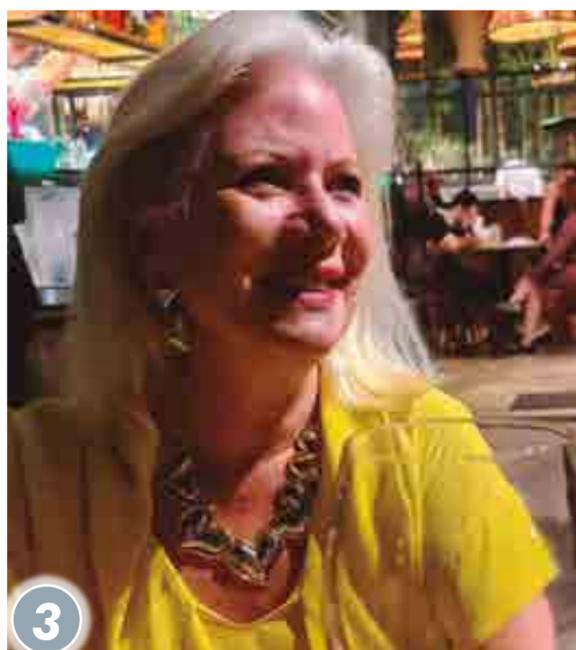
lomé, chamada Ceci, sobrinha de Ricardo do livro 'Moleque Ricardo'! Pela primeira vez eu estava solta, sem babá. Temos sorte. A Paraíba gosta de papai. Ele teve muita sorte de nascer na Paraíba".

Christus Nóbrega está concebendo, junto com Valéria Veras, o projeto de uma exposição celebrando os 90 anos da principal obra de Zé Lins, que será chamada "Menino de Engenho 90: Ontem e Hoje". O Governo do Estado atua como interlocutor desse projeto e o plano é que o estado seja a sede da abertura da exposição.

Os estudantes paraibanos já podem participar do projeto, através do site que já está no ar (meninodeengenho90.com), contribuindo com redações sobre o livro, conectando-o com suas próprias vidas. "A gente vai selecionar

várias dessas redações e convidar os alunos para trabalhar comigo em algumas obras que estarão presentes na exposição", diz Nóbrega. "A ideia é que a gente consiga envolver o estado como um todo na participação desse projeto".

Valéria ressalta o grande número de acadêmicos trabalhando Zé Lins nas universidades. "Isso está inserido no nosso projeto, reforçando essa questão de 'ontem e hoje'", conta. Outra relação na vida do escritor está na sua presença na cidade do Rio de Janeiro e suas origens rurais paraibanas. "Mesmo morando no Rio de Janeiro, ele nunca deixou de ser o paraibano que sempre foi, mas tinha esse espectro interessantíssimo, urbano, que ele era também. Então essa relação 'urbano e rural' é uma coisa que vai entrar muito no nosso projeto", diz a arquiteta.



1 O governador João Azevêdo (na foto, ao lado do prefeito de Patos, Nabor Wanderley), por meio de live no YouTube, anunciou que a companhia Azul Linhas Aéreas será a empresa que vai operar voo comercial, diário, entre as cidades de Patos e Recife, com previsão de início para o dia 9 de agosto.

2 A neta do jurista Odilon Fernandes, Amanda Alencar, que reside nos EUA, com seus pais e irmãos, e cursa Medicina Veterinária, se destaca pela beleza e competência, predicados herdados da saudosa avó, Miriam Fernandes.

3 A professora Ana Flávia Pereira da Fonseca prestigiou evento no complexo cultural e gastronômico Reserva Garden, restrito a poucas convidadas, em torno de novos lançamentos das bijuterias de Rosana Bernardes, os doces de Lana Bandeira e as joias de Lúcia Lima, by Tereza Ribeiro Maison.

4 Foi fundada, oficialmente, a Academia Cabedelense de Ciências Artes e Letras / ACCAL – Litorânea. A Assembleia-Geral, híbrida, aconteceu no Centro Cultural, bairro de Camalaú, em Cabedelo, e contou com a presença do número limitado de postulantes, além de assistência on-line. Os trabalhos foram dirigidos pela presidente Tânia Castelliano. (na foto, entre postulantes da ACCAL).

5 Rilávia Cardoso, Maísa e Luciano Cartaxo, Christiane Loureiro, Onildo Rocha Filho, Wilson Santiago, Eliane Sobral, Celeste Maia, Ricardo Sérvulo, Gracinha Paulo Neto, Carla Bezerra Cavalcante, Abelardo Jurema, Fillipe Miranda, Carlos Sá, Luzenira Sobreira, Babi Neves, são os aniversariantes da semana.

6 A comunidade sertaneja, mormente a de Cajazeiras, aguarda, com justificada expectativa, o lançamento de obra bibliográfica sobre Dom Zacarias Rolim Moura, 5º Bispo Diocesano (1953 a 1990). De autoria de Hélder Ferreira Moura, residente em Fortaleza-CE, membro da Academia Cajazeirense e Artes e Letras, o livro conta com revisão e edição do Prof. Francelino Soares.

7 “Picotes”, pequenina vila localizada no alto sertão paraibano, foi registrada pelo casal José e Roberta Vieira por meio do canal Vida Arretada. Se você deseja conferir essa e outras matérias superinteressantes, acesse o endereço YouTube.com/vidarretada.

8 A 5ª edição do “Prêmio Afrafep de Educação Fiscal” está com inscrições abertas até o dia 30 de junho corrente. O concurso, que vai premiar os melhores projetos sobre educação fiscal, será realizado pela Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba, em parceria com o Sindifisco-PB, com apoio da Secretaria de Estado da Fazenda e da Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais. O presidente do Sindifisco, Manoel Isidro (foto), está entusiasmado com a premiação cujas informações podem ser conferidas por meio do link <https://afrafep.com.br/premioeducacaofiscal/>.

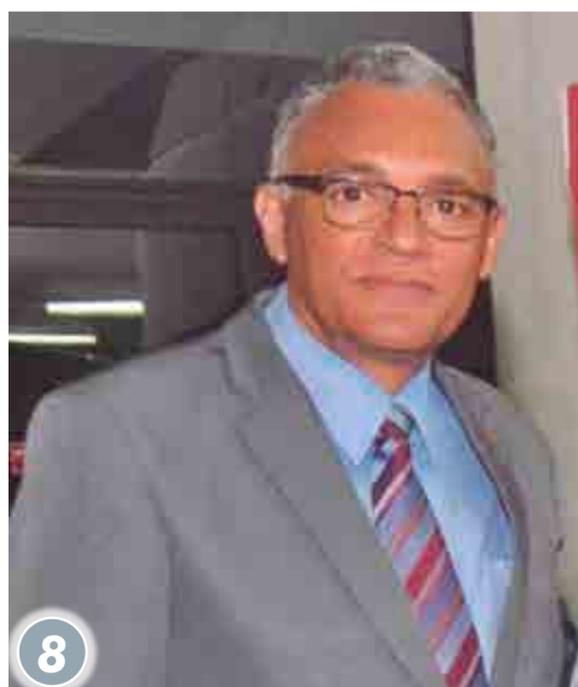
9 O Base Beach Tennis, localizado no Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa, vai sediar um importante torneio de futevôlei nos dias 3 e 4 de julho próximo. O evento esportivo, segundo o organizador Hugo Araújo, vai respeitar todos os protocolos em relação ao coronavírus.

10 Se tudo correr bem, e a atual pandemia der uma trégua, mais uma edição do Brasil Travel Market será realizada, em Fortaleza, de 22 a 23 de outubro deste ano. Quem nos informa é o executivo Breno Mesquita.



DOM ZACARIAS ROLIM DE MOURA
FÉ E ESPIRITUALIDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA

Cajazeiras-PB
2021



IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

16 milhões de brasileiros preferem viver sem bancos

Mesmo longe das transações feitas por instituições financeiras, essa parcela da população movimenta R\$ 174 bilhões por ano

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Você consegue imaginar, em plena era digital, alguém não realizar transações bancárias? Esta não é apenas uma realidade possível, como é a de milhares de pessoas por todo o Brasil. Uma pesquisa do Instituto Locomotiva – realizada em janeiro deste ano – revelou que mesmo com a abertura

de contas para recebimento do auxílio emergencial destinado aos brasileiros durante essa pandemia de covid-19, mais de 16 milhões de cidadãos não possuem conta-corrente ou poupança em instituições financeiras do país.

O paraibano Horácio Marcelino da Silva, de 59 anos, faz parte dessas estatísticas. Pai de cinco filhos, o agricultor nunca entrou em

uma agência bancária e, em toda sua vida, sequer abriu uma conta bancária. “Sempre morei na zona rural e nunca precisei ter conta em bancos”, disse o agricultor ao avaliar que ter cartão de crédito “é dar dinheiro a banco”. “Eu planto meus milhos, feijão e macaxeira, vendo na feira e pronto! Sem ninguém dizendo o que tenho que fazer com o que ganho. Com o apurado faço minha feira, compro as coisas de casa e quando quero algo caro, eu junto”, acrescenta.

A vida de seu Marcelino é assim desde que ele começou a trabalhar, com uns 10 anos de idade, como ele conta. “E vai ser assim até eu partir”, comenta o pequeno produtor agrícola.

A filha de seu Horácio, professora do Ensino Infantil, Claudiane da Silva Marcelino, de 21 anos, relata que até já incentivou o pai a abrir uma conta, mas que ele nunca vai às agências. “Aqui em casa, nós temos cartões. Eu mesma abri minha conta quando fiz 18 anos, mas papai sempre diz que não quer agora. Ele fala que prefere fazer uma conta quando for se aposentar. A gente respeita né?!”, diz a jovem.

Segundo a pesquisa, esses milhões de não bancarizados representam 7% da população brasileira (levando em consideração a estimativa do IBGE para esta dé-

cada). Mesmo sem contas em bancos presenciais ou digitais, essas pessoas movimentam anualmente cerca de R\$ 174 bilhões, o equivalente a 4% da renda do país. Antes da pandemia do novo coronavírus esse percentual de pessoas sem contas era bem maior, mas com o pagamento do auxílio emergencial isso mudou já que apenas quem possui conta pode receber o valor depositado pelo Governo Federal, o que fez crescer as contas, principalmente em bancos públicos.

Auxílio emergencial

Segundo os dados da Caixa Econômica Federal, foram abertas 107 milhões de contas para movimentação dos recursos por meio do aplicativo Caixa Tem. “O auxílio financeiro do Governo Federal e até de alguns governos estaduais mudou a forma de se movimentar o dinheiro no país, assim como a comercialização pela internet. Em 2020, a abertura de contas por pequenos empreendedores alavancou as movimentações bancárias e chegada de novos usuários dos bancos. Ainda assim temos cerca de 30 milhões de pessoas que não usam banco ou que têm alguma poupança perdida. Essa gente ainda prefere usar o dinheiro em espécie”, explica o presidente do Instituto Locomotiva, Renato Meirelles.



País tem 17 milhões de contas pouco utilizadas

Os estudos apontam que o Brasil ainda está distante de ter uma sociedade moderna e adepta às novas tecnologias, quando o assunto é banco. Cerca de 8% da população, 17,7 milhões de brasileiros não utilizam suas contas bancárias mensalmente. Essas pessoas fazem parte dos sub-bancarizados que, embora possuam contas-correntes ou poupanças, utilizam muito pouco ou raramente as ferramentas e opções que estes oferecem, mas suas movimentações anuais totalizam R\$ 347 bilhões.

No último ano, a pandemia até contribuiu para a abertura e digitalização de novas contas. Porém, essa parcela da população ainda não possui acesso às operações de crédito, financiamentos ou incentivos financeiros que possam contribuir com o cotidiano delas. “O movimento da bancarização se tornou exponencial entre as pessoas mais pobres. Muitas possuem conta apenas para receber e sacar dinheiro, cerca de 65% da população entrevistada. Outros 54% usam também para pagamento de contas e 45% usam as contas para fazer transferências bancárias”, elenca o pesquisador.

A jovem agricultora Maria Vitória de Araújo, de 19 anos, abriu sua primeira conta bancária em abril do ano passado, exatamente para receber o auxílio emergencial. “Eu estava sem plantar nada no sítio da minha família e sem ter como ajudar em casa, pois na minha família somos oito e todos dependem do que plantamos. Não tinha conta porque eu não usava nada de banco, mas resolvi fazer minha conta virtual quando o auxílio foi aprovado. Agora, ficou mais fácil lidar com dinheiro, porque posso fazer transferência e pago boletos”, relata.

Os dados mostram que muitos são desmotivados a manter uma relação bancária por falta de atendimento humanizado e dos altos custos de serviços, perdendo as vantagens dessa relação.



Foto: Arquivo pessoal

Seu Horácio integra o grupo dos não bancarizados que existe no estado

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Redes e centrais de negócios melhoram a competitividade dos pequenos

Recentemente escrevi algo sobre a força da cooperação aqui nesta coluna. Agora de maneira mais focada destaco a importância das Redes e Centrais de Negócios Empresariais. Uma prática hoje bastante difundida em nível de Brasil e dos principais mercados mundiais.

No mundo dos negócios, é comum observar a imperiosa força dos grandes conglomerados empresariais no domínio dos mercados, gerando oligopólios ou oligopsônios, numa concorrência em que os pequenos se sentem fragilizados, notadamente no quesito competitividade.

Côncios desta realidade, empreendedores de micro e pequeno portes estão se organizando em grupos de um mesmo segmento, formando redes e/ou centrais com objetivo de se fortalecerem e ganharem fôlego neste processo de enfrentamento para disputa de clientes no mercado de consumo final.

Na Paraíba, temos bons exemplos neste sentido. Algumas redes varejistas já estão atuando há mais de 10 anos e celebrando resultados motivadores, considerando os ganhos decorrentes destas iniciativas. As mais estruturadas já possuem

as suas CDs – Centrais de Distribuição, garantindo seus espaços no mundo da logística para distribuição das compras conjuntas, realizadas em vantajosas condições, haja vista os volumes negociados a partir do somatório de todas as empresas associadas.

Existe uma metodologia para implantação de Redes e Centrais de Negócios Empresariais, desenvolvida há alguns anos pelo Sistema Sebrae e colocada à disposição de empresários que acreditam na força da cooperação. Tive o privilégio de ser um dos consultores a receber esta metodologia e tenho contribuído para formação de várias Redes aqui na Paraíba e em outros estados da Federação.

De maneira sumariada, comento a seguir o passo a passo que utilizamos para estruturação destas entidades associativas, ressaltando que para cada segmento empresarial (comércio, indústria, serviços ou agropecuária), faz-se necessário uma adaptação metodológica que varia em função do perfil do grupo empreendedor e de suas práticas negociais e produtivas.

Iniciamos o empreendimento fazendo o

reconhecimento do grupo de atuação e um estudo de cenário e tendências do setor. A partir de então reunimos os interessados e fazemos uma palestra de sensibilização. Ocorrendo a adesão, define-se o grupo e com ele elaboramos o perfil da futura Rede. É importante fazer o dimensionamento do potencial do ente cooperado a partir da capacidade de compra e venda, da estrutura de recursos humanos, da logística, das instalações, da capacidade contributiva para o Estado e o dimensionamento territorial a ser alcançado.

Na sequência metodológica, fazemos a integração do grupo e o despertar da consciência em torno da cooperação. Identificamos as principais lideranças para que sejam estimuladas em função de determinadas atividades estratégicas. O relacionamento com fornecedores e os primeiros ensaios de compras conjuntas entram em pauta, sem esquecer de elaborar o planejamento para orientar o caminho a ser seguido, com o envolvimento consciente e motivado de todos os integrantes do empreendimento cooperado.

Nesta fase já se começa a colher benefícios

que servem de estímulo à continuidade do processo. O modelo de gestão, a análise da viabilidade econômica e financeira, o uso das ferramentas modernas de controles, embasadas na tecnologia da informação, são imprescindíveis para alcançar o sucesso pretendido.

Vencidas todas estas etapas, programamos o lançamento da Rede. Este deverá ser feito em grande estilo, lembrando aquela máxima de que nunca haverá uma segunda oportunidade para causar uma primeira impressão. É feito um “checklist” de tudo o que é necessário para que a repercussão seja imediata em todas as dimensões que interessem ao público consumidor, aos fornecedores, ao Estado e aos empresários cooperados.

Não poderia deixar de enfatizar algo que é objeto de repetidas ênfases ao longo do processo de implantação de uma Rede. Os fornecedores, o Estado e os clientes, serão sempre considerados parceiros e aliados. Não se pode criar um empreendimento deste nível com sentimentos de revanche, mas sim, com espírito de cooperação e de “ganha ganha.”

Modelo de cobrança de impostos no Brasil acentua desigualdades

Especialistas avaliam que fórmula adotada no país cobra, proporcionalmente, pouco dos ricos e muito dos pobres

Ricardo Westin
Agência Senado

Ao longo das últimas décadas, a necessidade de modernizar a estrutura brasileira de impostos, contribuições e taxas tem incessantemente figurado na pauta política como tema urgente. No mês passado, por exemplo, o Ministério da Economia discutiu com o Senado e a Câmara estratégias para acelerar a votação das propostas de reforma tributária. Para estudiosos do tema, no entanto, nenhuma das reformas até hoje propostas ou apoiadas pelos sucessivos governos buscou atingir o verdadeiro cerne do problema: a fórmula adotada para recolher os tributos, que cobra proporcionalmente pouco dos ricos e muito dos pobres.

“O sistema tributário do Brasil é injusto porque acentua a concentração da renda, ao invés de diminuí-la”, afirma o vice-presidente de Assuntos Tributários da Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal (Anfip), Cesar Roxo Machado. “As reformas que são levadas ao Congresso Nacional costumam buscar a simplificação do nosso emaranhado de tributos, o que é positivo, mas elas nunca buscam a justiça tributária, o



Tributos incidem sobre três bases: consumo, renda e patrimônio dos cidadãos e das empresas

que é ainda mais importante. O tributo deve ser um instrumento de diminuição das desigualdades sociais não apenas no momento em que é aplicado nas políticas públicas, mas também no momento em que é recolhido. Quem tem mais deve pagar mais e

quem tem menos deve pagar menos”, acrescenta.

Os tributos servem para custear tanto a máquina estatal quanto os serviços públicos, como saúde, educação e segurança. De forma geral, eles incidem sobre três bases: o consumo, a renda e o

patrimônio dos cidadãos e das empresas. Em todos os três pilares, existem distorções que beneficiam os ricos e penalizam os pobres.

A tributação do consumo é aquela embutida no preço de produtos e serviços. Como os tributos incidentes sobre

determinada mercadoria são iguais para qualquer consumidor, quem ganha pouco, na comparação com quem ganha muito, acaba perdendo um pedaço maior da sua renda com esses tributos na hora da compra.

A solução, claro, não se-

ria cobrar tributos variáveis conforme o poder aquisitivo do comprador. Na prática, isso se mostraria inexecutável. A mudança necessária, segundo os especialistas, é a diminuição das alíquotas, de modo que a fatia da tributação do consumo fique menor dentro do bolo tributário do Brasil. Atualmente, ela responde por 43% do total — quase metade da arrecadação nacional.

Em países desenvolvidos, o peso da tributação do consumo no total da arrecadação pública é menor. Naqueles que integram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, a média é de 33%. No Canadá, fica em 23,5%. Nos Estados Unidos, em 17,5%. Essa é uma das razões pelas quais fazer compras em certos países sai mais barato do que no Brasil.

“Os tributos sobre o consumo são indiretos. Quem é responsável pelo recolhimento desses tributos são os empresários, que repassam o valor para os consumidores. Os consumidores, então, pagam indiretamente. Como a nota fiscal normalmente não traz a totalidade dos tributos da venda, eles não conseguem enxergá-los e perceber que pesam exageradamente no bolso e que são injustos”, diz Machado.



Tabela do Imposto de Renda favorece quem tem renda maior, dizem pesquisadores

A desigualdade social também é alimentada pela tributação da renda. Em 1996, o país parou de tributar os sócios e acionistas que recebem lucros e dividendos de empresas. O Brasil e a Estônia são as únicas nações que não taxam essa renda paga a pessoas físicas.

Ao mesmo tempo, os especialistas consideram que a tabela de cobrança do Imposto de Renda está montada de modo a favorecer os mais ricos. Atualmente, existem cinco faixas de renda, cada uma com sua respectiva alíquota do imposto. A faixa mais baixa atinge as pessoas com rendimento

mensal de até R\$ 1.904, que ficam isentas do tributo. Mas é consensual que o teto salarial que garante a isenção está defasado, fazendo com que muitas pessoas de baixa renda fiquem acima dele e tenham que pagar o Imposto de Renda.

Outro problema do Imposto de Renda é que a faixa mais alta atinge as pessoas com rendimento mensal a partir de R\$ 4.665, que devem pagar uma alíquota de 27,5%. Isso significa que um trabalhador que ganha cinco salários mínimos por mês (R\$ 5.500) já paga a alíquota máxima do Imposto de Renda, a mesma de um executivo que re-

cebe, por exemplo, 50 salários mínimos (R\$ 55 mil). Em outros países, existem mais faixas salariais e alíquotas superiores. Na Coreia do Sul, por exemplo, há sete faixas, e a alíquota mais alta do Imposto de Renda é de 42%.

A tributação do patrimônio no Brasil tem suas próprias distorções. O imposto sobre grandes fortunas está previsto na Constituição, ou seja, desde 1988, mas até hoje não saiu do papel porque ainda não foi regulamentado pelo poder público. A regulamentação determinaria o que é uma grande fortuna e qual é o valor do im-

posto a ser cobrado.

“O mundo inteiro está discutindo o imposto sobre grandes fortunas, em razão do aumento da concentração de renda e riqueza decorrente da pandemia. O Brasil parece estar fora desse movimento mundial. No nosso país, se a grande fortuna for considerada o patrimônio declarado superior a R\$ 20 milhões, teremos em torno de 30 mil contribuintes e R\$ 43 bilhões arrecadados por ano. É dinheiro suficiente para custear o programa Bolsa Família por mais de um ano”, afirma o economista Pedro Humberto de Carvalho Junior,

que é pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério da Economia.

Os impostos sobre veículos, imóveis e terras, pagos por ricos e pobres, também estão desequilibrados. O Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), por exemplo, incide com a mesma porcentagem tanto sobre uma moto de luxo para o lazer da pessoa abastada quanto sobre uma moto popular para o trabalho do entregador de comida. Nos carros, ocorre a mesma coisa. Por outro lado, jatinhos, helicópteros, iates e lanchas não são taxados.

Reformulação do sistema tributário começa a ser debatida no Congresso

Atualmente, o Senado analisa uma série de projetos de lei que modificam regras específicas do atual sistema tributário. De acordo com Cesar Roxo Machado, da Anfip, uma das grandes falácias no debate sobre impostos no Brasil é a afirmação de que a carga tributária é elevada demais. Isso, ele diz, não é verdade.

A carga tributária brasileira equivale a 33% do produto interno bruto (PIB), índice semelhante ao de países que também oferecem saúde e educação gratuitas à população. “Quando dizem que a carga tributária é alta, eu pergunto: ‘A carga é alta para quem?’ Ela só é alta para quem ganha pouco. Os pobres são os únicos que podem dizer que a carga tributária é alta”, defende.

A reforma tributária necessária, resume ele, é a que reduz os tributos do consumo (aliviando a cobrança dos pobres) e ao mesmo tempo eleva os tributos da renda e do patrimônio (exigindo mais dos ricos). Ocorrendo a redução e a elevação de forma proporcional, a carga tributária total não se alteraria.

O economista Eduardo Fagnani, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho, diz que igualmente falaciosa é a afirmação de que a diminuição dos tributos dos pobres e o aumento dos tributos dos ricos sejam uma política típica de países de esquerda ou até comunistas. “Trata-se de uma política liberal. Foi tributando os mais ricos que os Esta-

dos Unidos se recuperaram da Grande Depressão de 1929 e que a Europa difundiu o Estado de bem-estar social depois da Segunda Guerra. Hoje, com o

Legislação

Impostos precisam ser cobrados de acordo com a capacidade do contribuinte

Plano Biden, os Estados Unidos buscam se recuperar dos efeitos econômicos da pandemia justamente por meio da tributação

de pessoas físicas e jurídicas de alta renda, entre outras medidas. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional têm preconizado esse tipo de medida”. Segundo o professor da Unicamp, é bom para o próprio capitalismo que os pobres sejam menos tributados.

Quando os pobres arcam mais com os tributos, a própria Constituição brasileira é violada. O artigo 145 estabelece que, sempre que for possível, os impostos devem ser cobrados de acordo com a “capacidade econômica do contribuinte”. Isto é, quem tem maior capacidade financeira paga mais e quem tem menor capacidade financeira paga menos.

“Não é justo que a parcela mais pobre da população tenha 50% de sua renda captura-

da por tributos e que a parcela que ganha mais de R\$ 320 mil mensais tenha quase 70% da renda isenta de tributação. Essa é uma das razões pelas quais o Brasil tem uma das maiores desigualdades sociais do mundo”, continua Fagnani. Na visão do professor da Unicamp, o Congresso Nacional deveria ampliar as atuais propostas de reforma tributária que estão à mesa para incluir nelas medidas de redução das desigualdades.

“Nesta pandemia, cerca de 60% da população tem passado fome em algum grau e 30% da força de trabalho ficou subutilizada. Vivemos uma crise sanitária, econômica e social como nenhuma outra. Portanto, como diz o FMI, ela exige uma resposta como nenhuma outra”.

Brasileiros fazem turismo em busca da vacina contra covid

Pacotes incluem desde "escala" para quarentena em hotéis de luxo até entrada gratuita em atrações e exames

Nathalia Molina
Agência Estado

Nova York, Orlando e Miami sempre estiveram entre os destinos preferidos dos brasileiros. Ganham mais um atrativo: a vacina contra a covid-19. Após a divulgação da notícia, o buscador Kayak registrou alta de até 719% na procura por voos para essas cidades em maio, em relação a abril. O turismo da vacina já deu origem até a produtos criados para isso.

Formatado pela BWT, operadora com quase 2 mil agências credenciadas, o pacote de 20 dias custa a partir de US\$ 2.799 (cerca de R\$ 15 mil) por pessoa, com parte aérea e hotel no México e nos Estados Unidos.

Assim como o passaporte de vacina, esse tipo de turismo é criticado por questões éticas, já que privilegia quem tem dinheiro. Tire essa e outras dúvidas abaixo:

Em quais destinos o turismo da vacina vem sendo mais comum?

Brasileiros têm ido aos Estados Unidos. Hotéis de luxo como os da rede Four Seasons, em Nova York, já percebem aumento de hóspedes do Brasil desde a divulgação do turismo da vacina, especialmente após a declaração do prefeito da cidade, Bill de Blasio, de que ofereceria o imunizante em pontos turísticos. "Com a notícia de vacinação em Nova York e na Flórida, a gente recebeu tanta demanda que formatou um pacote e já teve venda nesta semana", diz Gabriel Cordeiro Strobel, gerente-geral da BWT Operadora.

Outros destinos, como Cuba com a sua Soberana, também são lembrados quando o assunto é turismo da vacina, mas a ilha divulgou que doaria doses para países sem recursos. "A Rússia está vacinando com a Sputnik sem burocracia, mas tem de ficar lá pelo menos três semanas", explica Roberto Haro Nedelciu, presidente da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (Braztoa). Na Romênia, quem vai ao Castelo do Drácula toma vacina e visita a atração de graça.

"Tem as Maldivas. Estive lá e vão vacinar depois que atingirem 70% da população vacinada. Eles querem usar a vacinação como um marketing para atrair turismo, que é 90% da economia local. Vão usar o plano 3V: visit, vaccine e vacation (visita, vacina e férias)", diz.

Quais países vêm sendo destino de quarentena antes dos Estados Unidos?

Os brasileiros têm de permanecer 14 dias em outro país fora da lista americana de bloqueio sanitário, antes de ir para os Estados Unidos. "O pessoal fica 15 dias nesses destinos e depois vai para Miami ou Nova York porque são os lugares onde eles não estão pedindo comprovação de residência", afirma o presidente da Braztoa. Segundo ele, o México é o país mais

Fotos: Pixabay



Nova York tem sido um dos destinos mais procurados pelos brasileiros desde que anunciou vacinação



Cuba, que tem sua própria vacina - a Soberana -, também tem atraído turistas de olho na imunização



Pacotes oferecem "quarentena" de luxo no México antes do turista seguir viagem para os Estados Unidos



Na Romênia, turista é vacinado contra a covid e ainda entra de graça no famoso castelo de Drácula

procurado por brasileiros, mas outros também aparecem nos roteiros, caso de Panamá, República Dominicana, Costa Rica e Anguilla. Resorts na mexicana Cancún, como os da rede Palladium, estão nos pacotes da BWT.

De acordo com Simone Mariote, vice-presidente para a América Latina da Preferred Hotels, selo global de hotelaria de luxo, a notícia de imunização para viajantes aqueceu as reservas. "A gente tem visto aumentar o número de brasileiros que viajam para o México para fazer quarentena. Muitos acabam trocando de hotel para curtir dois ou três diferentes", conta.

E se o viajante testar positivo ao longo do roteiro?

Strobel, da BWT, ressalta que o passageiro tem de estar ciente da possibilidade de estender a viagem, caso teste positivo para covid-19 em alguma das etapas. "No México, o viajante faz um exame antígeno ou PCR porque os Estados Unidos aceitam os dois. Se a pessoa contraiu a doença lá, tem de ter tempo disponível para seguir de quarentena", diz. "Depois, o passageiro faz o PCR dois dias antes da voltar para o Brasil. Caso dê positivo, precisa prorrogar a viagem."

Quanto custa o pacote para ir aos Estados Unidos em busca de vacina?

"Com 15 dias de hotel no México, sem ser all inclusive, mais cinco dias em Nova York e passagem aérea via Panamá, dá em torno de R\$ 20 mil de preço mínimo", afirma Nedelciu. Segundo o presidente da Braztoa, a maior parte dos brasileiros que vêm embarcando tem alto poder aquisitivo. "São pessoas de mais idade que já se vacinaram e querem vacinar os filhos com 30 anos ou menos. E tem casos extremos, que a gente sabe por operadores, como o de avião fretado para uma família."

Quais outras despesas o viajante deve considerar?

Além do valor do pacote, é preciso levar em conta alimentação, transporte e exames. Se a pessoa testar positivo para covid-19 no exterior, o custo sobe com diárias extras de hotel, refeições e diferenças tarifárias nos trechos aéreos (caso a passagem esteja mais cara na nova data em relação ao voo inicial).

Para esses casos, resorts do México criaram uma oferta para garantir a hospedagem sem custo adicional. "A gente tem hotéis que oferecem ao cliente a garantia de que, se o PCR der positivo, ele tem 14 noites gratuitas, numa ala separada, com todo o conforto e comida incluída", diz Simone, da Preferred.

Em Nova York e na Flórida, onde os viajantes estão sendo vacinados?

Nedelciu, da Braztoa, afirma que passageiros brasileiros já foram imunizados em Nova York em lugares como

Empire State Building, Times Square, Brooklyn e Central Park. "As lojas da Publix e as farmácias da CVS também estão vacinando", diz. Segundo Strobel, da BWT, o pacote da operadora tem Miami como destino, onde um funcionário recebe o viajante no aeroporto. "Ele leva o passageiro até a farmácia para tomar a vacina. O agendamento é feito pelo site."

De acordo com Simone, da Preferred, os empreendimentos de Miami estão fazendo campanhas voltadas para os viajantes latinos. "Eu estive na semana passada num hotel com shuttle para o Aventura Mall, onde os estrangeiros podem tomar vacina. Eles estão realmente promovendo o turismo da vacina, e o resultado tem sido bem promissor. A gente está com bastante solicitação para Miami e Nova York também. É uma tendência e, se a fronteira americana finalmente abrir no meio do ano, a gente vai ter um número considerável de brasileiros viajando para se vacinar", afirma.

O viajante com certeza consegue ser imunizado?

Nedelciu e Strobel ressaltam que não há garantia. "Busquei informação sobre a vacina em Nova York, mas não consegui identificar como está sendo esse procedimento", diz Jessé Reis Alves, médico do Ambulatório de Medicina do Viajante do Hospital Emílio Ribas. "Lá, é a vacina da Janssen, que tem efetividade atribuída não tão alta quanto a da Pfizer e da Moderna, mas tem a vantagem de ser de dose única. Entretanto, não achei nada que informasse definitivamente se esse indivíduo vai ser vacinado."

Por que há críticas ao turismo de vacina?

Assim como o passaporte de vacina (possível exigência de comprovação de imunização para entrar em alguns países, como os da União Europeia), o turismo da vacina recebe críticas pela questão ética. "É complexo, é um tema que precisa ter uma abordagem múltipla. Eu sou bastante favorável à publicação da OMS (Organização Mundial da Saúde), que faz uma análise ética e científica", afirma Alves. "Aqueles pessoas que têm dinheiro conseguem se vacinar antes da própria população do local. Você gera algum tipo de privilégio num momento de pandemia, em que isso realmente não poderia ocorrer", diz o infectologista.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

O papel da educação na conscientização ambiental

Na escola e em casa, informações, conversas e exemplos têm influência determinante na formação do cidadão consciente

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Assim como uma planta precisa de um ambiente propício para se desenvolver, a consciência ambiental necessita de uma base educativa para estar arraigada no dia a dia do cidadão. Essa experiência ecológica, o guia de turismo Walter dos Santos Correia desenvolveu desde cedo. Atento às fábulas infantis como a do Sítio do Pica-pau Amarelo, que trazia personagens do Reino animal e vegetal, ele ficou encantado com a biodiversidade do planeta. Hoje, pode-se dizer que um de seus lemas é o respeito ao verde.

O guia de turismo trabalha na Barra de Gramame, um dos belos locais de visitação do Litoral Sul de João Pessoa. O contato com a natureza é um convite a mais para ele manter-se conectado com ações ecológicas. Ao falar da praia onde trabalha, Walter lembra que o lugar tem uma rica biodiversidade e que, por isso, precisa de respeito por parte da população. "Tento associar meu trabalho com a questão da preservação. Sempre digo aos meus clientes que é possível aproveitar as belezas do lugar, respeitando a natureza. Preservar é uma maneira inteligente de se viver", ressaltou.

O exemplo dele já é passado para outra geração. "Minha filha pequena está acostumada a me ver pegando plástico e papel do chão e colocando no lugar correto. Então, ela faz a mesma coisa. As nossas atitudes são influenciadoras. Todos em minha casa já são defensores da natureza", frisou.

Mas as atitudes sustentáveis de Walter não surgiram repentinamente. Pelo contrário, foram construídas desde a infância, num processo educativo estimulado pelas leituras de livros infantis e as histórias de suas avós, que costumavam contar lendas indígenas e da cultura popular, envolvendo o lado lúdico da natureza, como a da "Mãe D'água".

O professor Williams Guimarães, geógrafo e presidente do Grupo Amigos da Barreira - (GAB), afirmou que é de suma importância receber, ainda criança, nas escolas e em casa, informações sobre a conservação do meio ambiente. Ele declarou que o aumento demográfico da população global, associado às constantes crises ambientais e à exploração dos recursos naturais, deve ser levado em consideração para conscientizar as pessoas sobre a preservação do meio ambiente.

"Partindo desse pressuposto, justifica-se que a educação ambiental nas escolas de Ensino Fundamental torna-se ainda mais importante, como espaço educativo, colaborativo e de formação de valores, pois um investimento desse nível prepara a próxima geração para se ter uma consciência mais saudável em termos ambientais", frisou Guimarães.



Foto: Divulgação

O Projeto Praia Limpa, da Sudema, leva aos banhistas a discussão sobre o descarte correto dos resíduos e tem mostrado efeitos positivos



O guia de turismo, Walter dos Santos, dá o exemplo em casa - onde já é seguido pela filha pequena - com atitudes que mostram respeito à natureza. Já na casa de Liana Lima, pequenas mudanças na rotina de casa fazem a diferença: sacola sustentável para as compras e separação correta do lixo no dia a dia



Escola deve abrir debate

O técnico da Coordenadoria de Educação Ambiental da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Felipe Medeiros, explicou que as relações proximais vivenciadas no âmbito da escola são fundamentais para que as crianças adquiram habilidades socioemocionais, facilitando a adaptação do indivíduo em diferentes contextos, assim como proveniente dos estímulos necessários à sua integração e sensibilização em relação a diferentes temáticas contempladas no processo formativo.

Felipe Medeiros ressaltou, porém, que as estratégias voltadas à preservação dos recursos naturais, bem como a outros aspectos constituintes da formação do exercício da cidadania, sejam pautadas por um estilo democrático, integrador, que busque engajar as crianças em práticas e reflexões ligadas à temática trabalhada. E, por mais que haja monitoramento, deve-se deixar "espaço para a comunicação, a compreensão, a criatividade, o estímulo à expressão e, por fim, a aceitação do tempo de cada criança na assimilação dos conteúdos".

Sudema aposta em campanhas

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) é um dos órgãos na Paraíba que realizam ações educativas voltadas à conservação do meio ambiente. Por meio da Coordenadoria de Educação, oferece ao público palestras, oficinas, atividades lúdicas, capacitações, entre outras atividades.

De acordo com Felipe Medeiros, esse trabalho vem apresentando resultado, na medida em que se observa uma adesão positiva da população quando se comparam situações do presente com as do passado. "As pessoas, muitas vezes, tomam a iniciativa de dialogar com nossa equipe de Educação Ambiental, demonstrando consonância com a promoção de valores sustentáveis; ainda é possível verificar em ações in loco o cuidado, cada vez maior, com o descarte correto de resíduos em locais públicos", contou Felipe.

Ele também citou que é perceptível a procura de atores educacionais e líderes comunitários por capacitação dos seus públicos em torno de questões ambientais. Durante as palestras promovidas pela Sudema, as crianças apresentam conhecimentos prévios surpreendentes se comparado com o exame dos anos anteriores registrados nos relatórios diagnósticos do órgão. Uma das atividades educativas da Sudema é a Campanha Praia Limpa, que tenta conscientizar os comerciantes e banhistas das praias paraibanas a descartarem corretamente o óleo de cozinha e também manterem a orla limpa.

+ Pequenas mudanças no cotidiano

A funcionária pública Liana Lima separa em casa o lixo reciclável do orgânico, adota sacola sustentável nas compras do supermercado e já tem planos de adquirir uma composteira para aproveitar o chorume do lixo orgânico nas plantas que cultiva. Uma das preocupações dela é evitar o máximo possível o uso do plástico.

"Optei pela sacola sustentável no supermercado para evitar sacolas plásticas, porém, ainda busco um substituto do plástico para usar nas lixeiras de casa. Estou procurando fazer essa transição, e pesquisei sobre compra de sacolas de papelão na internet, mas ainda não executei essa ação", afirmou.

Ela contou que levou um tempo para se adequar a esse comportamento mais ecológico,

mas confessou que tem pensado mais em medidas para reduzir o impacto no meio ambiente. A base para a consciência ambiental foi iniciada na formação universitária, quando Liana estudou uma disciplina sobre Gestão Ambiental. "A gente via medidas que as empresas poderiam adotar para ajudar o meio ambiente e fazer o descarte correto dos materiais, então, resolvi começar essas medidas também em casa", disse. Ela ainda lê matérias nos veículos de comunicação sobre o impacto do plástico e do lixo produzido no planeta.

Liana revelou que já escutou pessoas falando que essas ações são pequenas e não surtem muito efeito, uma vez que o maior impacto ao meio ambiente é causado pelas grandes empresas.

Mesmo assim, ela não desiste de pôr em prática o que aprendeu. "Creio que a partir daquilo que vamos aprendendo, nos sentimos impulsionados a fazer algo que ajude o meio ambiente, mesmo que isso pareça pouco, estatisticamente".

Segundo o professor e geógrafo Williams Guimarães, a participação do cidadão é fundamental na melhoria e conservação do planeta, principalmente, para as gerações futuras. Ele destacou que a atuação de cada um pode, às vezes, parecer, insignificante se considerarmos um âmbito global. "Todavia, se todos se conscientizarem no tocante aos níveis de consumo de produtos, energia, entre muitos outros temas, os resultados serão consideravelmente admiráveis".



Abandono histórico no Centro de João Pessoa

Muitas construções tombadas vão se deteriorando com a falta de conservação por parte dos seus proprietários

Carol Cassoli
Especial para A União

Basta uma caminhada pelo Centro Histórico da capital paraibana para que olhos mais atentos percebam a falta de cuidado que cerca a parte privada deste espaço. Tombadas, as construções foram divididas entre as que estão sob a tutela dos governantes e as que são responsabilidade de senhorio particular. De um lado, destacam-se os prédios revitalizados, representando os espaços que recebem atenção do público e do governo também. E de outro, grande parte encontra-se fadada ao esquecimento; abrigando moradores de rua, flanelinhas e animais desamparados.

O abandono é fruto do descaso dos donos e do desenvolvimento da cidade que, em 435 anos, se expandiu em todas as direções e, aos poucos, se esqueceu de seu berço: o centro da antiga Parahyba. Segundo o IBGE, a população da capital cresceu mais de 250% nos últimos 50 anos, ocupando as áreas que, outrora, compunham o espaço rural pessoense e colaborando para que a parcela histórica da cidade se resumisse a nada além de memórias

Em 1970, existiam 228 mil pessoas distribuídas pela capital, já em 2019, de acordo com o IBGE, este número havia triplicado, demonstrando

o aumento populacional de João Pessoa e, conseqüentemente, a necessidade de ampliação da cidade. Assim, a população, envolvida na pressão da rotina, já não nota mais a quase invisível presença das estruturas coloniais que, aos poucos, foram se embotando pela ausência de preservação.

O historiador Gilmário Kassandro destaca que diferente de outras cidades, como Recife ou São Paulo, que nasceram como vilas, João Pessoa já foi fundada como cidade; o que a classifica como terceira cidade mais antiga do Brasil. Por isso, o Centro Histórico da capital tem grande relevância na condensação da história local. "A gente precisa ter essa preocupação de mostrar a relevância na busca dessa identidade cultural, fundamental para nós, pois nos traz o sentimento de pertencimento e identificação", o historiador lembra que preservar o patrimônio histórico e arquitetônico é manter viva a história da cidade.

Gilmário Kassandro explica que é necessário que a população não se esqueça destes espaços e os preserve porque é neles que mora parte da identidade histórica da capital (e de todo o estado também): "É importante despertar a população para essa questão da preservação com base na conscientização coletiva e da ideia de pertencimento", afirma.



Mesmo com a fachada original mantida devido ao seu valor histórico, muitas construções se deterioram devido à ação do tempo



Vida continua por entre portas e janelas emparedadas na cidade antiga

Nas ruas mais movimentadas, como a General Osório, os prédios - mesmo sem tanta manutenção - apontam para a vida. É ali que os lojistas que ocupam os edifícios (hoje comerciais) preservam, minimamente, as estruturas centenárias. As fachadas, por lei, continuam as mesmas (embora tenham cores e iluminações distintas) e, às vezes, ao entrar em uma loja ou lanchonete, percebe-se um interior completamente reformado: efeito de uma reformulação para trazer à estética antiga ares de modernidade. Nestes locais, o centro - ainda histórico - pulsa os dias e noites pessoenses e recebe visitantes de todos os tipos à procura de diversão.

Já nas ruas paralelas, dezenas de construções escondem-se entre cupinzeiros, plantas rasteiras e hóspedes não convidados que, aos poucos,

tomam-se moradores de uma casa sem dono; mas com proprietário. São prédios que guardam as mais diversas histórias enclausuradas entre portas, janelas e camadas de cimento que buscam, falhamente, evitar a propagação de novas histórias ali. A situação reflete o abandono desses ambientes que, em outros tempos, eram diferentes; mais bem cuidados.

Foi assim com, por exemplo, o Hotel Tropicana. O local que, em tempos remotos, foi referência na cidade, funcionou como hotel e órgão público. Hoje, no entanto, guarda (sob cadeados e paredes sobre portas) matagais, gatos abandonados e pichações.

Ao contrário do Hotel Tropicana, entretanto, existem inúmeros espaços preenchidos por pessoas tão invisíveis quanto suas hospedarias. Em frente à Praça Dom Adauto, vive Emer-

son Justino, um flanelinha de 48 anos que, aos 46, decidiu invadir o que não é seu. "Não é meu, mas também não é dos outros, né? Acho que assim nem faz diferença", explica.

O morador aponta, do meio da rua, para uma das várias construções esquecidas. Emerson habita uma delas desde que foi abandonado pela esposa em Sapé, há aproximadamente dois anos. A casa, sem muito esmero, se apresenta a partir de um amontoado de plantas que, com o tempo, cobriram a frente do imóvel. "Faz uns dois anos que a mulher foi embora, levou os moleques junto e eu não quis mais saber de nada. Saí por aí e um dia vou bater no Rio de Janeiro", diz. O flanelinha conta que vagueia pelas ruas da cidade vigiando os carros alheios e, com os trocados que junta, pretende

viajar para o Sudeste; a ideia é deixar João Pessoa, viajar para Minas Gerais e depois ir a São Paulo ou ao Rio de Janeiro.

Assim como o flanelinha, dezenas de outras pessoas - acompanhadas de suas famílias ou não - habitam discretamente vários dos prédios antigos negligenciados por seus proprietários. É possível encontrar crianças, adultos e idosos reunidos em frente às casas antes do anoitecer, parte deles voltando das ruas onde pedem dinheiro, comida ou barganham algum serviço em troca de algumas moedas.

Tombamento

Na Paraíba, o tombamento é uma ação de efeito administrativo realizada pelo poder público através da Secretaria de Cultura por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

(Iphaep) com o objetivo de preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico e ambiental, a fim de proteger a identidade da população. Impedindo, assim, a destruição ou descaracterização de imóveis tombados - é por isso que na General Osório, por exemplo, as fachadas continuam intactas mesmo com a reformulação dos espaços interiores.

Com relação à situação evidenciada nas construções históricas privadas de João Pessoa, o Iphaep informa que é responsável pela restauração de todos os imóveis públicos. Apesar disso, o órgão realiza o acompanhamento dos edifícios privados e informa os responsáveis sobre a necessidade de conservação destes espaços; a partir da notificação, cabe aos proprietários de cada prédio cumprir com a proteção deles.

Teste do pezinho identificará precocemente até 50 doenças

Exame é feito com gotas de sangue do calcanhar do recém-nascido; rede pública da Paraíba realiza, anualmente, 38 mil testes

Carol Cassoli
Especial para A União

Parte da Campanha Junho Lilás - que busca conscientizar a população sobre a importância da realização dos primeiros exames preventivos de recém-nascidos - o Dia Nacional do Teste do Pezinho 2021 busca lembrar aos pais que, mesmo com a pandemia, é necessário cumprir o calendário de exames neonatais dos bebês. Na Paraíba, de acordo com a Secretaria de Estado da Saúde, a rede pública de saúde oferece atendimento a mais de 38 mil bebês anualmente. Atualmente, no estado, o exame identifica até 10

doenças, mas em breve permitirá o diagnóstico de 50 doenças.

A Triagem Neonatal, popularmente conhecida como teste do pezinho, faz parte da bateria de exames pela qual todo bebê passa ao nascer e é considerada uma das etapas mais importantes para a saúde das crianças. Muitos pais não imaginam, mas esta picadinha é capaz de identificar diversas doenças e facilitar o tratamento de grande parte delas, podendo até mesmo extinguir as sequelas que seriam deixadas sem o diagnóstico precoce. Isto porque é neste exame que os médicos são capazes de detectar algumas anomalias congênicas (doenças que o bebê já possui

ao nascer) responsáveis por afetar o desenvolvimento do recém-nascido.

De acordo com o pediatra Fabiano Alexandria, o teste do pezinho nada mais é que um exame preventivo: "A triagem neonatal é, sem sombra de dúvidas, a forma mais eficaz de se detectar precocemente afecções subclínicas e erros inatos do metabolismo, que podem causar sequelas irreparáveis no desenvolvimento neuropsicomotor da criança caso não sejam tratados em tempo hábil", explica.

O teste do pezinho leva este nome devido ao seu método de coleta, feito por meio de gotas de sangue do calcanhar do bebê. Através da identificação precoce de doenças meta-

bólicas, genéticas e infecciosas (que podem levar à deficiência mental, por exemplo) é possível que os médicos ajam dando início ao recurso terapêutico e proporcionem desenvolvimento físico e mental mais saudável. Por isso, a recomendação é que o teste do pezinho seja realizado entre o terceiro e o quinto dia de vida da criança e que não ultrapasse o primeiro mês; pois, a eficácia da terapia aumenta quanto antes for iniciada.

Os médicos optam pelo pé do bebê, pois esta é a região do corpo que oferece menos riscos à criança. Além disso, os pés são um local com alta vascularização e de fácil acesso, o que torna a realização do exame mais fácil.

///A triagem neonatal é, sem sombra de dúvidas, a forma mais eficaz de se detectar precocemente afecções subclínicas e erros inatos do metabolismo, que podem causar sequelas irreparáveis no desenvolvimento neuropsicomotor da criança caso não sejam tratados em tempo hábil. ///

Mudança pode antecipar diagnósticos e evitar sequelas irreversíveis

"A triagem é necessária uma vez que muitas crianças nascem sem sintoma algum e, quando se manifestam, tem um diagnóstico difícil atrasando o tratamento causando sequelas irreversíveis", observa Fabiano Alexandria. A pediatra Eugênia Monteiro destaca, ainda, que o teste leva a abordagens específicas para cada caso, já que qualquer pessoa pode ter um filho com doenças congênicas (mesmo que não existam históricos familiares).

É o caso de Vivian Carulla que, ao realizar o teste da orelhinha - parte da Triagem Neonatal - em seu filho Rafael Carulla, descobriu a surdez de um dos ouvidos do bebê. "O teste da orelhinha foi feito no período normal e foi por meio dele que descobrimos a surdez do meu filho", Vivian destaca que os exames do filho foram realizados dentro do prazo recomendado pelos especialistas. Hoje, Rafael vive bem e está integrado ao mundo de tal modo que, se o exame não tivesse sido realizado, talvez não estaria.

O caso do pequeno Rafael abriu os olhos da família para a dimensão que os testes neonatais podem atingir e, com isso, Gabriel, o irmão mais velho de Rafael, passou a valorizar os exames e levou sua filha, a Lara Sophia, de 8 meses, para passar pela triagem Neonatal assim que a pequena pôde passar pelo processo.

De acordo com o médico Fabiano Alexandria, é necessário que a mãe se cerque de bons profissionais ainda durante a gestação: "É importante salientar a necessidade de se orientar um bom pré-natal para as gestantes e treinar continuamente os profissionais

de saúde em relação às atualizações dos protocolos do PNTN (Plano Nacional de Triagem Neonatal)."

Ampliação da abrangência

O teste existe, no Brasil, desde a década de 70 do século passado - quando mapeava apenas duas doenças -, mas só teve sua importância reconhecida e se tornou obrigatório em 1992, com a garantia do rastreamento de seis doenças. Hoje, no entanto, já existem versões ampliadas do exame que permitem a identificação de outros problemas congênicos e levaram, no fim de maio deste ano, à sanção da lei que amplia a quantidade de grupos de doenças observadas no exame. A partir disso, o teste feito no Sistema Único de Saúde (SUS) passará a verificar a existência de 50 doenças no bebê.

Teste ampliado na PB

Atualmente o teste oferecido pelo SUS cobre apenas as seis principais doenças mapeadas pelo exame, como síndromes falciformes e hipotireoidismo congênito. Na Paraíba, no entanto, a rede pública realiza, desde 2019, o teste do pezinho ampliado; uma versão realizada no ato da alta hospitalar que detecta até 10 doenças e disponibiliza os resultados em até duas semanas. Para realizar o teste, é necessário que o bebê já possua registro e cadastro no SUS.

Onde encontrar?

Em todo o estado são oferecidos anualmente, através da SES, 229.146 exames neonatais. A pediatra Eugênia Montenegro explica que caso o recém-nascido seja triado para alguma das doenças, o acompanhamento é oferecido de maneira integral e gratuita pelo SUS. "Em nosso estado, este segmento ocorre no Complexo de Pediatria do Hospital Arlinda Marques e Hemocentro da Paraíba, por uma equipe composta por médicos, assistentes sociais, nutricionista, bioquímica, psicóloga, a depender da desordem encontrada", complementa. Na capital, o teste do pezinho é ofertado pela rede pública no ambulatório da Maternidade Frei Damião, no Hospital Universitário Lauro Wanderley, no Hospital Edson Ramalho e no Instituto Cândida Vargas. "A família deve procurar o Posto de Coleta do Teste do Pezinho do seu município ou retornar à maternidade de origem, caso o teste seja realizado na unidade onde nasceu o bebê", finaliza a pediatra.

Serviços de referência da Triagem Neonatal na Paraíba

- Área Técnica da Saúde da Criança: Triagem Neonatal Biológica na Paraíba;
- Banco de Leite Humano Anita Cabral: capacitação dos profissionais dos Postos de Coleta do Teste do Pezinho dos municípios;
- Lacen-PB: serviço laboratorial e resultado dos exames de triagem;
- Complexo de Pediatria Arlinda Marques: serviço de referência para o segmento clínico e tratamento das doenças;
- Hemocentro: serviço de tratamento das hemoglobinopatias.

Obrigatório

O teste do pezinho existe no Brasil desde a década de 70 do século passado, mas passou a ser obrigatório em 1992.

São mapeadas pelo teste do pezinho doenças como síndromes falciformes e hipotireoidismo congênito



Paraíba e a história do cultivo do 'ouro branco'

Produção algodoeira do estado chegou a 255 toneladas no ano passado, crescimento de 102% em relação à safra anterior

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Muito antes de ficar conhecida internacionalmente pelo algodão colorido naturalmente, uma marca registrada do estado, a Paraíba já foi a maior produtora de algodão do Brasil e a região que mais exportou a matéria-prima para o mundo. Apesar dos ciclos de baixa, das crises, como a praga do bicudo no século XX, a Paraíba segue sua tradição algodoeira e, segundo dados da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), em 2020, a produção foi de 255 toneladas, um aumento de 102% em relação à safra do ano anterior.

O historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello rebate uma assertiva histórica quando se trata da produção agrícola na constituição do nosso estado. "Fala-se muito no açúcar, mas a Paraíba não é um estado açucareiro, a Paraíba foi muito mais um estado algodoeiro. O que deu impulso à economia daqui, inclusive ocasionando a rede de transporte, obras contra a seca, foi o algodão", constata.

A força do algodão no estado é comprovada em números. No início do século XX, mais precisamente em 1916, a Paraíba produzia 20,6 mil toneladas, segundo dados coletados à época pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Liderava com folga a produção do algodão entre os estados brasileiros, superando potências econômicas como São Paulo e estados vizinhos como Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

A força da produção algodoeira na Paraíba, no entanto, não tem início no século XX. Muitos anos antes, ainda na época do Império, em meados do século XVIII, nas regiões do Sertão e da Borborema. As plantações de algodão se espalharam pelo interior porque na região litorânea do estado predominava no período a plantação de cana-de-açúcar. À medida que a produção pecuária avançava para o interior, tendo em vista que o estado tinha o costume da criação do gado livre, solto no pasto, ia sendo aberto espaço para o algodão.

A ocupação do interior paraibano, ocasionado pelas missões jesuíticas e o comércio tropeiro também ajudou a consolidação da produção algodoeira, porque começaram a se formar vilas e comunidades nos sertões do estado. Porém, ainda no fim do Séc. XVIII, os principais produtos da economia paraibana tipo exportação eram o couro e carne bovina, com o algodão presente, mas sem protagonismo.

+ Guerras pelo mundo favorecem agricultores paraibanos

A força do que viria a se tornar "ouro branco" vem no século seguinte. Somente no século XIX, a partir de 1808, com a abertura dos portos brasileiros e também pelos conflitos causados pelas guerras napoleônicas na Europa, que afetaram as colônias dos países envolvidos no conflito, o algodão brasileiro, sobretudo o paraibano, começou a ser enviado para o exterior, principalmente a Inglaterra.

José Octávio cita, porém, que outra guerra foi mais significativa para aumentar o escoamento da produção algodoeira da Paraíba: A Guerra de Secessão nos Estados Unidos da América, ocorrida entre 1861 e 1865. Ela impactou o plantio do algodão, abrindo espaço no mercado internacional para o algodão do Império do Brasil. "Há um impulso muito grande na produção do algodão paraibano após a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, que interrompeu a exportação do algodão deles, principalmente para abastecer a indústria têxtil inglesa", lembra o historiador.

Mesmo após a guerra findar nos EUA, o algodão tipo exportação da Paraíba já tinha conquistado uma fatia importante do mercado internacional. Tanto que até o início do século XX, a economia estadual dependia da produção algodoeira. De forma que, as principais oligarquias paraibanas constituíam seus poderes em cima da produção do algodão.

Uma dessas oligarquias, da família Pessoa, passou a comandar o estado no início do século XX, primeiramente com Epitácio Pessoa, e depois, com seu sobrinho, João Pessoa. Naquele momento, a produção do algodão no Agreste, em Campina Grande, principalmente, seguia em sua maioria pela ferrovia conectada ao porto do Recife, enquanto no Sertão, o algodão partia rumo ao Rio Grande do Norte e ao Ceará.

Rotas alternativas

As rotas alternativas impunham um problema ao estado. O escoamento para estados vizinhos tiravam

impostos e produção de renda na Paraíba, sobretudo no Porto de Cabedelo. José Octávio de Arruda Mello comenta que a animosidade entre as oligarquias do interior e o presidente João Pessoa nascem justamente das ações políticas implementadas pelo gestor público para evitar a "fuga" de riquezas do estado. "A rede ferroviária paraibana fica toda ramificada, toda seccionada. Uma parte se encaminha para o Recife, a grande maioria. A parte do Brejo vai para Natal. A região de Sousa leva para Mossoró. E o Alto Sertão vai para Fortaleza. O governo de João Pessoa vem justamente para tentar resolver essa situação, a partir da questão das alíquotas, e aí vem o choque de João Pessoa com os coronéis, tendo a frente 'Zé Pereira'. Os coronéis não pagavam impostos com a exportação do algodão, porque o faziam através dessas rotas que não levavam para o Porto de Cabedelo", explica.

Mesmo no centro das disputas políticas, sofrendo com a baixa industrialização da produção e com a sazonalidade das secas, o algodão seguiu como o principal produto de exportação do estado. O investimento estrangeiro e a necessidade de se manter competitivo no mercado internacional pautou a industrialização da produção do algodão no estado, ainda que até a década de 1930, fosse essencialmente rudimentar. Porém, o golpe de misericórdia que fez o "ouro branco" paraibano desvalorizar viria na segunda metade do século XX por dois motivos principais: um pela natural e outro pela questão política.

Paga do Bicudo

Em meados de 1980, os plantadores de algodão do estado sofreram com a praga do bicudo, um besouro originário da América Central, que surgiu em condições inexplicadas e devastou plantações. Na mesma época, durante a ditadura civil-militar instaurada em 1964, houve o lançamento por parte dos militares do programa de incentivo à produção de álcool, o Proálcool. O programa federal acabou mudando o cenário agrícola do estado, fazendo com que muitos produtores de algodão retornassem ao cultivo da cana-de-açúcar. "Apesar do declínio do algodão como

principal produto de exportação do estado, sua importância para o desenvolvimento econômico é inestimável. Tanto que o algodão, assim como a cana-de-açúcar, está presente no brasão da Paraíba, institucionalizado por Castro Pinto no início do século XX", comenta o historiador José Octávio de Arruda Mello.

O algodão segue contribuindo para as riquezas do estado. Dados da Empaer mostram que em três anos, a produção do algodão branco orgânico quase quintuplicou, saltando de 52,8 toneladas em 2018 para 255,5 toneladas em 2020. A expectativa para a safra de 2021 é de, pelo menos, manter a média do ano anterior a depender do inverno paraibano. "Temos municípios com uma precipitação pluviométrica muito alta, temos outros do lado que não choveu. Além da questão da normalidade das chuvas, vamos ter uma excelente produção, tendo em vista a qualificação dos nossos agricultores", previu Nivaldo Magalhães, superintendente da Empaer.

"Ouro branco" ganha cor e força

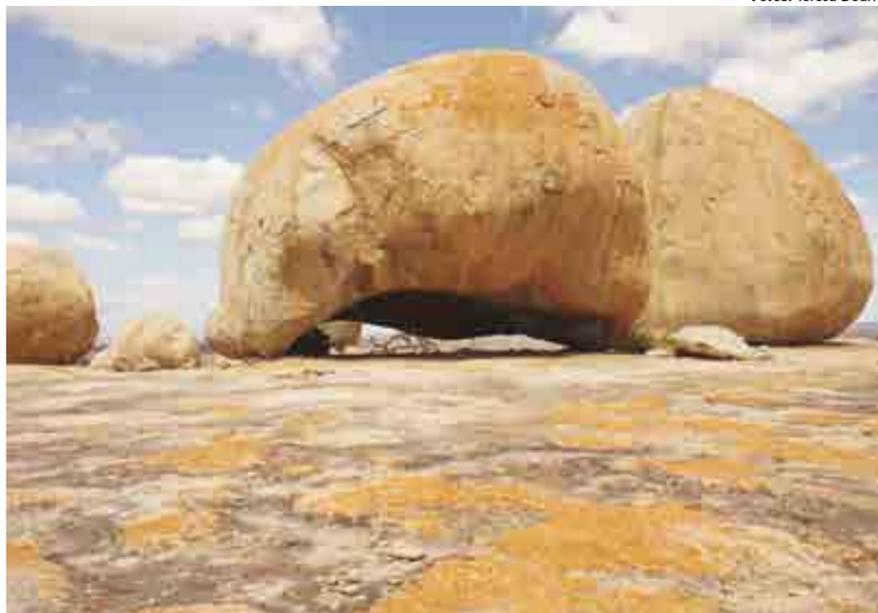
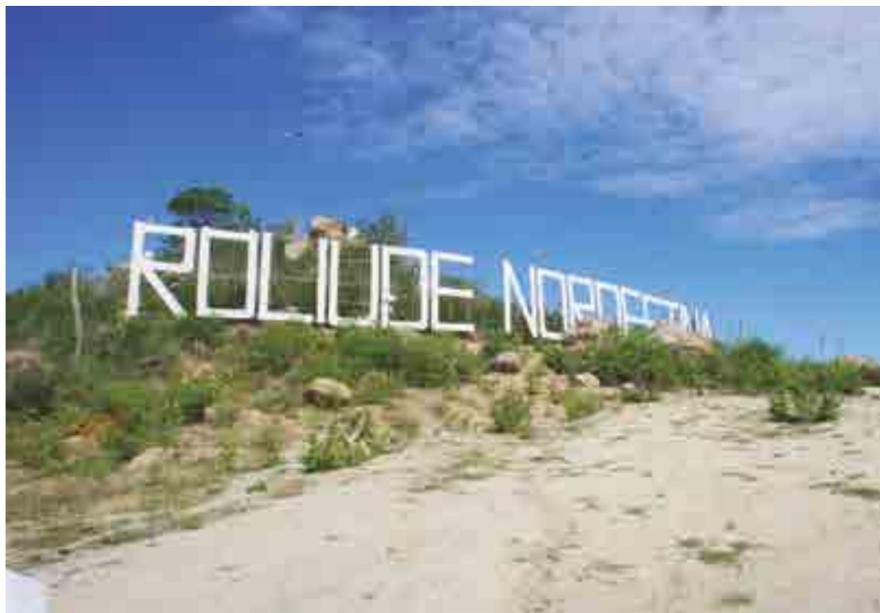
Na mesma época do declínio da produção algodoeira na Paraíba, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) desenvolveu pesquisas e conseguiu chegar a uma nova semente de algodão, uma que deixava a matéria-prima colorida naturalmente e o melhor, muito mais resistente às pragas provocadas pelo bicudo e à estiagem. Nascia em meados de 1970, o algodão colorido da Paraíba, que não nasceu originalmente no estado, mas que se popularizou nessa terra.

Desde então, o algodão colorido, em variações de tom marrom, se tornou uma matéria-prima muito buscada pelos estilistas, fazendo com que as roupas feitas com a sua fibra fossem vendidas em todo o mundo. Cidades paraibanas que já tinham um histórico na cultura do algodão, como Patos, Monteiro e Campina Grande assumem o posto de principais produtores da nova cultura algodoeira.

Segundo dados da Empaer, a safra do algodão colorido orgânico mais que dobrou entre 2019 e 2020, passando de 24,2 toneladas para 58,8 toneladas, um crescimento de 142% em um ano.



Produção algodoeira sempre teve uma grande participação na economia paraibana, mesmo após a praga do bicudo na década de 80



Localizada a 180 quilômetros de João Pessoa, a cidade de Cabaceiras é conhecida como a 'Roliúde Nordestina' por servir de cenário para gravação de vários filmes e também pela beleza natural e mística do Lajedo de Pai

Cabaceiras, onde o bode reina junto com o cinema e o turismo

Caprinocultura, Festa do Bode Rei, Lajedo de Pai Mateus e um centro histórico bem preservado são atrações da cidade

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

Num estado em que cidade já foi república, ter uma que é reino não seria incomum. Cabaceiras, cidade de quase 6 mil habitantes a 180 quilômetros de João Pessoa, é conhecida nacionalmente como a terra onde o bode é rei. E ao menos na cidade do Cariri paraibano, ainda que de brincadeira, toda majestade é justa. A caprinocultura do município é responsável por uma grande cadeia produtiva que vai desde a gastronomia, passando pelo beneficiamento do leite e fabricação de queijos finos, até a produção de artesanato em couro.

Tamanha é a força do setor na cultura local que há mais de 20 anos é realizada a Festa do Bode Rei, que agrega a outra força econômica do município: o turismo rural. Para além da ação do homem, Cabaceiras foi agraciada pela ação da natureza. A cidade de cerca de 400 km² é a casa do Lajedo de Pai Ma-

teus, uma elevação rochosa com 1,5 km² com mais de 40 pedras arredondadas, lapidadas ao longo de milhões de anos, como se tivessem sido colocadas por ação divina. De tão especial, o cenário foi usado em inúmeras produções cinematográficas.

O prefeito de Cabaceiras, Tiago Castro, explica que a caprinocultura e o turismo são fundamentais no desenvolvimento econômico do município. Ele destaca que uma parte considerável dos empregos e das riquezas produzidas na cidade estão ligadas direta ou indiretamente às duas atividades.

"A caprinocultura é um setor muito forte, principalmente na parte leiteira. Temos uma usina de beneficiamento de leite de cabra, que produz mais de 120 mil litros de leite por dia. Também temos os queijos produzidos com leite de cabra, que são queijos finos, são itens muito importantes na cadeia produtiva da cidade", ressalta o prefeito.



Indústria cinematográfica impacta a economia

A paisagem cabaceirense foi cenário para clássicos como "O Auto da Compadecida" do cineasta Guel Arraes e "Cinema, Aspirinas e Urubu" do cineasta Marcelo Gomes, mas também de produções recentes, como o longa-metragem "Por Trás do Céu", gravado em grande parte do Lajedo de Pai Mateus pelo diretor Caio Sóh, e também a série da Rede Globo, "Onde Nascem os Fortes", que conta com o paraibano Walter Carvalho entre os diretores.

Tiago Castro, prefeito de Cabaceiras, relatou que o município está em vias de realizar

um estudo para dimensionar o impacto do turismo no emprego e na renda da cidade. Recentemente, a gestão local realizou uma pesquisa feita em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) a respeito do volume de recursos movimentado pelo distrito de Ribeira, polo de beneficiamento e produção de peças em couro que funciona a 18 quilômetro do centro de Cabaceiras.

"Sabemos da importância do turismo para nossa cidade, mas não temos um dado consolidado, como temos, por exemplo, da produção do artesanato em

couro. O turismo é um setor extremamente importante no município, empregando muitas pessoas. Hotéis, pousadas, guias turísticos, todos são impactados por essa atividade, mas não temos ainda uma informação precisa. Iremos muito em breve fazer uma pesquisa semelhante para termos um dado consolidado", adiantou o gestor municipal.

Na força de sua majestade, o bode, onde tudo dela se aproveita, na paisagem semiárida esculpida pelo tempo, quase 300 anos depois de sua fundação Cabaceiras assume o papel de protagonista no turismo rural

Principal evento da cidade ganha versão on-line

A pandemia da covid-19 refletiu na suspensão de grandes eventos culturais para que os poderes públicos instalassem as necessárias medidas de isolamento social. Por conta do coronavírus, a Festa do Bode Rei, realizada sempre no dia 4 de junho, data da emancipação política de Cabaceiras, não foi realizada em 2020. Porém, para 2021, a gestão municipal preparou uma festa virtual em homenagem ao animal que tanta riqueza gera na cidade.

A gestora do turismo de Cabaceiras, Mércia Farias, juntamente com o prefeito Tiago Castro, lançaram no dia 26 de junho, de forma inédita, a Festa do Bode Rei virtual, inteiramente pela internet. A gestora explica que, por conta da pandemia, o evento que atrai dezenas de milhares de turistas não pode ser realizado

presencial, mas que a alternativa de trazer a festa para a internet é uma forma de movimentar o comércio local e não deixar a memória cultural do município padecer pela covid-19.

"Foi desenvolvida uma plataforma, um site, e nesse espaço foram alocados os produtos locais, como o artesanato e os animais. Quem tiver interesse pode acessar o site festadobodere.com.br e fazer a compra. Lá também vai ter informações sobre a festa, sobre Cabaceiras, sobre nossos atrativos turísticos", explica Mércia Farias. Ela acrescentou: "Neste espaço vai ter também algo inovador para nossa região, que é um tour 360° pela cidade, dando a oportunidade para qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo conhecer um pouco mais de Cabaceiras. A iniciativa é uma forma de conectar o mundo

todo com Cabaceiras e com a Festa do Bode Rei".

Além da plataforma on-line com os produtos ligados à cultura da cidade e da festa dedicada ao bode, a prefeitura de Cabaceiras decidiu promover no último sábado (5), uma transmissão ao vivo de 12 horas, com grande parte da programação da Festa do Bode Rei. A iniciativa tinha o objetivo de fazer com que o público do evento não ficasse carente por mais um ano.

"Preparamos a live para interagir com o público, trazendo um pouco da essência do que é a festa, trazendo competições, gincanas, eleição do bode rei, da garota bode rei. Essa interação foi uma forma de deixar a festa viva, de matar um pouco da saudade, até que as coisas voltem ao normal", concluiu a gestora.

Cidade estruturada

O turismo é outro ponto destacado por Tiago Castro, acrescentando que a cidade dispõe de vários equipamentos que dão suporte aos turistas, principalmente na parte de hotéis e pousadas. "A cidade de Cabaceiras recebe pessoas do mundo inteiro por causa do Lajedo de Pai Mateus, que é muito visitado em qualquer época do ano. O Centro Histórico de Cabaceiras que é muito bem visitado, o Memorial Cinematográfico, realizamos a festa do Bode Rei, que é um outro ponto alto do turismo de Cabaceiras", detalha o prefeito.

O impacto do turismo em Cabaceiras pode ser visto na cobertura hoteleira. A cidade conta com 379 leitos entre hotel e pousadas. São três pousadas da cidade, que juntas oferecem 173 leitos e o Hotel Fazenda Lajedo de Pai Mateus. Uma alternativa para quem deseja se hospedar na cidade durante os festejos é o aluguel de domicílios.

A procura de Cabaceiras como destino de viagem não se deve apenas à festa do Bode Rei, que anualmente, antes da pandemia, reunia cerca de 60 mil pessoas ao longo dos dias de programação, mas também pela relação que a cidade tem com as produções audiovisuais, a ponto de ser chamada de "Roliúde Nordestina". Foram mais de 30 filmes, séries e novelas gravadas na cidade. O mercado cinematográfico também ajuda na economia local, seja diretamente, empregando moradores, seja mostrando as belezas naturais e as riquezas históricas de Cabaceiras.



Cabaceiras atrai muitos turistas por conta da valorização e preservação do seu centro histórico, da força da caprinocultura e por ser locação para vários filmes, como o clássico "O Auto da Compadecida"





Foto: Daniel Lins/Campinense

LUANA PINHEIRO DOS TATAMES AO OCTÓGONO

Fotos: Reprodução/Instagram

Judoca paraibana chegou a tentar uma vaga na Rio-2016, sem êxito, e acabou migrando para o MMA para continuar nas artes marciais

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

No tatame, desde os dois anos de idade, quando começou a treinar judô com seu pai - que era professor da modalidade - e irmãos em uma casa onde a arte milenar é o esporte da família, Luana Pinheiro trilhou a jornada em busca de um caminho olímpico. A atleta, hoje com 28 anos, dedicou a sua vida inteira ao esporte e, após ficar de fora dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, por não ter conseguido se classificar na seletiva dos Jogos de 2016, Luana sentiu que precisava de um novo estímulo para seguir dentro do esporte e, assim, as artes marciais mistas (MMA em inglês) entraram para a sua vida.

Nessa época, acompanhando o sucesso de Ronda Rousey, que havia saído do judô para se tornar uma das maiores estrelas do Ultimate Fighting Championship (UFC), maior evento de MMA do mundo, Luana encontrou a inspiração necessária para mudar de esporte e migrar para as artes marciais mistas.

Após realizar essa transição para um esporte que combina uma série de outras artes, mas já com uma base excelente do judô, a paraibana, natural de João Pessoa, passou a competir na modalidade e, após uma série de três vitórias seguidas lutando pelo "Brave" - evento Árabe de MMA - recebeu uma oportunidade de participar do "Dana White Contender Series", programa de televisão que leva o nome do CEO do UFC, Dana White.

No programa, Luana Pinheiro, depois de uma vitória por nocaute contra a estadunidense Stephanie Frausto, teve desempenho elogiado pelo executivo chefe do UFC

e, assim, em novembro do ano passado, ela conquistou um contrato com o principal evento de MMA para competir na categoria peso "palha" (até 52kg).

Sua estreia no UFC estava, inicialmente marcada para ocorrer em março desse ano, no entanto, sua adversária, a iraquiana, Randa Markos, acabou sendo vetada pelo protocolo contra a covid-19 e, com isso, a luta foi remarçada para o dia 1 de maio. Com tudo pronto para a disputa dentro do octógono do UFC, em Las Vegas-EUA, a paraibana foi, enfim, para o combate.

Na disputa, Luana que já é conhecida como a "nova Ronda" pela imprensa especializada no esporte, foi superior na maior parte da luta, promovendo golpes em pé contundentes e um jogo de solo que entregou ao público belas entradas e quedas plásticas contra a adversária. Perdendo o combate e em um momento de desespero na luta, a iraquiana, quando estava no chão e sendo golpeada, desferiu um golpe ilegal que nocauteou a paraibana, mas rendeu para Markos a desclassificação e, com isso, a primeira vitória da estreante no UFC.

Após a luta, Luana Pinheiro demorou alguns dias até se manifestar sobre o resultado, pois, mesmo vencendo, a forma não era como ela queria. Agora, pouco mais de um mês depois desse primeiro combate, ela aguarda que o evento marque seu próximo combate e avalia, em entrevista exclusiva para o Jornal A União, sua caminhada até aqui dentro do mundo das lutas e esse começo de carreira dentro do UFC, onde espera se consolidar como uma lutadora vitoriosa e atender às expectativas criadas em torno do seu talento.



A paraibana Luana Pinheiro, a mais nova sensação do UFC, segue os caminhos da vitoriosa Ronda, em quem se inspirou no esporte



A ENTREVISTA

Luana, você é uma atleta de MMA que nasceu a partir do judô. Como foi esse processo de migração, de que maneira você tomou essa decisão de mudar de modalidade? Houve alguém que te incentivou nesse processo e o que você buscou para fazer essa escolha?

A minha migração para o MMA aconteceu em uma época em que eu já estava competindo judô por muito tempo, desde minha infância, e assisti a Ronda Rousey lutar MMA. Por ela ser uma especialista no judô, e mulher, isso me interessou ainda mais e me mostrou uma nova possibilidade,

um novo caminho. Logo depois eu conheci o sensei Cristiano "Titi" Lazzarini, que é um faixa preta de Jiu-Jitsu que competiu muito no Jiu-Jitsu e também no MMA. O sensei Titi foi o responsável por essa minha migração para o MMA de fato acontecer.

Dentro desse processo de mudanças, o que você entende que tem sido a sua principal vantagem e quais as maiores dificuldades que você tem tido?

Acredito que minhas vantagens são tudo aquilo que eu treinei durante anos, desde minha infância. Meu judô e o todo o lastro

competitivo de anos competindo. Minha maior dificuldade nessa transição foi a parte de luta em pé, mas essa é uma área em que eu venho treinando e evoluindo bastante.

Você entrou no mundo do MMA pela porta da frente, vencendo uma competição organizada pelo Dana White e conquistando esse contrato com o UFC em seguida. Como você tem processado essas mudanças na sua carreira em um espaço curto de tempo? Esse caminho estava no seu planejamento?

Desde minha mudança do judô para o MMA, eu tinha

a meta de entrar no UFC. Tenho encarado os desafios com alegria e, ao mesmo tempo, bastante seriedade. Estou feliz com tudo que tem acontecido na minha vida e na minha na carreira, e sei de todo trabalho que ainda tem que ser feito.

Depois de um adiamento, a sua primeira luta enfim ocorreu, mas o contexto não foi bem o esperado, mesmo você tendo vencido na sua estreia. Afinal, você vinha dominando a luta quando recebeu um golpe duro e ilegal que te apagou na hora. Como você avalia e o que você lembra da luta e desse momento em específico?

Não foi da forma que eu imaginava vencer na minha estreia, mas estou feliz com alguns pontos dessa luta. Não apenas tecnicamente na luta em si, mas o caminho até a luta sempre trás uma vivência, uma experiência valiosa. Lembro que estava dominando a luta e fui atingida por um golpe, na hora não sabia qual golpe e pensei que tinha perdido. Vendo a luta depois e vendo o golpe ilegal, acho que a Randa Markos deu um golpe no desespero, sem pensar.

Luana, o UFC busca talentos, mas também atletas que possam pro-

mover lutas, marcas e o evento em geral. Há uma comparação que se faz entre você e a Ronda. Como você avalia esse paralelo e de que modo se enxerga, dentro do UFC e dessa lógica de esporte que também é negócio?

A Ronda é minha maior inspiração no MMA. Ela conquistou coisas muito grandes dentro desse esporte. O MMA feminino hoje, principalmente o UFC "devem" muito pra ela. Espero poder conquistar coisas tão grandes como a Ronda e fazer minha própria história dentro das artes marciais, do MMA e dos business que envolvem essa arte.



A NBA é atualmente a maior e mais rentável competição de basquete do mundo, com um faturamento de US\$ 8,8 bilhões na temporada de 2020

75 anos da melhor liga de basquete de toda a história

Precursora da NBA, a Associação de Basquete da América foi fundada em 6 de junho de 1946 e deu início a uma trajetória bilionária

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Uma das maiores ligas esportivas do mundo em um negócio que envolve franquias e marcas tão poderosas quanto os maiores clubes de futebol do planeta, a NBA é a maior expoente do basquetebol no mundo, esporte que move paixões e está entre os mais praticados do globo. Essa história de sucesso da modalidade no âmbito esportivo, mas também enquanto negócio e liga, tem seu marco inicial datado em um dia 6 de junho, como hoje, 75 anos atrás, com a fundação da BAA (Associação de Basquetebol da América, em tradução livre).

Para a NBA chegar ao estágio atual e contar com atletas e ídolos internacionais como Michael Jordan, LeBron James, Bill Russel, Kobe Bryant, Wilt Chamberlain, Larry Bird, Shaquille O'Neal, Magic Johnson, entre tantos outros, que não caberiam em uma única edição de A União, a liga norte-americana teve que evoluir, se modernizar e avançar diversos processos até se tornar um esporte que migrou, por exemplo de um ambiente racista para se tornar um dos maiores espaços de protagonismo e evidência do movimento "Black Lives Matter (Vidas Negras Importam)". Nesse curso histórico, a pedra fundamental foi firmada, justamente, através da BAA.

A BAA foi a precursora da NBA e ocorreu por três



Os jogos da National Basketball Association (NBA) são de alto nível e envolvem franquias e marcas tão poderosas quanto os maiores clubes de futebol do planeta

temporadas que tiveram a participação de 18 equipes diferentes. Destes times precursores, apenas seis franquias resistiram ao tempo e permanecem até a atualidade, o Boston Celtics e o New York Knicks - antes Knickerbockers -, que jamais mudaram de cidade, além dos Lakers - que eram de Minneapolis e migraram para Los Angeles -, os Pistons - que saíram de Fort Wayne para Detroit -, os Warriors - que eram da Filadélfia e ago

ra atuam em São Francisco - e o Rochester Royals que mudaram de cidade e nome, sendo hoje o Sacramento Kings.

Mesmo tendo sido criado em 6 de junho de 1946, a primeira partida da liga só foi disputada em 1 de novembro daquele ano, em um jogo entre o Toronto Huskies e o New York Knickerbockers, disputado no Maple Leaf Garden - hoje um prédio histórico em Toronto, no Canadá -. Nas três temporadas da BAA, três times

diferentes foram campeões, o Philadelphia Warriors, os Baltimore Bullets - extinto - e o Minneapolis Lakers, em 1947, 1948 e 1949, respectivamente.

Antes da BAA, já existiam outras ligas de basquete profissional nos Estados Unidos, com destaque para a ABL (Liga de Basquetebol Americana em tradução livre) fundada em 1925 e a NBL (Liga Nacional de Basquete em tradução livre) de 1937, mas a grande diferença e razão do sucesso da

nova liga, foi a proposta de levar o basquete aos grandes ginásios do país, que ficam durante longos períodos do ano sem competições, especialmente, após o término das temporadas de Hóquei. Com grande sucesso em suas primeiras edições, em 1949, após o encerramento de sua terceira temporada, a BAA absorveu a NBL e assim, surgiu a NBA, maior e mais rentável competição de basquete do mundo com um faturamento de US\$ 8,8 bilhões em 2020.

Playoffs 2020/2021

Na atual temporada da NBA, a liga já está com os seus playoffs (fase de mata-mata) em curso, já contando com o retorno dos torcedores nos ginásios, mesmo ainda em número reduzido. As quartas de final da disputa já foram finalizadas e, ontem, já entraram em quadra, para o jogo 1 das semifinais, Brooklyn Nets e Milwaukee Bucks pela Conferência Leste.

Hoje, jogam Philadelphia 76ers e Atlanta Hawks, também pela Conferência Leste, a partir de segunda é que serão iniciadas as partidas da Conferência Oeste. Nessa temporada, as duas maiores franquias da história da NBA, os rivais Boston Celtics e Los Angeles Lakers - vencedor da última temporada -, cada uma com 17 troféus conquistados, foram eliminadas na primeira rodada dos playoffs.

Sem os times de maior tradição no páreo, o Brooklyn Nets que eliminou os Celtics comprovando a força do trio avassalador formado pelo armador Kyrie Irving e os alas James Harden e Kevin Durant, treinados por Steve Nash, único jogador canadense no Hall da Fama da NBA - o criador do esporte, James Naismith era do Canadá - surge como o principal favorito ao título da Conferência Leste e da NBA, nessa temporada, mas há muito basquete para ser disputado, até que possam conquistar o primeiro título da franquia criada em 1967.



O Sport, que conseguiu um importante resultado diante do Inter na rodada de abertura, pega o Atlético, de Hulk, em casa, enquanto o time gaúcho vai jogar no Castelão contra o Fortaleza

Foto: Ricardo Duarte/Internacional

Atlético busca a reabilitação contra Sport na Ilha do Retiro

Time mineiro vem de derrota para o Ceará. Rodada tem outros favoritos ao título em campo, como Inter e Palmeiras

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

O Brasileirão prossegue neste domingo com o complemento da segunda rodada - uma partida foi adiada, o confronto entre Grêmio x Flamengo, ainda sem data definida pela Confederação Brasileira de Futebol. A entidade resolveu adiar em função da convocação de vários jogadores do rubro-negro para a Seleção Brasileira principal e a olímpica. Os favoritos ao título estarão em campo como o Atlético Mineiro, surpreendido na abertura pelo Fortaleza, em casa, na derrota de 2 a 1, vai até a Ilha do Retiro, a partir das 20h30, enfrentar o Sport que fez bonito na primeira rodada, quando empatou em 2 a 2 com o Internacional, no Beira-Rio. O Galo mineiro vem de uma vitória no meio de semana, mas pela Copa do Brasil, quando fez 2 a 0 no Remo, fora de casa, no jogo de ida da terceira fase.

Com o paraibano Hulk em grande fase, o técnico Cuca espera se recuperar da derrota para o Fortaleza. Quem atravessa um excelente momento é o Fluminense. Estreou com um empate sem gols contra o São Paulo no sábado, dia 29 de maio, e no meio de semana derrotou o Bragantino por 2 a 0, pela Copa do Brasil. O tricolor carioca é quem abre os jogos de hoje ao lado do Cuiabá, seu adversário às 11h, em São Januário.

Em outro jogo, o Corinthians segue pressionado para a segunda rodada e vem de duas derrotas seguidas para o Atlético de Goiás, uma pelo Brasileiro e outra pela Copa do Brasil. O técnico Sylvinho, recém-contratado, está encontrando dificuldades pela falta de opção de um bom elenco e joga às 16 horas contra o América Mineiro, no estádio Independência, clube que já causou problema ao Timão na temporada passada. O América foi quem tirou o Corinthians da Copa

do Brasil de 2020. O time mineiro também perdeu na estreia para o Athletico do Paraná por 1 a 0, mas empatou com o Criciúma em zero a zero pela Copa do Brasil.

Já o Internacional busca a retomada da grande campanha de 2020 quando perdeu o título na última rodada para o Flamengo. O Colorado vai até o Castelão, às 16 horas, enfrentar o Fortaleza, que na abertura do Brasileirão surpreendeu o Atlético em pleno Mineirão e no clássico pela Copa do Brasil contra seu rival empatou em 1 a 1. O Inter derrotou o Vitória, em Salvador por 1 a 0.

Outro grande favorito ao título nacional, o Palmeiras, entra em campo neste domingo, às 18h15, no Allianz Parque, para enfrentar a Chapecoense que já foi chacoalhada na estreia ao perder para o Bragantino por 3 a 0, em seus domínios. O Verdão teve um duelo parelho com o Flamengo, no Maracanã, mais saiu derrotado por 1 a

0. Pela Copa do Brasil, o Palmeiras derrotou o CRB, em Maceió, por 1 a 0. Juventude e Athletico-PR, jogam às 18h15, no Alfredo Jaconi.

O domingo também tem vários jogos pelas Séries B, C e D, destaque para o segundo jogo de Vasco da Gama e Cruzeiro. O time carioca vai até Campinas enfrentar a Ponte Preta, às 16 horas, no Moisés Lucarelli, buscando a reabilitação da derrota sofrida em casa para o Operário, do Paraná, por 2 a 0. O Cruzeiro, da mesma forma, após ser derrotado pelo Confiança por 3 a 1, em Sergipe. Enfrenta logo mais o CRB, no Mineirão, às 18h15.

Campinense e Treze, outros dois representantes da Paraíba no Brasileiro da Série D, fazem suas estreias, ambas às 16 horas. A Raposa joga contra o Caucaia, no Ceará, enquanto que o Galo atua no Amigão, diante do ABC, de Natal. O Botafogo paraibano, que está na Série C, joga somente amanhã, em Belém, diante do Paysandu.

JOGOS DE HOJE

■ Série A

11h
Fluminense x Cuiabá
16h
América-MG x Corinthians
Fortaleza x Internacional
18h15
Palmeiras x Chapecoense
Juventude x Athletico-PR
20h30
Sport x Atlético-MG

■ Série B

16h
Ponte Preta x Vasco
18h15
Cruzeiro x CRB
20h30
Avai x Vila Nova
Amanhã
20h
Vitória x Náutico

■ Série C

16h
Jacuipense x Tombense
Volta Redonda x Manaus
18h
São José-RS x Criciúma
Amanhã
20h
Paysandu x Botafogo-PB

■ Série D

15h
Castanhal x Galvez
Rio Branco-ES x Caldense
16h
Imperatriz x Palmas
Tocantinópolis x Moto Club
Treze x ABC
Caucaia x Campinense
Itabaiana x Juazeirense
Retrô x Murici
ASA x Atlético-BA
Rondonópolis x Porto Velho
Aparecidense x Nova Mutum
Patrocinense x Rio Branco
Aimoré x Marcílio Dias
Rio Branco-PR x Esportivo
Juventus-SC x Caxias
17h
GAS-RR x Penarol-AM
Inter de Limeira x Madureira
18h
Atlético-AC x S. Raimundo-RR
Boavista x São Bento

GP do Azerbaijão de F-1

Duelo entre Verstapen e Hamilton promete muita emoção na sexta etapa do Campeonato Mundial

O circuito de Baku, no Azerbaijão, é um dos mais desafiadores e inovadores do atual calendário da Fórmula 1 e marca a sexta etapa do Mundial neste domingo com a largada prevista para as 9 horas, horário de Brasília, e mais uma vez se espera um grande duelo entre o líder Max Verstapen, da Red Bull, e o heptacampeão Lewis Hamilton, da Mercedes. A diferença entre os dois na pontuação é de apenas quatro pontos - 105 a 101.

Apesar de ser de rua, o circuito possui retas de alta velocidade. Normalmente, os circuitos de ruas, da F1 ou de outras categorias, costumam ser travados e apertados em todo seu percurso. Já o circuito de Baku é o oposto, sendo ele muito veloz, tendo como sua principal característica a maior reta de todos os circuitos da F1, sua extensão chegando a 2 km

O circuito de Baku, GP do Azerbaijão de F1, é uma mistura de trechos largos e apertados e sinuosos. Inclusive o formato dele nos lembra mais um circuito de Fórmula Indy do que propriamente um circuito de F1.

É semelhante ao circuito de Mônaco, onde o menor dos erros pode ser punido com rapidez e severidade. Outra característica única do circuito de Baku, do GP do Azerbaijão de F1, é o afunilamento na conhecida "Curva do Castelo" na qual só um carro por vez passa neste trecho.

Assim, o circuito de Baku é extremamente desafiador visto que as equipes precisam encontrar o melhor equilíbrio para alcançar a maior velocidade final na reta, sem perder desempenho no miolo.

A corrida neste circuito ocorre desde 2016 e os vencedores são Valtteri Bottas, Lewis Hamilton, Daniel Ricciardo e Nico Rosberg.



Foto: Divulgação/FIA

A conhecida "Curva do Castelo" é altamente desafiadora: apenas um carro pode passar por vez

Campinense joga diante do Caucaia na estreia da Série D

Raposa inicia a sua caminhada no Brasileiro fora de seus domínios, hoje, às 16 horas, no estádio Raimundão

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Depois de se classificar para as finais do Campeonato Paraibano, o Campinense virou a chave e hoje começa mais uma tentativa de conseguir o acesso à Série C, um objetivo que vem percorrendo há vários anos, sem sucesso. Esta será a décima participação do Rubro-negro na quarta divisão do futebol brasileiro. A Raposa estreia na Série D contra o Caucaia, às 16h, no estádio Raimundão, em Caucaia-CE. O árbitro da partida será André Luis Skettino Policarpo Bento, de Minas Gerais. Ele será auxiliado pelos cearenses Anderson Moreira de Farias e Jailson Albano da Silva.

O Campinense fez uma parceria com a Perilima e reforçou a equipe com cinco jovens da Águia: os atacantes Fábio Lima e Peixeiro, o volante Ezequias, o lateral direito Denis Costa e o meia Renatinho. Mas estes jogadores não deverão ser escalados para esta partida no Ceará. O time da Raposa deverá ser o mesmo que começou o jogo contra o Botafogo.

O técnico Ranielle Ribeiro está muito satisfeito com o desempenho dos atletas e acredita que o clube fará

uma boa campanha na Série D. "A classificação para as finais do Paraibano eu devo a estes jogadores, que se superaram dentro de campo, contra um adversário com uma folha salarial bem superior à nossa. É um grupo jovem, mas com muito potencial, e acredito que tem tudo para se sair bem também na Série D. Vamos dar um passo de cada vez. Nosso foco agora é estreitar bem na competição", disse o treinador da Raposa.

O Campinense só fez um treino para enfrentar o Caucaia. Se reapresentou na quinta-feira, na sexta-feira viajou de ônibus para Fortaleza, e só ontem fez um treino no CT do Ceará na capital cearense.

Caucaia

O adversário do Campinense é também conhecido como Raposa, no Ceará. O clube teve uma participação muito ruim no Campeonato Cearense deste ano. Na primeira fase, ficou na quarta colocação, com 3 vitórias, 1 empate e 3 derrotas. Mas, na segunda fase foi o lanterna, com apenas 1 vitória, 1 empate e 5 derrotas. Além do mais, escalou um jogador irregular e perdeu 6 pontos, terminando a competição com uma pontuação de -2.



Foto: Daniel Lins/Campinense

Depois da heroica vitória sobre o Botafogo, garantindo vaga nas finais do Paraibano, o Campinense faz a sua estreia no Campeonato Brasileiro da Série D

+

Treze começa em casa contra o ABC de Natal

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

De volta à Série D, o Treze estreia hoje na competição, às 16h, no estádio Amigão, em Campina Grande. O adversário será o ABC de Natal. O Galo entra na competição muito pressionado por causa da péssima campanha no Campeonato Paraibano, e com a obrigação do acesso à Série C ou não terá calendário no segundo semestre de 2022. O árbitro central da partida será o baiano Bruno Pereira Vasconcelos, auxiliado pelos paraibanos Ruan Neres Souza de Queiroz e Rafael Guedes de Lima.

A semana foi muito tumultuada no Galo, após a equipe ter sido eliminada do Paraibano pelo São

Paulo Crystal. A preparação para a estreia na Série D só começou na última quarta-feira. Apesar dos problemas, o técnico Tuca Guimarães está confiante que o time fará uma boa campanha na competição. Ele está há pouco tempo no comando do time e acha que a tendência é que a equipe evolua nos próximos jogos.

"Nós estamos reforçando a equipe e eu tenho certeza que o Treze será forte nesta Série D. Eu ainda estou buscando um maior equilíbrio. Apesar da eliminação no Paraibano, eu gostei muito do que vi no time com tão pouco tempo de treino. Agora, que estaremos reforçados com jogadores dentro do nosso perfil, a tendência é de crescimento", afirmou.

Para esta partida contra o ABC, os problemas são muitos. João Leonardo e Birungueta testaram positivo para covid-19 e estão em quarentena.

ABC

O adversário do Treze está em uma maratona de jogos. Está disputando a terceira fase da Copa do Brasil, contra a Chapecoense, às finais do Campeonato Norte-Rio-Grandense, contra o Globo, e agora estreia na Série D. A última partida do ABC foi no meio de semana contra a Chapecoense, em Chapecó, quando perdeu por 3 a 1. As finais do Estadual serão nos dias 16 e 23 deste mês. O jogo de volta será no meio desta semana, em Natal. A equipe é dirigida pelo técnico Moacir Júnior.

Botafogo enfrenta o Paysandu em Belém

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após perder, em casa, as chances de disputar mais uma final do Campeonato Paraibano, o Botafogo tenta esquecer a eliminação e focar na Série C, para tentar o seu grande objetivo, que persegue desde 2014, que é o acesso à Série B. O Belo empatou na estreia contra o Ferroviário, no Almeidão, e agora vai tentar recuperar os pontos perdidos contra o Paysandu, em Belém do Pará. A partida está programada para esta segunda-feira, às 20h, no estádio da Curuzu. A arbitragem será de um trio de Goiás. O árbitro central será Osimar Moreira da Silva Junior, auxiliado por Edson Antônio de Sousa e Márcio Soares Maciel.

A semana foi de muita pressão no Botafogo, após a eliminação do Campeonato Paraibano. A diretoria dispensou, de uma só vez, oito atletas, a maioria deles nem no banco de reservas estava ficando. Foram eles os zagueiros Samuel e Zulu, o volante Lagoa, os meias

Kaio Wilker e Thiago Santos, além dos atacantes Cesinha, Ramon Tanque e Roniel. Novos atletas deverão ser anunciados a qualquer momento para substituir os que estão deixando o clube. Mas, nenhum deverá ser relacionado para o jogo de hoje contra o Paysandu. A equipe deverá ser praticamente a mesma que jogou contra o Campinense, até mesmo pela falta de muitas opções do técnico Gerson Gusmão, com o elenco agora bastante reduzido.

Paysandu

Assim como o Belo, o Paysandu estreou com um empate, só que foi fora de casa, contra o Tombense -MG. Agora, o Papão tentará conseguir a sua primeira vitória fazendo o dever de casa. O clube é o atual campeão Paraense e chegou à segunda fase da Copa do Brasil.

A equipe era dirigida por Itamar Schuller, que já foi técnico do Belo, mas mesmo ganhando o título estadual, foi dispensado e substituído por Vinícius Eutrópido.

Foto: Instagram/Trezeoficial



Com vários problemas desde a eliminação no Estadual e casos de covid-19 no elenco, o Galo tenta se reconstruir na Série D



PURPLE IGUANA INVESTMENTS

M&A | EQUITY PARTNERS

New Office - João Pessoa - PARAIBA

Avenida João Carlos da Silva, 221

ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B

Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005

Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Pelé e o Banco Industrial de Campina Grande

A curiosa história do 'Rei do Futebol' que tinha as finanças gerenciadas pela 'Rainha da Borborema'

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O 'Rei do Futebol' já exerceu seu reinado também sobre a cidade de Campina Grande. Você sabia? Na verdade, não foi bem sobre a cidade, mas no Banco Industrial de Campina Grande (BICG), pelos idos da década de 1970. Diferente do que se comenta, porém, ele não dirigiu setores específicos da instituição, conforme ressalta o assessor pessoal do ídolo nacional há mais de 50 anos, José Fornos Rodrigues, conhecido como 'Pepito'. Ele esclareceu que o 'Rei' foi garoto-propaganda, agregando seu nome ao do banco.

"Pelé teve essa forte ligação com o Banco Industrial de Campina Grande durante alguns anos, mas ele não era diretor. Na verdade, era contratado para ser garoto-propaganda", esclareceu. A instituição, no entanto, cuidava das aplicações financeiras do ex-jogador, que tinha estreitas ligações com o empresário Newton Rique, superintendente do BICG e ex-prefeito da cidade (novembro de 1963 a junho de 1964, sendo cassado pelo golpe daquele ano).

Na época, segundo 'Pepito', Edson Arantes do Nascimento, que defendia a Seleção Brasileira, visitou várias vezes a Rainha da Borborema em razão da amizade com Newton Rique. Numa dessas viagens, Pelé chegou a passar o São João por lá na casa de outro grande amigo de longa data, o médico campinense Eduardo Gomes, que hoje mora em São Paulo.

Rique faleceu precocemente, aos 55 anos, de meningite, em 1986, no Rio de Janeiro, conforme o historiador José Edmilson Rodrigues. A informação também está no livro 'Memorial da Associação Comercial de Campina Grande', lançado em 2016 pela Editora Epgraf, e elaborado por ele em parceria com os historiadores Thomas Bruno Oliveira e Vanderley de Brito. Produzida em comemoração aos 90 anos da instituição, a publicação informa que o jogador teria sido contratado como diretor de relações públicas do banco.

Apesar da forte relação do 'Rei do Futebol' com a Rainha da Borborema, há muitos anos Pelé não vai a Campina Grande. "Mas, ele tem muitas boas recordações. Adora os campinenses e os paraibanos no geral. Hoje, devido à pandemia, está confinado no Guarujá, onde mora. A saúde segue bem, com limitações de locomoção por conta das cirurgias nos quadris, mas no geral está bem, graças a Deus", declarou o assessor pessoal e amigo 'Pepito'.

Campina e o craque na mídia

Em matéria do Jornal do Brasil, (quarta-feira, 15/04/1970), o primeiro caderno publicou texto sobre o Banco Industrial de Campina Grande S.A, relatando que o 'Rei do Futebol' não se preocupava com negócios financeiros porque havia deixado os seus sob a responsabilidade do banco. O BICG anunciava novidades, como as máquinas eletrônicas SAC (Serviço Automático de Cheques) que estavam prestes a chegar.

Com o título "Pelé: 'Só penso na Copa. Dos meus negócios o Banco toma conta'", a reportagem trouxe a seguinte frase do jogador, reforçando a campanha publicitária: "Nunca estive tão tranquilo e tão dedicado à bola. Entreguei meus negócios ao Banco Industrial de Campina Grande e, assim, posso jogar sossegado para tentar trazer a Copa".

No mesmo texto, Pelé elogiava o BICG. "Até parece que eu estava adivinhando quando decidi, lá em Santos, entregar todos meus valores à guarda do Banco Industrial de Campina Grande. Sob todos os pontos de vista, é aquela tranquilidade...", dizia o jogador no texto publicitário.

"A frase, não posso comprovar, nem sei por quanto tempo exatamente durou a relação de Pelé com o banco. Foram vários anos. Quando comecei a trabalhar com ele, há mais de 50 anos, ele estava nesse relacionamento com o BICG. Depois, o Newton Rique faleceu e a vida seguiu normalmente", acrescentou Pepito.

"Entreguei meus negócios ao Banco Industrial de Campina Grande e, assim, posso jogar sossegado para tentar trazer a Copa", dizia Pelé em anúncio publicitário do Banco Industrial de CG



Relação de amizade com dono do banco fez o craque ser chamado para garoto propaganda

+ BICG batendo um bolão no cinema

O Banco Industrial de Campina Grande foi parar nas telas do cinema em 1971, no filme 'O Barão Otelo no barato dos bilhões', dirigido e produzido por Miguel Borges, com apoio do BICG, e que contou com participação especial de Pelé, que fez o papel de diretor da instituição.

"Ele gostou (da participação no filme) porque todos (os envolvidos) eram amigos dele: o Newton Rique, o Luis Carlos Barreto e o Grande Otelo", declarou 'Pepito'.

Além de político, empresário e superintendente do BICG, Newton Rique era produtor de filmes, entre eles, 'Dona Flor e seus dois maridos', e participou da criação e fundação da TV Borborema, do grupo de comunicação do jornalista Assis Chateaubriand.

No filme 'O Barão Otelo no barato dos bilhões', Pelé aparece numa sequência em que o ator Grande Otelo, intérprete do Barão Otelo, vai até a agência do banco no Rio de Janeiro em busca de um empréstimo. Ao entrar na sala da diretoria, Otelo é recebido pelo "Doutor Arantes" (Pelé) que vai avaliar uma linha de crédito.



Confira um trecho do filme "O Barão Otelo no barato dos bilhões" acessando o QRCode acima.



Sobre o Banco Industrial de CG

Fundado em 1927, pelo empreendedor João Rique Ferreira, o Banco Industrial de Campina Grande foi um dos maiores e mais importantes do Brasil e tinha agências em 13 estados. No município de Campina Grande, funcionava no Edifício Rique, na Rua Marquês do Herval. Em 1972, de acordo com a Biblioteca IBGE, a instituição foi incorporada ao Banco Mer-

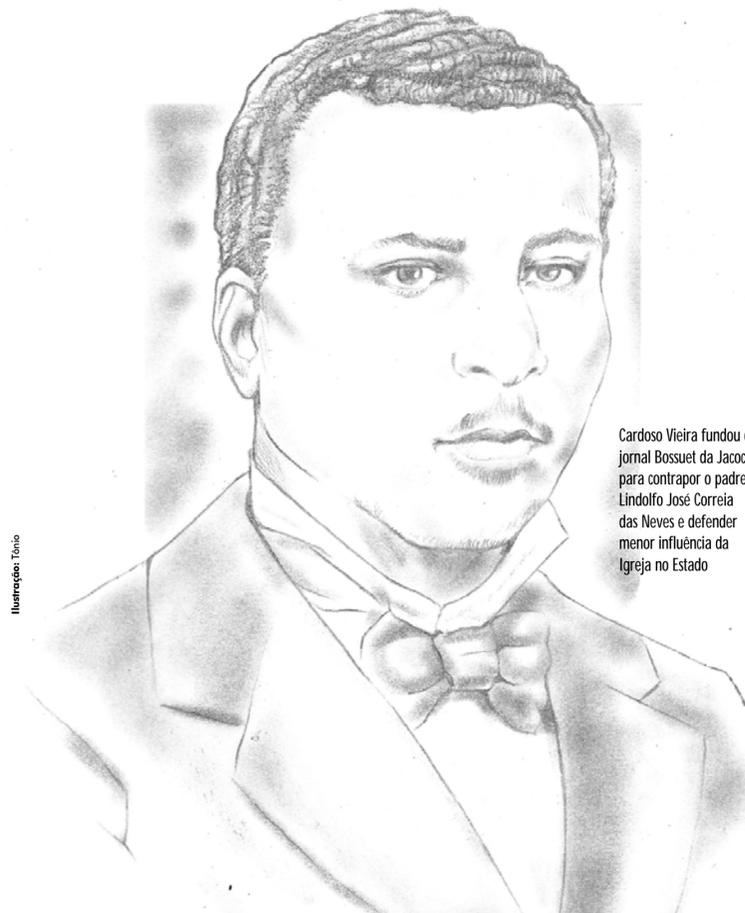
cantil de Minas Gerais.

Com a expansão para outros estados, o BICG se tornou um dos cinco bancos de maior expressão e dinamismo em todo o Norte e Nordeste do Brasil, segundo o artigo 'Breve histórico acerca da representação do algodão no desenvolvimento da cidade de Campina Grande-PB', de Jair Barbosa Araújo, publicado em 2004.

O artigo diz ainda que os clientes eram desde agricultores rurais a investidores de multinacionais, o que garantiu o sucesso da instituição bancária. Esse crescimento se deu a partir do capital depositado que era proveniente do comércio e da indústria do algodão, representado pela sociedade Araújo Rique & Cia, do Grupo Rique.

Cardoso Vieira

O idealismo do abolicionista nascido na Jacoca



Cardoso Vieira fundou o jornal Bossuet da Jacoca para contrapor o padre Lindolfo José Correia das Neves e defender menor influência da Igreja no Estado

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

Manoel Pedro Cardoso Vieira é considerado por seus biógrafos “um homem à frente do seu tempo”. Porém, inserido na realidade em que vivia, refletindo em si todas as questões que surgiam a seu alcance. Ele desafiou os tabus do Brasil imperial que, sob a égide de D. Pedro II, mantinha um governo monarquista escravocrata e valorizava os nobres ocupantes do poder, detratadores arrogantes da sociedade e discriminadores, no que se referia à cor da pele e ao privilégio financeiro.

Este paraibano era negro livre, nasceu no povoado da Jacoca a 18 Km de João Pessoa (atual cidade de Conde), em 1848. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, sem abandonar seus anseios (que tornava públicos) de abolicionista e contrário à monarquia. Morreu em João Pessoa, (na época, cidade de Parahyba do Norte) aos 32 anos, em 10 de janeiro de 1880. Jornais da Paraíba e do Rio de Janeiro noticiaram a causa da sua morte como “doença perniciososa” (febre amarela).

Em 1875 fundou o jornal O Bossuet da Jacoca, com o objetivo de “duelar”, através da imprensa, com seu adversário político, o padre jornalista Lindolfo José Correia das Neves, colunista de diversos jornais e revistas da Paraíba, se destacando como redator de O Publicador e O Polimático (PB); e A Gazeta de Notícias (RJ); E o Jornal do Recife (PE). Foi integrante do Partido Liberal e depois do Partido Conservador. Era formado em Direito pela Faculdade de Olinda. Estudantes das Faculdades de Direito de Recife e Olinda, embora tivessem ideais abolicionistas e republicanos, divergiam em algumas hipóteses e ideologias.

Cardoso Vieira se opunha à influência do clero e da Igreja nas decisões de cunho político, moral, intelectual e administrativo dos serviços públicos, defendia o Estado laico. Enquanto Lindolfo era adepto da tese absolutista de que os soberanos reinavam por escolha divina. Assim, o choque entre os dois era constante e inevitável. Ironicamente, Cardoso batizou seu jornal de Bossuet da Jacoca, para lembrar ao padre Lindolfo que este possuía as mesmas convicções ideológicas do bispo francês Jacques Bossuet, ferrenho crente do absolutismo.

Jornalista, historiador, advogado e rico – seus pais, Pedro Cardoso Vieira e Maria Severina Vieira, eram donos do Engenho do Congo e possuíam 12 escravos. Isto os identificava como membros das elites paraibanas do período imperial brasileiro, quando a escravidão e o latifúndio comandavam a nação. Eduardo Martins assegura que a família Cardoso Vieira se transferiu para o Recife, a fim de cumprir um objetivo paterno: concluir os estudos de Manoel Pedro, numa província de valor político, onde a educação superior imitava o congênera da Europa.

Trajetória política de um poeta inveterado e de forte oratória

Na Faculdade de Direito do Recife, Cardoso Vieira, segundo Eduardo Martins, foi considerado aluno notável e acadêmico de inteligência destacada. “Era dono de uma oratória elegante e agressiva, que beirava o orgulho”, cita o historiador. No ano de 1871 ele retorna à Paraíba. Em 1872, é aprovado no concurso para professor do Lyceu Provincial Parahybano, indo lecionar na Cadeira de Retórica. Membro do Partido Liberal, acabou eleito deputado geral pela Província de Parahyba do Norte, em 1879.

Na Câmara dos Deputados, espatava os companheiros ao abordar temas difíceis e polêmicos para o país de então, como a imigração chinesa para o Brasil, a Seca do Norte e a reforma da Constituição. A Constituição sonhada por ele, como homem de letras, era a que tivesse relação com um movimento artístico-literário da época, denominado Condoreirismo.

Eduardo Martins encontrou poucos exemplares de poesias feitas por Cardoso Vieira. Mas, duas localizadas, se destacaram: As Faculdades de Direito Surgem no Brasil, havendo duas delas estrategicamente situadas, que seria uma para atender à população do Norte, com sede inicial em Recife; E, a outra, direcionada a atender quem morasse no Sul, situada em São Paulo. O Condoreirismo foi um movimento artístico-literário que correspondeu à terceira geração romântica brasileira.



Jornalista deixou sua marca na história e empresta seu nome a diversos espaços públicos, como um dos principais pontos de Campina Grande, o Calçadão da Cardoso Vieira

Suas poesias surgiam com um teor de denúncia enfocando questões de caráter social, combatendo os ideais de absolutismo da época. Duas outras foram encontradas no Bossuet da Jacoca, intituladas Charada e Conceito. E outra citada em sua biografia, nomeada Waterloo, são de suma importância para a História da Paraíba. A maior contribuição de Cardoso Vieira

ao jornalismo paraibano foi criar seu próprio jornal, o Bossuet da Jacoca, que no século XIX ousava atuar com homens de letras de boas condições financeiras, engajados como redatores de jornais. Eles defendiam seus ideais para com as causas mais prementes do período.

Desta forma, ocorriam verdadeiras brigas político-partidárias, tendo

por base discursos escritos em jornais. Testemunhas desta época afirmaram que “embates jornalísticos dessa ordem eram tão comuns que, não raro, terminavam em brigas pessoais, acirrando desavenças entre homens poderosos do período imperial”. Cardoso Vieira é o patrono da cadeira 1011, da Academia Paraibana de Letras. É nome de rua em João Pessoa e Campina Grande.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Lasswell aplicado à pandemia de covid-19: a guerra é aqui

Em 1926, o cientista político e teórico da comunicação Harold D. Lasswell defendeu tese de doutorado intitulada “Técnica de Propaganda na Guerra Mundial”. Mais lembrado pelo esquema que recebeu seu nome (*Quem? Diz o quê? Por qual canal? Com que efeito? Para quem?*), Lasswell analisou, no seu estudo de doutorado, propagandas de guerras americanas, inglesas, francesas e alemãs durante a I Guerra Mundial.

Conforme o jornalista, poeta e professor Gustavo de Castro e Silva, no “Dicionário de Comunicação” (editora Paulus), nessa época, a “propaganda era tomada como uma arma política, motivo pelo qual os pesquisadores centravam suas forças especialmente na propaganda de fundo político, assim como Lasswell”.

Quase um século depois de ter sido escrita, a tese “Técnica de propaganda...” permanece atual. Nela, ainda de acordo com Castro e Silva, Lasswell “sistematizou três categorias que listavam os estímulos psicológicos que deveriam ser dados à massa, para que se conseguisse o efeito desejado pelas propagandas de guerra”:

1. Instigar a animosidade contra o inimigo;
2. Preservar a amizade entre aliados e neutros;

3. Desmoralizar o inimigo. Em tempos de necropolítica e negativismo aqui e alhures, as categorias apontadas por Lasswell também são utilizadas no Brasil, deixando um rastro de milhares de mortes. O rol de cadáveres, no entanto, não é causado por baionetas, metralhadoras e lança-chamas, como na Primeira Guerra Mundial, mas pelo desmando e pela verborragia irresponsáveis que ampliam o luto decorrente da covid-19. Discurso é arma. Palavra é bala. E mata, dilacera famílias, destrói sonhos.

Ao lembrar das situações que observo desde o início da pandemia de covid-19 em nosso país, reflito sobre o uso dos meios de comunicação por governos, cidadãos e conglomerados de mídia. Retomo também, em minha mente, informações que vi no livro “Teorias da Comunicação de Massa” (editora Penso), de Denis McQuail. Na obra, o teórico afirma que, invariavelmente, os meios de comunicação estão relacionados de alguma forma à estrutura de política e poder econômico vigente.

Dentre as metas ou efeitos do poder da mídia de massa, McQuail cita: atrair e dirigir a atenção do público; persuasão em questões de opinião ou crença; influenciar comportamento; fornecer definições



contexto da nossa política, também se aplica ao conjunto de discursos, atitudes e omissões a que assistimos. O principal agente das barbaridades cotidianas que reforçam a necropolítica em solo tupiniquim é conhecido. E ainda arrasta milhares de “soldados” pelas trincheiras cibernéticas do negativismo ou mesmo pelas ruas — a despeito de tudo. Infelizmente.

(...)

Lição

Na semana passada, falei um pouco sobre a importância de saber ouvir. Hoje, relembro aqui um ensinamento do meu pai sobre quando algo não merece nossa atenção. “Faça como eu: entra por um ouvido e sai pelo outro”.

Qualificação

A Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca) está com inscrições abertas até o dia 16 de junho para a segunda turma do curso “Jornalismo de educação: bases para a cobertura”. A capacitação conta com a parceria da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e será realizada, de forma on-line e gratuita, entre 21 de junho e 12 de julho.

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos – A Recente Música Cubana

Aos que imaginam haver apenas um “passado” de sucesso no universo musical cubano, uma advertência: embora os tempos sejam outros, pelas ruas antigas, becos e vielas de Havana e de outras cidades interioranas ainda se vive, em certos ambientes, o clima nostálgico de uma bela herança sonora. O fato é que os ritmos oriundos da Ilha, hoje, circulam pelo mundo, mormente nos salões que ainda apreciam os saudosos bailes de outrora.

Mas, quando se fala em música cubana “recente”, vem à mente dos apreciadores de uma boa música a repercussão mundial do trabalho realizado pelo guitarrista, multi-instrumentista, compositor e produtor musical norte-americano Rayand Peter Cooder ou, simplesmente Ry Cooder, um dos artífices do *slide guitar* (forma inovadora de manipular esse instrumento) que, juntamente com o cineasta alemão Wim Wenders, produziu o celebrado documentário *Buena Vista Social Club* (1996), a pedido e por recomendação da produtora britânica World Circuit Records.

O nome é uma referência a um antigo clube de dança, casa de show e outras atividades ligadas à música, que foi muito popular em Havana, entre os anos 1940 e 1950, quando foi fechada, e que, para deleite local e dos turistas, junta-se a “velha guarda” musical cubana. Ry Cooder buscou e conseguiu fazer uma espécie de fusão ou entrelaçamento entre os sons oriundos do ambiente “doméstico” cubano com os sons de vanguarda, com ênfase na *guajira* sem, no entanto, esquecer o bolero e sons adjacentes.

Faziam parte do BVSC Compay Segundo, Ibrahim Ferrer, Rubén González, Pio Leyva, Ma-

nuel “Puntillita” Licea, Eliades Ochoa, Omara Portuando, entre tantos outros. Com o grupo reunido, o documentário foi realizado em apenas seis dias. Agrupados, faram aplaudidos de pé em memorável apresentação ocorrida em 1º de julho de 1998, no Carnegie Hall (NY). O grupo “ganhou o mundo”, permanecendo unido de 1996 até 2015.

Dentre as músicas que fazem parte do espetáculo, três dominaram o gosto popular: *Chan Chan*, que ficou sendo uma espécie de cartão de visitas do grupo, interpretada pelo autor Compay Segundo, e que tematiza uma cena da vida rural cubana; *El Carretero*, uma *guajira* de Guillermo Portables; e *Dos Gardenias*, de Isolina Carrillo, que mereceu uma interpretação ímpar de Ibrahim Ferrer.

O BVSC foi contemplado com o Grammy (1998) do *Billboard Music Awards*.

Mas, não só de Buena Vista vive a recente música cubana.

De passagem, relembremos alguns “astros” dessa safra de músicos cubanos: • Úrsula Hilaria Celia de la Caridad Cruz Alfonso – (Havana, 1925 – New York, 2003) – Remanescente da famosa orquestra cubana Sonora Matancera, de que fora vocalista, era conhecida como a Rainha da Salsa. Foi uma das primeiras a gravar *Guatanamera*, sempre lembrada *guajira* de Joseito Fernandez, com letra do poeta José Martí (texto de 1891), tendo como temática a vida campestre de Guatánamo, “celebre” base naval estadunidense, em Cuba. A música foi também gravada por The Sandpipers, Trini Lopez, Julio Iglesias. Há notícias de que Celia Cruz te-

ria deixado Cuba, em 1959, refugiando-se nos EE.UU., por divergências com o líder Fidel Castro;

• Omara Portuando – (Havana, 1930) – Participou com grande destaque do BVSC, foi cantora e dançarina do antigo clube Buena Vista. Em 2008, gravou com Maria Bethânia um CD/DVD, obtendo enorme sucesso. Aos noventa anos, ainda ativa, chegou a gravar um CD;

• Ignacio Jacinto Villa Fernández, dito “Bola de Nieve” (1911-1971), compositor, cantor e requisitado pianista cubano, legou-nos a emblemática *Drume Negra*, que conhecemos nas versões de Mercedes Sosa e de Caetano Veloso;

• Pablo Milanés Arias (Bayama/Cuba, 1943) – O reconhecimento do seu talento é de 1965, quando propagou sua primeira canção *Mis veintidós años*, de temática nitidamente social. Entre

1965 e 1967, esteve preso por dirigentes de uma Unidade Militar por divergências ideológicas. Libertado, adequou suas ideias aos ideais revolucionários. Junto com Silvio Rodríguez, Noel Nicola e Vicente Feliú, representa o núcleo cubano de maior relevância internacional, o já citado “Nova Trova Cubana”. A quem interessar, o resumo do seu trabalho fonográfico está contido no álbum “Querido Pablo” (1985), que agrega um grupo de outros intérpretes admiradores de sua obra, como Ana Belén, Juan Manuel Serrat, Chico Buarque, Mercedes Sosa, Silvio Rodríguez, Víctor Manuel e Amaya Yranga. Vencedor do Grammy (com Chucho Valdés), em 2006 e em 2015. Dentre mais de seiscentas composições, poucos desconhecem a sua *Yolanda* (de 1970), dedicada à esposa, Yolanda Benet, aqui gravada por Simone e por Chico Buarque. Embora seja, politicamente, considerado polêmico por alguns cubanos, em 2015 defendeu, publicamente, um aprofundamento das reformas políticas em Cuba, mas sempre manteve sua simpatia pelos ideais da Revolução Cubana.





Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Linaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Investimento nunca é pouco!

Este é o momento. O mercado está em baixa e praticamente turbulento, e isso pode significar novas oportunidades de negócios para sua empresa.

Sabemos que a crise causada pela pandemia pegou todos de surpresa em um momento no qual se esperava que o comércio e o mercado iriam esquentar, mas tudo indica, nessa fase turbulenta, de um novo normal novamente e à beira de uma nova mudança pelo alto crescimento de ocupações hospitalares, ainda é tempo de se reinventar e buscar novas trajetórias de negócios em toda parte da área de hotelaria onde entram hotéis, bares, restaurantes... então está na hora de começar a rever seus conceitos, valores, consultorias e essa é uma forma de investimento com um retorno a curto prazo.

Esse não é um motivo de ficar desanimado, pelo contrário. É uma nova fase de um novo normal. É juntar sua equipe de trabalho, fazer os treinamentos necessários, adequar as normas de segurança mais ainda. Tanto de seus funcionários, como também de seus

clientes, e estabelecer metas a serem batidas durante a semana e fechar o mês no verde.

Aprenda a entender seu negócio, vamos controlar as emoções do que se tem para pagar tentando negociar com seus fornecedores. Entenda sua situação financeira, busque parceiros e propostas de negócios que juntos possam unir forças, como exemplo o festival que está acontecendo o Paraíba Restaurant Week. Se é hora de buscar uma linha de crédito com seu banco para esse investimento. Veja a oportunidade que seu consultor poderá te mostrar para ter um resultado mais rápido e não tenha medo, essas são as formas mais simples de reabrir para o novo normal e de maneira segura.

Neste momento da pandemia, o ramo de hotelaria foi o que mais sofreu e vem sofrendo, muitos não se adequaram ao delivery e muitos que entraram hoje só sobrevivem por conta dele, e estão muito bem seus negócios e muitas contas foram pagas e tudo está andando perfeitamente.

O cenário é totalmente novo para todos,

mesmo tendo já passado o ano de 2020. A crise financeira é geral e o alto número de desempregados também, era algo que ninguém imaginava há seis meses. Por isso, a melhor forma de escolha e de não errar é agora nas suas ações de negócios e investimentos.

Claro que não tem como ficar totalmente tranquilo, mas procure controlar suas emoções diárias, sabemos que o seu patrimônio teve uma queda valorosa e terá que correr atrás do prejuízo, mas como se diz o ditado: "cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém".

Não tenha medo de investir, afinal temos que ser gananciosos neste momento onde todos têm medo. O que temos a perder? Se o que está perdido só voltará com o esforço de nosso trabalho.

Quero deixar uma palavra de coragem para você, o período de crise é normal em qualquer local do mundo e o empresário que é inteligente sabe que tão logo o resultado virá.

Vamos à luta e mudemos esse jogo.

PRATO DO DIA

Filé ao molho de mostarda com risoto de alho poró

Ingredientes

Ingredientes da carne:

- 1 torredor do filé mignon cortado em pedaços de três dedos
- 3 dentes de alho espremidos
- Mostarda de dijon (2 colheres de sopa)
- Sal e pimenta a gosto
- 1 cubo de caldo de legumes
- 1/2 xícara de azeite de oliva
- 1 colher de manteiga
- 2 xícaras de chá de creme de leite
- 1 colher de grão de mostarda

Ingredientes do risoto:

- 2 xícaras (chá) de arroz (arbóreo)
- 1 taça de vinho branco
- Caldo de legumes fervente
- 1 xícara de chá de leite
- 5 xícaras de alho poró picado
- Manteiga e azeite o suficiente para fritar o alho e o alho poró
- dentes de alho espremidos



Fotos: Walter Ulysses



Provando o Menu do Paraíba Restaurant Week no Appetito Trattoria

Modo de preparo:

- **FILÉ AO MOLHO DE MOSTARDA**
Grelhar os filés na manteiga e adicionar sal com a pimenta do reino. Depois de grelhados, reserve.
Fritar o alho na manteiga com azeite até ficar transparente. Acrescente a mostarda o caldo de legumes e o creme de leite, acerte o sal se

necessário e despeje sobre os filés, sirva em seguida.

- **RISOTO DE ALHO PORÓ**
Frite o alho e o alho-poró na manteiga com um pouco de azeite, acrescente o arroz e adicione o vinho branco e a água fervente aos poucos, sem parar de mexer, até que o arroz esteja no ponto. Adicione um pouco de leite, acerte o sal e sirva em seguida.

QUENTINHAS

A Paraíba Restaurant Week está de vento em polpa, deu início no dia 27 de maio e vai até 27 de junho e está sendo uma edição híbrida, com atendimento tanto nos salões dos restaurantes quanto por meio de take away (retirada) ou delivery (entrega), como forma de potencializar ao máximo as vendas dos restaurantes participantes. Os 28 restaurantes desenvolveram cardápios especiais (entrada + prato principal + sobremesa) com preços de R\$ 48,90 (almoço) e R\$ 59,90 (jantar). @cantaloupebr @pautacomunicacao

E bora fazer hambúrguer?

Vem aí o curso de Hambúrguer que este colunista estará lecionando em dois dias e muito prático de aprender e de fazer também. Vai acompanhando os stories do meu Instagram que estarei falando a data. @waltinhoulysses

Estivemos no restaurante Appetito Trattoria, um restaurante já conceituado na cidade, e fomos participar do Menu Paraíba Restaurant Week, foi uma boa experiência uma comida italiana com toque de sua cozinha em especial, e ver toda aquela imagem do salão com decoração de pratos com nomes de pessoas frequentadoras do local, faz voltar ao tempo. Parabéns pelo menu honesto e pelo atendimento do Garçon Ramos. @appetitotrattoria2021

PITADAS A GOSTO

Galinha caipira, galinha de capoeira ou caneludo é na culinária brasileira, o termo usado para se referir ao galináceo doméstico criado solto em quintais, fazendas e sítios, em contraste com o de criação industrial ou de granja. Tal iguaria aparece como receita tradicional da culinária nordestina como também mineira e da maioria dos outros estados brasileiros.

Relata-se que os vaqueiros e tropeiros comiam apenas carne de sol e farinha durante suas viagens e, ao retornar para casa, ansiavam por algo diferente.

Assim, as famílias preparavam o frango caipira ou galinha cabidela acompanhado de pirão, arroz branco e feijão tropeiro. Outros autores afirmam que a galinha caipira com quiabo e angu, herança indígena, era usada para alimentar escravos.